



PROJETO COVID-19: NARRATIVAS E CUIDADOS DE PESSOAS AFRODESCENDENTES

Organização:
Francilene Brito da Silva
Francis Musa Boakari
Vicelma Maria de Paula Barbosa Sousa
Simoní Portela Leal
Carlos Henrique da Silva
Sabyna Pohema Soares de Lima





PROJETO COVID-19: NARRATIVAS E CUIDADOS DE PESSOAS AFRODESCENDENTES

Organização:

Francilene Brito da Silva

Francis Musa Boakari

Vicelma Maria de Paula Barbosa Sousa

Simoní Portela Leal

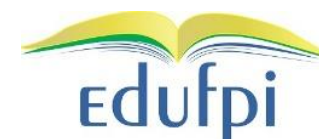
Carlos Henrique da Silva

Sabyna Pohema Soares de Lima

EDUFPI

2021

Teresina - PI - BRA





UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

Reitor
Gildásio Guedes Fernandes

Vice-Reitor
Viriato Campelo

Superintendente de Comunicação
Fenelon Martins da Rocha Neto

Editor
Cleber de Deus Pereira da Silva

EDUFPI - Conselho Editorial
Cleber de Deus Pereira da Silva (presidente)
Cleber Ranieri Ribas de Almeida
Gustavo Fortes Said
Nelson Juliano Cardoso Matos
Nelson Nery Costa
Viriato Campelo
Wilson Seraine da Silva Filho





Editora da Universidade Federal do Piauí - EDUFPI
Campus Universitário Ministro Petrônio Portella
CEP: 64049-550 - Bairro Ininga - Teresina - PI - Brasil
Todos os Direitos Reservados



FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Sistema de Bibliotecas da UFPI – SIBiUFPI
Serviço de Processamento Técnico

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP

P964 Projeto COVID-19 [recurso eletrônico]: narrativas e cuidados de pessoas afrodescendentes / Organizadores Francilene Brito da Silva...[et al.]. – Teresina: EdUFPI, 2021.
PDF 119 p.:il. color.

Vários autores.

Modo de acesso: <<http://ufpi.br/e-book-edufpi>>

ISBN 978-65-5904-068-1

1. Educação Escrita 2. Narrativas. 3. Afrodescendentes. 4. COVID-19 – Cuidados. I. Silva, Francilene Brito da. II. Título.

CDD 370

Bibliotecária: Caryne Maria da Silva Gomes – CRB 3/1461

Título:

Projeto COVID-19: Narrativas e cuidados de pessoas afrodescendentes.

Arte das Ilustrações:

Francilene Brito da Silva – Leninha, Teresina-PI, 2020-2021.

Diagramação do E-book:

Carlos Henrique da Silva e Francilene Brito da Silva, Teresina-PI, 2021.

Unidades Colaboradoras:

Centro de Ciências da Educação – CCE

Departamento de Artes – DEA

Departamento de Fundamentos da Educação – DEFE

Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEd

Núcleo de Estudos Roda Griô: Gênero, Educação e Afrodescendência – Roda Griô: GEAfro

Coordenadoria de Programas, Projetos e Eventos Científicos e Tecnológicos – CPPEC





SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
(RE)ENCONTROS, AFETAÇÕES E CUIDADOS EM RODA/PROJETO: NARRATIVAS DE 2020, UM CHAMAMENTO PARA 2021/VIDA/HUMANIDADE	14
Simoní Portela Leal	14
Francis Musa Boakari	14
Francilene Brito da Silva	14
CAPÍTULOS	20
CAPÍTULO I – CARTAZES E ROTEIROS	21
O QUE NOS DIZEM CADA CARTAZ E ROTEIRO DOS ENCONTROS SOBRE O “PROJETO COVID-19: NARRATIVAS E CUIDADOS DAS PESSOAS AFRODESCENDENTES EM RELAÇÃO À PANDEMIA”?	21
Francilene Brito da Silva	21
CARTAZ E ROTEIRO DE DIÁLOGO DO DIA 28/08/2020 – ENCONTRO ON-LINE	24
Odilanir de Oliveira Leão	24



Caryne Maria da Silva Gomes	24
CARTAZ E ROTEIRO DE DIÁLOGO DO DIA 11/09/2020 – ENCONTRO ON-LINE	27
Márcia Evelim de Carvalho	27
Sabyna Pohema Soares de Lima	27
CARTAZ E ROTEIRO DE DIÁLOGO DO DIA 25/09/2020 – ENCONTRO ON-LINE	29
Francilene Brito da Silva	29
Simoní Portela Leal	29
Vicelma Maria de Paula Barbosa Sousa	29
CARTAZ E ROTEIRO DE DIÁLOGO DO DIA 09/10/2020 – ENCONTRO ON-LINE	31
Leyllane Dharc Carvalho dos Santos Dias	31
Caio de Sousa Feitosa	31
CARTAZ E ROTEIRO DE DIÁLOGO DO DIA 23/10/2020 – ENCONTRO ON-LINE	33
Simoni Portela Leal	33
Carlos Henrique da Silva	33



CARTAZ E ROTEIRO DE DIÁLOGO DO DIA 20/11/2020 – ENCONTRO ON-LINE	36
Emanuella Geovana Magalhães de Souza	36
Wilany Alves Barros do Carmo	36
CARTAZ E ROTEIRO DE DIÁLOGO DO DIA 04/12/2020 – ENCONTRO ON-LINE	38
Vicelma Maria de Paula Barbosa Sousa	38
Antonia Regina dos Santos Abreu Alves	38
L'hosana Céres de Miranda Tavares	38
CAPÍTULO II – PRODUÇÕES POÉTICAS	41
MUNDOS	41
Águida Oliveira	41
VERSOS DO ISOLAMENTO: NARRATIVAS E CONSTRUÇÕES DE COMUNIDADES ENTRE AFRODESCENDENTES DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19	42
Carlos Henrique da Silva	42
Sabyna Pohema Soares de Lima	42
COMO SERÍAMOS SE NÓS CONTINUÁSSEMOS A SER OS MESMOS SEM NENHUMA MUDANÇA? ESPERANÇAMOS.	49



Fernanda da Silva Rocha	49
CAPÍTULO III – CARTAS	50
O QUE EU APRENDI NESTE ANO DE 2020...	50
Antonia Regina dos Santos Abreu Alves	50
TERESINA, 10 DE DEZEMBRO DE 2020	52
Paulo de Tarso X. S. Júnior	52
CAPÍTULO IV – RECEITAS	55
TUDO TEM UM TEMPO PRÓPRIO	55
Edirene Maria Alves do Nascimento	55
RECEITAS <i>IN NATURA</i> DE UMA MULHER AFRODESCENDENTE PARA SOBREVIVER ÀS MUITAS PANDEMIAS NELA MESMA	57
Francilene Brito da Silva	57
CAPÍTULO V – RELATOS DE EXPERIÊNCIAS E NOTÍCIAS	62
OLHANDO DE AVESSE PARA MELHOR VER A PANDEMIA – ENTENDER PARA MAIS PERGUNTAR	62



Francis Musa Boakari	62
ESCREVIVÊNCIAS DE UMA MULHER AFRODESCENDENTE EM MEIO A UMAPANDEMIA: TECENDO SENTIDOS E REFLEXÕES	68
Jhulyane Cristine da Cunha Nunes	68
MULHERES AFRODESCENDENTES DE SUCESSO: RELATO ACADÊMICO NA PANDEMIA	72
Odilanir de Oliveira Leão	72
Caryne Maria da Silva Gomes	72
CAPÍTULO VI – PRODUÇÕES DE ARTIGOS	81
EXPERIÊNCIAS ENCARNADAS: NARRATIVAS DO NÚCLEO DE ESTUDOS RODA GRIÔ-GEAFRO: GÊNERO, EDUCAÇÃO E AFRODESCENDÊNCIA	81
Emanuella Geovana Magalhães de Souza	81
PISO FIRME NESSE CHÃO: LINHAS/CAMINHOS/NARRATIVAS DE ENUNCIÇÃO, CONSTRUÇÃO E CUIDADOS DE SI/NÓS	89
Simoní Portela Leal	89
Francis Musa Boakari	89
ENTRE CARTAS E ERVAS: O NARRAR-SE E O CUIDAR-SE POR MEIO DE EXPERIÊNCIAS DE MULHERES AFRODESCENDENTES COM A PANDEMIA	97
Vicelma Maria de Paula Barbosa Sousa	97



CORPO COMO TECNOLOGIA E TEXTURA DE CUIDADOS	105
Caio de Sousa Feitosa	105
Vicelma Maria de Paula Barbosa Sousa	105
Francilene Brito da Silva	105
ENCONTROS, AFETAÇÕES E CUIDADOS EM RODA	109
Simoní Portela Leal	109
Francisco Ruan da Silva	109
Francilene Brito da Silva	109
CONCLUSÃO	114
AGRADECER	115
Francilene Brito da Silva	115





INTRODUÇÃO



(RE)ENCONTROS, AFETAÇÕES E CUIDADOS EM RODA/PROJETO: NARRATIVAS DE 2020, UM CHAMAMENTO PARA 2021/VIDA/HUMANIDADE

**Simoní Portela Leal
Francis Musa Boakari
Francilene Brito da Silva**

Paramos para (nos) amar(mos), ou seria melhor dizer que fomos parados na Pandemia de 2020? Ou ainda, que: Fomos paradas/os e desafiadas/os a nos perceber com mais cuidado e carinho? Paramos em casa e muitos de nós puderam participar das Rodas de Conversas do “Projeto COVID-19: Narrativas e Cuidados das Pessoas Afrodescendentes em Relação à Pandemia” (2020), do Núcleo de Estudos e Pesquisas Roda Griô GEAFro. Nesses encontros, começamos a perceber que precisávamos de mais cuidado diante das incertezas e da banalização das vidas, especialmente, afrodescendentes e indígenas. Por dias ficamos impotentes pelo desconforto das (in)certezas diante de um vírus. Como algo tão pequeno nos fez imergir em uma imensidão de silêncios/vazios – incertezas e medos? O tempo, na temporalidade nossa, ganhou outro ritmo. O isolamento nos leva a perceber lugares perdidos dentro do nosso cotidiano e da nossa vida “normal”. Aliás, as palavras “nova” e “normal” são tão recorrentes nesse momento/contexto, mas os usos

destas, nesse trabalho, são provocações para questionar um *ethos* social inebriado, construído a partir de uma normalização/naturalização de uma uni-versalidade. Uma cosmovisão dominante – europacentrada, dominante-dominadora.

Fomos educados a ler a nossa história com os olhos do outro? Fomos responsabilizados por nossas limitações? Educados para questionar ou apresentar respostas? Com o vírus, foi diferente? Quem tem sido o culpado por toda a crise sanitária que estávamos/estamos vivenciando? Em o “Monólogo do Vírus” (2020), texto 05 publicado pela “n-1 edições”, o vírus responde com uma provocação: “sou apenas a outra face da Morte que reina”. Essa interpretação não é uma forma de nos levar a (re)pensarmos sobre nossas ações enquanto humanos, de acordo com as nossas presunções. Pois, o vírus não tem “outro cúmplice, que não, a própria (des)governança social, a loucura pelo grande consumismo, o fanatismo pelo poder. O monólogo ainda afirma que veio para expor a “aberração da normalidade”. A normalidade de uma “humanidade” que muitos não questionam e só aceitam o adjetivo sem as suas responsabilidades de se cuidar para bem cuidar das outras pessoas, nossas e de outras, também. Questionar a nossa própria humanidade pode ser algo do novo normal.

Assim, partimos também da cosmopercepção de Ailton Krenak (2020), indígena consciente, para questionarmos se esse “novo” nos levará mesmo a uma nova humanidade e/ou se conseguiremos quebrar a lógica da “abstração civilizatória” e reconhecermos a pluralidade da cosmovivência. Ao mesmo tempo que Krenak (2020) faz um chamamento para “não voltarmos à normalidade” da vida cômoda-desumanizadora dos últimos séculos, também nos convida ao regresso, convite reforçado por Paulina Chiziane (2020),

moçambicana humanista-feminista, na voz de ancestrais dos povos sulsaarianos do continente africano, e pelo sempre-presente-relevante Paulo Freire (2011) ao proporem um trajeto para além da racionalidade homogeneizante. Com (re)encontros como possibilidades de um sentir-se ontológico, com “retornos” aos/às seus/raízes. Em busca de uma existência/enunciação, mas que se faz presente no mundo atual e com o mundo outro: com cuidado, com o qual as pessoas afrodescendentes são reconhecidas como sujeitos e enunciadores ao narrar-se. Não estariam falando da humanidade de que falamos tanto? Humanidade esta que nega direitos a tantos humanos.

Em espaços/tempos que se abrem diante de afetações, estamos na encruzilhada entre o capitalismo e a valorização da vida de quem não é considerado “tão humano assim” – aquelas/es que precisam ir para seus subempregos e sustentar a família diante de uma pandemia. Estamos diante da encruzilhada que estruturou a existência “humana”: os privilégios e as exclusões/negações racistas. Não queremos ceder às armadilhas da morte, diante da necropolítica estabelecida entre o retorno às atividades “normais” e o ficar em casa. Os que puderem/decidirem viver terão que criar “novos” hábitos dentro desta política mortal. Para isso, recorreremos a costumes (relações entre corpos e natureza natural), que se desviam do epistemicídio (GROSFOGEL, 2016), por exemplo. Pois, muito dos saberes originários foram desconsiderados diante da “valoração de conhecimentos” academizados. Mas, os encontros com o Projeto, assim como nas outras Rodas do Núcleo Roda Griô, tomados estes como saberes essenciais para o cuidar de si e do outro, diante da proliferação do vírus.

Com o Projeto e as narrativas adiante, neste E-book, percebemos que não precisaremos somente de vacina – que no Brasil ainda é negada pelo governo (indefinições ainda em janeiro de 2021 enquanto há pessoas já sendo vacinadas em outros países) – e que a ciência está para além da academia e do capitalismo, ela está nas comunidades entre solidariedades e conhecimentos colaborativos. Pois, nos encontros *on-line* durante o Projeto, as narrativas só foram possíveis porque nós nos abrimos como comunidade, acreditando numa ciência além de fronteiras, com conhecimentos e práticas cegas às diferenças e somente interessadas nas pessoas como parte da sociedade humana. Com isso percebemos que precisamos criar redes de comunicação que nos permitam comungar conhecimentos cotidianos no cuidado e amor a si e aos nossos parentes e amigos, dentre outros seres humanos. E, diríamos mais, dentre outros seres. Descobrimos, então, uma maneira de refletir sobre o nosso bem-viver – abrir-se ao diálogo. O cuidar-se é algo que também está perpassado pelo diálogo. A negação em ouvir estas comunidades e estes diálogos é porta aberta para a proliferação de vírus e de injustiças sociais. Descobrimos, também, que precisamos de justiça social, epistêmica, e que esta ainda é uma utopia para as comunidades afrodescendentes, que já somam mais de 80% no Piauí (CIDADE VERDE, 2019), e que, desde o início da proliferação em massa do novo coronavírus, SARS-CoV2, causado pela doença COVID-19, estas populações fazem parte do grupo de risco devido sua classe social – herança do racismo brasileiro (MICROBIOLOGANDO, 2020).

Assim, oralidade e narrativa são maneiras de cuidados entre nós. A escuta e a fala se tornam abordagens teórico-metodológicas diante do existir nas limitações de contato físico e esforços comunicacionais. E é a partir dessa metodologia/objetivo que este projeto se inseriu nas

sextas-feiras pelas manhãs entre os meses de julho a dezembro de 2020. Serviu como um chamamento para (re)pensarmos, (re)organizarmos as novas atividades da Roda Griô – grupo de estudo, partilha e vivências das questões educacionais, gênero e afrodescendência em diálogos com a operacionalização do próprio “Projeto COVID-19: Narrativas e Cuidados das Pessoas Afrodescendentes em Relação à Pandemia” (2020).

O primeiro (re)encontro foi carregado de afetos/afetações, sensibilidades afloradas pelas possibilidades de aconchego mesmo diante do contexto. As narrativas nesse encontro, se voltaram para descrever os cuidados de si, ao mesmo tempo em que fomos envolvidos em uma teia de narrativas de vivências/experiências de como lidar com o contexto formando uma rede de cuidados. Experiências/vivências que se imbricaram em (re)encontro de si e com os seus. A volta para casa, para perto dos pares e para o seu próprio corpo, nos fez perceber o quão é caro pertencer a si mesmo, como somos fragmentados dos *loci*/corpos que nos constitui em busca do ser-que-não-pode-ser nas incertezas e limites, mas do estar-sendo.

Enquanto os relatos/vivências iam sendo descritos pelos partícipes desse (re)encontro, a memória também começava a fazer retornos, principalmente no dia 10 de março de 2020 quando voltamos para casa com a bagagem cheia de dúvidas/inquietações, pois estávamos iniciando o isolamento social. Comparamos este trajeto com a angústia de Conceição Evaristo, mãe e escritora/arquiteta de palavras, que provocam o humano das pessoas, em “Olhos d’Água” (2016), ao se questionar “de que cor eram os olhos da sua mãe”. Um conto carregado de emoção e indignação, que nos leva a conscientizarmo-

nos dos caminhos e objetivos em busca desse ser-que-não-pode-ser e que estar-sendo. Evaristo nos despertou também para prestarmos mais atenção aos nossos olhos e aos olhos de quem convivem conosco, dentro de uma pandemia. E, sobre aqueles que foram levados (mortos), objetificados em estatísticas governamentais ou não, nos demos conta de que sua memória nos constitui enquanto força vital. Seus ensinamentos são também um cuidado. Como dizem entre muitos povos do continente africano, as/os mortas/os não estão acabadas/os. Estão mais perto do que a gente pensa. Estão no mundo dos espíritos para ajudar e fortalecer a corrente da vida, a continuidade do povo.

Assim, seguindo o exercício/angústia de Evaristo vamos tentando/fazendo retornos de experiências e sensações a partir dos detalhes e das coisas miúdas do cotidiano, como por exemplo, dos risos e afetações enquanto tomávamos café juntas/os a tardezinha, momento em que tecíamos os relatos de um dia de trabalho e compartilhávamos memórias de outros tempos e outras/os sujeitas/os. Dos cheiros que compunham as nossas manhãs antes de sairmos aligeiradas/os para irmos para escola e trabalho e de acordar com cantos e encantos da simplicidade de uma vida cidadina interiorana. Das estórias e causos contados pelos nossas/os avós/avôs que nos conectam a temporalidades que não vivenciamos somente, mas pertencemos. Dos medos e incertezas, potencialmente empoderadores. Questionar o que está e o que somos, são provas de força, coragem para enfrentar respostas como novas possibilidades-desafios. Nestes se revolve a afrodescendência, a existência de modo *sankofa* – continuar indo para frente sem esquecer as riquezas do passado, sempre pronta/o para voltar e apanhar de volta!

É a partir das memórias/narrativas e vivências que a Roda/Projeto convidou a vivenciarmos/partilharmos como cuidado o ano de 2020 em meio à Pandemia, que também nos faz um chamamento/ideia, nos dizeres de Krenak (2019), para adiarmos o fim do mundo, nosso mundo, além de nos direcionar para a conscientização da existência de diversos mundos no mundo das crianças, homens, idosas/os, jovens, mulheres, e outros seres. Um mundo menos excludente dos seres vivos. Um mundo cuja alegria é a vida de e para todos. Sim, a maneira de evitarmos o fim proposto por processos opressivos é contando mais narrativas/histórias como forma de (re)existência. Krenak (2019) ainda ressalta os mecanismos de existir alimentando-se da “seiva” das diferentes “raízes/memórias do Baobá” para existirmos e sermos enquanto humanidades de vida/2021. Em construção permanente, o humano da humanidade – aquela da nossa vocação ontológica, não privilégio de poucos.

Nos escritos do E-book iremos provar, degustar, tocar, cheirar, perceber um pouco esta vocação ontológica. Cada escrito nos convida a conectarmo-nos com os conhecimentos e afetações de cada autoria. Dividimos este livro eletrônico em seis capítulos. No Capítulo I, sobre os Cartazes e Roteiros, nos perguntamos: o que nos dizem cada cartaz e roteiro dos encontros sobre o projeto de extensão que resultou neste E-book. Deste modo, reproduzimos com a formatação original, os seguintes roteiros (com seus respectivos cartazes), bem como, os ministrantes: “Cartaz e roteiro de diálogo do dia 28/08/2020 – encontro on-line” (Odilanir de Oliveira Leão e Caryne Maria da Silva Gomes), “Cartaz e roteiro de diálogo do dia 11/09/2020 – encontro on-line” (Márcia Evelim de Carvalho e Sabyna Pohema Soares de Lima), “Cartaz e roteiro de diálogo do dia 25/09/2020 – encontro on-line” (Francilene Brito da Silva, Simoní Portela Leal e Vicelma Maria

de Paula Barbosa Sousa), “Cartaz e roteiro de diálogo do dia 09/10/2020 – encontro on-line” (Leyllane Dharc Carvalho dos Santos Dias e Caio de Sousa Feitosa), “Cartaz e roteiro de diálogo do dia 23/10/2020 – encontro on-line” (Simoni Portela Leal e Carlos Henrique da Silva), “Cartaz e roteiro de diálogo do dia 20/11/2020 – encontro on-line” (Emanuella Geovana Magalhães de Souza e Wilany Alves Barros do Carmo), e “Cartaz e roteiro de diálogo do dia 04/12/2020 – encontro on-line” (Vicelma Maria de Paula Barbosa Sousa, Antonia Regina dos Santos Abreu Alves e L'hosana Céres de Miranda Tavares).

No Capítulo II – Produções Poéticas, encontraremos os “Mundos” de Águida Oliveira, os “Versos do Isolamento: Narrativas e construções de comunidades entre afrodescendentes durante a pandemia de COVID-19” de autores Carlos Henrique da Silva e Sabyna Pohema Soares de Lima, bem como, a indagação: “Como seríamos se nós continuássemos a ser os mesmos sem nenhuma mudança? Esperançamos”, de Fernanda da Silva Rocha. São escritas inspiradoras.

No Capítulo III – “Cartas”, Antonia Regina dos Santos Abreu Alves nos comunica sobre sua aprendizagem em “O que eu aprendi neste ano de 2020...” e Paulo de Tarso X. S. Júnior nos provoca com uma carta escrita para o próprio autor, ele mesmo enquanto protagonista, em “Teresina, 10 de dezembro de 2020”. A leitura das cartas são parte de um gênero autobiográfico provocador.

Já no Capítulo IV – “Receitas”, o convite nos vem para não desperdiçarmos nosso tempo de vida. Em “Tudo tem um tempo próprio”, Edirene Maria Alves do Nascimento traz uma receita

subjetiva para nos mostrar o que ela encontrou ao vivenciar as rodas de conversas no Projeto. Mas, em “Receitas *in natura* de uma mulher afrodescendente para sobreviver às muitas pandemias nela mesma”, de Francilene Brito da Silva, poderemos continuar a ser provocadas/os quando a autora nos convida a beber novamente de fontes ancestrais simples e eficazes para o manter-se sã/são.

Com a continuação das leituras, o Capítulo V – “Relatos de experiências e notícias”, vem trazendo “Olhando de avesso para melhor ver a pandemia – entender para mais perguntar”, de Francis Musa Boakari, com muitos questionamentos, reflexões e notas de vivências de quem já tem experiência diante das dificuldades e das belezas dos desafios discutidos pelo autor. Em “Escrivências de uma mulher afrodescendente em meio a uma pandemia: tecendo sentidos e reflexões”, Jhulyane Cristine da Cunha Nunes mostra-se poeticamente no cotidiano habitado por ela mesma, nesta sociedade. E, em “Mulheres afrodescendentes de sucesso: relato acadêmico na pandemia”, as autoras Odilanir de Oliveira Leão e Caryne Maria da Silva Gomes relatam notícias e experiências que puderam observar durante este período do Projeto.

Por fim, no último, Capítulo VI – “Produções de artigos e resumo expandidos”, vamos ler-experienciar resultados de articuladas vivências das narrativas cotidianas, em forma de textos que falam-escutam (sobre): “Experiências encarnadas: Narrativas do Núcleo de Estudos Roda Griô-Geafro: Gênero, Educação e Afrodescendência”, de Emanuella Geovana Magalhães de Souza; “Piso firme nesse chão: linhas/caminhos/narrativas de enunciação, construção e cuidados de si/nós”, de Simoní Portela Leal e Francis Musa Boakari, “Entre cartas e ervas: o narrar-se e o cuidar-se por meio de experiências de mulheres

afrodescendentes com a pandemia”, de Vicelma Maria de Paula Barbosa Sousa; “Corpo como tecnologia e textura de cuidados”, de Caio de Sousa Feitosa, Vicelma Maria de Paula Barbosa Sousa e Francilene Brito da Silva; “Encontros, afetações e cuidados em roda”, de Simoní Portela Leal, Francisco Ruan da Silva e Francilene Brito da Silva.

Na sequência, nada melhor para concluir este prazeroso trabalho-projeto do que agradecer. É assim que concluímos nosso E-book, com “Agradecer”, de Francilene Brito da Silva.

Boas sensações-leituras. Bons (re)encontros, afetações e cuidados. E, se quiser ler em roda, será bem bonito.

Referências:

CIDADE VERDE. No Piauí, 80% dos piauienses se consideram pardos ou pretos; é o 3º Estado do Nordeste. 13 nov. 2019. Disponível em: <https://cidadeverde.com/noticias/312176/no-piaui-80-dos-piauienses-se-consideram-pardos-ou-pretos-e-o-3-estado-do-nordeste>. Acesso em: 29 mai. 2020.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'Água.** Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os

quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, jan/abr 2016.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Cia das Letras, 2020.

MICROBIOLOGANDO. **Na pandemia de COVID-19 no Brasil, vidas negras importam?** 18 jul. 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/microbiologando/2020/07/18/na-pandemia-de-covid-19-no-brasil-vidas-negras-importam/>. Acesso em: 10 ago. 2020.

MONOLOGO DO VÍRUS. Disponível em: <https://www.n-ledicoes.org/textos/24>. Acesso em: 16 out. 2020.

O REGRESSO COM PAULINA CHIZIANE. Disponível em: https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=202580731005057&id=108200670585691. Acesso em: 03 ago. 2020.

SILVA, Francilene Brito da. **Projeto COVID-19: narrativas e cuidados das pessoas afrodescendentes em relação à pandemia**. Projeto de Extensão, Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREXC), Universidade Federal do Piauí (UFPI). Teresina, PI: UFPI, 2020.



CAPÍTULOS



CAPÍTULO I – CARTAZES E ROTEIROS

O QUE NOS DIZEM CADA CARTAZ E ROTEIRO DOS ENCONTROS SOBRE O “PROJETO COVID-19: NARRATIVAS E CUIDADOS DAS PESSOAS AFRODESCENDENTES EM RELAÇÃO À PANDEMIA”?

Francilene Brito da Silva

Regado a café, pela manhã, os encontros da Roda não foram mais os mesmos nesta Pandemia de 2020. Apesar dos desafios, inventamos um novo jeito de nos encontrar, pela internet. Os sinais caíam, a energia faltava, os computadores, às vezes, nos deixavam na mão, a família nos chamava, alguém no portão de casa... Mas, a vontade de seguir juntas/os para podermos superar este momento de incerteza era

bem maior. Por isso, trazíamos o nosso cafezinho para perto do computador e começávamos a tecer nossos cuidados diante da tela. O “Projeto COVID-19: Narrativas e cuidados das pessoas afrodescendentes em relação à Pandemia” foi uma ação de Extensão da Universidade Federal do Piauí organizada e executada pelo Núcleo de Estudos Roda Griô (como é mais conhecido).

Durante o período de 01 de julho à 31 de dezembro de 2020, nós, da equipe organizadora, e as pessoas que participaram do projeto, nos encontramos às sextas-feiras (quinzenalmente) entre 14/08/2020 à 18/12/2020 – das 8h30 às 11h30 de forma *on-line* pelo www.google.meet.com, vivemos momentos de aprofundamento e acolhida nas questões que suscitavam esta ação.

Questões que ainda estão em aberto: Quais cuidados as pessoas afrodescendentes estão tomando na atual pandemia da COVID-19? Como elas podem narrar estes cuidados em rodas de conversas para se fortalecerem cada vez mais? Como nos mantivemos vivos/os diante de tantos desafios que se desnudaram nesta pandemia?

Sabendo que somos mais de 80% da população piauiense (CIDADE VERDE, 2019) e que sobre nós recai ainda a cultura da exclusão social, dentre outras, como chegamos até aqui? Quais lições as pessoas afrodescendentes têm para nos fazer pensar-sentir diante dos desafios da má política, da má distribuição de renda, das limitações que nos afligem neste momento, mas em tantos outros que já passamos? No primeiro encontro, começamos nossa conversa a partir destes cartaz e roteiro, que seguem na sequência abaixo:

Imagem 1 – Cartaz do Primeiro Encontro do Projeto. 14/08/2020 – Encontro on-line pela plataforma www.google.meet.com



Fonte: Acervo particular do Núcleo Roda Griô, 2020.

O cartaz na Imagem 01 revela uma história aprendida por nós sobre a prática de entrarmos no mês de maio com uma simbólica flor na porta de nossas casas, pois nos possibilita saudar um mês que é referência como sacralidade, feminilidade, fertilidade. Nesta pandemia de 2020, as flores colocadas no mês de maio foram motivos de comunicação com os vizinhos, apesar do distanciamento social. Era como se disséssemos: **estamos juntos, apesar da distância**. O primeiro encontro da Núcleo Roda Griô em forma de Projeto, em julho de 2020 dentro da pandemia, foi assim, um recado para nos lembrar que não

estávamos sozinhas/os. Abaixo, vemos o roteiro deste primeiro encontro.

1. Objetivo, Expectativas e Cronograma

Descobrir práticas de bem-viver criadas no dia-a-dia dos sujeitos afrodescendentes no cuidado de si e dos outros, na relação entre o cotidiano e a atual situação de convivência com o novo coronavírus, bem como, com as velhas dificuldades existentes.

As intervenções são, inclusive, a nossa rede de apoio coletiva como: escuta e abertura para novos hábitos dentre tantas práticas que surgirão, visto que anunciamos que o trabalho enredar-se-á com/pelas narrativas em processos de elaboração coletiva de uma “escuta sensível”, como modos de partilhas em grupo, como vivências de si na relação com a produção comunitária de conhecimentos adquiridos mutuamente, mentalmente e culturalmente.

Esperamos participação das pessoas partícipes deste projeto através de suas narrativas nos encontros on-line. E, que possamos ter uma publicação (E-book) que nos faça perceber o quanto uma roda interativa de conversa pode despertar a comunidade para novas práticas e aspectos abordados de bem-viver na vida de 80% da população piauiense, que são de afrodescendentes – segundo o site Cidade Verde (2019).

14/08/2020 – Encontro on-line.

28/08/2020 – Encontro on-line.

11/09/2020 – Encontro on-line.

25/09/2020 – Encontro on-line.

09/10/2020 – Encontro on-line.

23/10/2020 – Encontro on-line.

06/11/2020 – Encontro on-line.

20/11/2020 – Encontro on-line.

04/12/2020 – Encontro on-line.

18/12/2020 – Encontro on-line.

No dia do encerramento das inscrições deste Projeto, o número de pessoas mortas no Brasil era de 100.477 e no Piauí era de 1.469 (AGÊNCIA BRASIL, 2020). Cada uma dessas pessoas possivelmente era amada e amava alguém. Escutamos a falta delas. (Roteiro do 1º Encontro do Projeto COVID-19: Narrativas e cuidados das pessoas afrodescendentes em relação à Pandemia, 2020).

Este roteiro explicativo serviu de base para iniciarmos os contatos entre nós e os encontros quinzenais do Projeto. Neste dia, fizemos o nosso Calendário temático de atividades a partir das sugestões saídas no encontro. Os temas sugeridos foram:

- Mulheres Brasileiras Afrodescendentes de Sucesso: o discurso do fazer, fazendo diferença;
- Sociabilidades em tempos de pandemia;
- Como lidar com vizinhos e família na pandemia;
- Assumimos por todo esse tempo dois caminhos: o mito de Pôncio Pilatos (lavando, lavando...esquivando, esquivando...) ou sendo Penélopes da vida (tecendo a nós mesmos no grande tecido social);
- Texto: Ideias para adiar o fim do mundo - Ailton Krenak;
- Livro: O espírito da intimidade - Sobonfu Somé;
- Sagrado Feminino na pandemia;
- Violência contra mulheres e crianças;
- Diásporas, Migrações, Retirâncias que a pandemia tem provocado;
- “Valorização da Cultura Africana: aspectos relevantes da cultura afro-brasileira”;

- Música: "Eu vou andando pelo mundo como posso. E me refaço em cada passo dado" – Luedji Luna;
 - Manifestações e Protestos nesta pandemia;
 - Vídeo: Tempero Drag: Esperança e imaginação política;
 - Mulheres negras (afrodescendentes) trabalhadoras domésticas em tempos de pandemia;
 - Cantiga: Cuidar do outro é cuidar de mim, cuidar de mim é cuidar do outro;
 - Texto: Vivendo de Amor – bell hooks;
 - Texto: Amor: o impossível e uma nova suavidade – Suely Rolnik: (<https://www.geledes.org.br/amor-o-impossivel-e-uma-nova-suavidade-suely-rolnik/>);
 - Livro: Por que amamos: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor – Renato Nogueira;
 - As experiências docentes com a pandemia;
 - A exaustão das diversas profissões exercidas nesse período;
 - Vídeo: 7 Denúncias: As consequências do caso covid-19: (<https://www.youtube.com/watch?v=-ugqbyDCamw>).
- (Roteiro do 1º Encontro do Projeto COVID-19: Narrativas e cuidados das pessoas afrodescendentes em relação à Pandemia, 2020).

No encontro seguinte, já estávamos nos familiarizando com o ritmo da plataforma digital que escolhemos (*www.google.meet*) para habitar as sextas-feiras pela manhã e dialogarmos sobre os temas disparadores das nossas narrativas, que foram direcionadas aos cuidados que tecíamos dia a dia no contexto atual.

CARTAZES E ROTEIROS:

A seguir, veremos os cartazes e os roteiros usados nos principais encontros quinzenais. Estes trouxeram grandes reflexões diante das limitações que tínhamos no período. Limitações estas não somente com relação as condições de isolamento e medo do vírus, mas de acesso à internet e possibilidades de estar se comunicando e formando uma rede de apoio subjetiva, psicológica, emocional, educativa e cultural.

Referências:

AGÊNCIA BRASIL. Brasil registra mais de 100 mil mortes por covid-19. Número de recuperados da doença passa de 2 milhões. 08 ago. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-08/brasil-registra-mais-de-100-mil-mortes-por-covid-19>. Acesso em: 10 ago. 2020.

CIDADE VERDE. No Piauí, 80% dos piauienses se consideram pardos ou pretos; é o 3º Estado do Nordeste. 13 nov. 2019. Disponível em: <https://cidadeverde.com/noticias/312176/no-piaui-80-dos-piauienses-se-consideram-pardos-ou-pretos-e-o-3-estado-do-nordeste>. Acesso em: 29 mai. 2020.

MICROBIOLOGANDO. Na pandemia de COVID-19 no Brasil, vidas negras importam? 18 jul. 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/microbiologando/2020/07/18/na-pandemia-de-covid-19-no-brasil-vidas-negras-importam/>. Acesso em: 10 ago. 2020.



CARTAZ E ROTEIRO DE DIÁLOGO DO DIA 28/08/2020 – ENCONTRO ON-LINE

Odilanir de Oliveira Leão
Caryne Maria da Silva Gomes

Imagem 2 – Cartaz do Segundo Encontro do Projeto. 28/08/2020 – Encontro on-line pela plataforma www.google.meet.com



Fonte: Acervo particular do Núcleo Roda Griô, 2020.

Roteiro¹:

A obra que será discutida nesta sexta-feira (28/08), faz parte do livro **EDUCAÇÃO, GÊNERO E AFRODESCENDÊNCIA: a dinâmica das lutas de mulheres na transformação social** de autoria de: Francis Musa Boakari - Ana Carolina Magalhães Fortes - Haldaci Regina da Silva - Lucienia L. Pinheiro Martins - Ranchimit B. Nunes - Raimunda F. Gomes Coelho (Org.). A obra é da Editora CRV, ISBN: 978-85-444-0340-2, ano de 2015.

A interligação das temáticas “Educação, Gênero e afrodescendência” tratadas neste livro é resultado de um movimento acadêmico - político - intelectual no qual são repensadas as experiências educacionais e as condições de vida de pessoas afrodescendentes, a partir de uma perspectiva feminista. O conjunto dos seis textos que compõem a obra trata-se de pesquisas acadêmicas na pós-graduação, e traz o recorte sobre as experiências e dinâmicas das lutas sociais de mulheres afrodescendentes brasileiras e piauienses orientadas pelo pertencimento étnico-racial e pelo desejo de transformação social.

Os estudos sobre a diversidade constitutiva das participantes estão dinamizados a partir da problematização de suas dimensões, que se referem à imbricação das dominações sexistas, racistas, de orientação sexual, religiosa e de pertencimento étnico como os relacionados às territorialidades do quilombismo.

Os temas tratam de processos históricos de inferiorização social, com destaque para o que nas estratégias de luta são chamados de racismo, machismo, lesbofobia, entre outros. Esses temas e o seu enfrentamento é dado pela educação, o que certamente dá unidade à obra, associado à questão de gênero.

¹ Todos os Roteiros dos Encontros seguem aqui com o mesmo formato e linguagem realizados pela equipe que organizou e ministrou o Encontro do dia específico.

A explicitação da dinâmica de enfrentamento indica as importantes lutas e os embates sociais vividos por mulheres afrodescendentes brasileiras em diferentes contextos, e que a transversalidade das diversas experiências educacionais dessas mulheres tem garantido uma ação integrada e sustentável entre as instâncias governamentais e, conseqüentemente, o aumento da eficácia das políticas públicas, assegurando a redução das assimetrias de gênero, étnica e racial.

Fonte: <https://www.editoracrv.com.br/produtos/detalhes/31081-detalhes>

MULHERES BRASILEIRAS AFRODESCENDENTES DE SUCESSO: o discurso do fazer, fazendo diferenças.

Maria, Maria

Maria, Maria É um dom, uma certa magia Uma força que nos alerta Uma mulher que merece Viver e amar Como outra qualquer Do planeta

Milton Nascimento, 1979.

A pretensão do autor é discutir aspectos considerados de muita valia em relação à mulher brasileira afrodescendente. Se utilizando do termo AFRODESCENDÊNCIA para os descendentes em todos os tempos e em todas as partes do mundo atual. Menciona Afrodescendentes, por considerar as diásporas africanas, em períodos variados sempre será necessário o prefixo definidor do pertencimento nacional ou regional, os rótulos geopolíticos. (BOAKARI, 2015).

DISCUSSÃO:

1. Neste trabalho está se referindo às/aos brasileiras/os de ascendência africana, as/os brasileiras/os afrodescendentes de parentesco com

africanas/os que foram criminalmente escravizadas/os, brutal e desumanamente trazidas/os para o Brasil como propriedade particular para servir de peças de trabalho (pág. 22);

2. O termo afrodescendente (pág. 22);

3. As mulheres afrodescendentes de sucesso visto de outro modo, usam o seu próprio discurso do fazer fazendo acontecer pelas conquistas de outras pessoas (pág. 23);

4. O que seria engraçado na sociedade brasileira? (pág. 24);

5. O sistema de mérito na USP, o que se deve dizer deste Brasil do Séc. XXI? (pág. 26)

6. As mulheres Afrodescendentes e sua condição de “subcidadania” de grupo racial/ social/ cultural/ histórica e identidades individuais x ordem eurocêntrica (pág. 26 e 27);

7. A interseccionalidade descreve o desencadeamento de múltiplas discriminações sofridas pelas mulheres afrodescendentes (pág. 30);

8. A metáfora da interseccionalidade e o trânsito (pág. 30);

9. A mulher Afrodescendente e as possibilidades de escolha: ser sujeito pleno ou objeto total, ter autonomia ou ser dominada por outros (pág. 32);

10. A mulher brasileira afrodescendente considerada de sucesso socioeducacional (pág. 33);

11. Mulheres que se enquadram no grupo que ajuda a redimensionar a questão do sucesso de modo diferente, e porque não, de avessos de fato porque realizado por “mulheres invisíveis”, são as Donas Marias. (pág. 33);

12. Vidas dedicadas aos outros a fim de ajudar na humanização da comunidade para contribuir na hominização do mundo. (pág. 34);

13. Sáfira e a Dona Maria (págs. 35 e 36);

14. Mulheres que assumem responsabilidades concretas para fazer algo para outras mulheres = satisfação com suas conquistas de influência na vida de outras (pág. 38);

15. Mulheres afrodescendentes de sucesso, seu sucesso está na valorização das outras no caminho de se valorizar, se definir como satisfeitas... (pág. 40).



CARTAZ E ROTEIRO DE DIÁLOGO DO DIA 11/09/2020 – ENCONTRO ON-LINE

Márcia Evelim de Carvalho
Sabyna Pohema Soares de Lima

Imagem 3 – Cartaz do Terceiro Encontro do Projeto. 11/09/2020 – Encontro on-line pela plataforma www.google.meet.com



Fonte: Acervo particular do Núcleo Roda Griô, 2020.

Roteiro:

Não tenho essa discussão sobre relacionamentos toda organizada, sistematizada, etc. Várias imagens vêm e vão, como estrelas, pequenas estrelas. Você terá de unir estas imagens, para poder fazer algum sentido delas. O que é importante, porém, é ver nossa compreensão da intimidade primordialmente como uma prática determinada pelo espírito ou autorizada pelo espírito e executada por alguém que reconhece que não pode, por si própria, fazer acontecer aquilo a que foi convidada.

(Sobonfu Somé)

1. Referência:

SOMÉ, Sobonfu. O abraço da comunidade. In: **O Espírito da Intimidade**: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. São Paulo: Odysseus, 2003. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B_Dg2TKcVQ-Tc0JIbnk0RGo3NTA/view

2. Sensibilização: Uma viagem para o continente africano, mais especificamente para a África Ocidental, para Burkina Faso, aldeia de Dano, onde se passa nossa história de hoje, um encontro com o povo da etnia Dagara, com Sobonfu Somé e o Espírito da Intimidade. Esperamos que o texto possa acionar em vocês pensamentos, revelações, associações, palavras, ressignificações.

3. Quem foi Sobonfu Somé

Sobonfu Somé foi uma professora e escritora burquinense, autora, palestrante, ativista, especializada em tópicos

de espiritualidade. Escreveu os livros: O espírito da intimidade; Congratulando-se com Espírito Home: antigos ensinamentos Africano para comemorar Crianças e Comunidade; *Falling Out of Grace*: Meditações sobre a perda, cura e sabedoria; Sabedoria das Mulheres do Coração da África.

Fundou a *Wisdom Spring* (Sabedoria Primavera) organização para ensinar espiritualidade Africana aos ocidentais e para fornecer água potável para as aldeias em África Ocidental.

Morreu em 14 de janeiro de 2017, vítima de um sistema imunológico enfraquecido atribuído à contaminação da água.

4. Do que trata o texto:

O abraço da comunidade é um dos capítulos do livro O espírito da intimidade, de Sobonfu Somé, que analisa os relacionamentos e a intimidade através das lentes da espiritualidade e dos ensinamentos africanos e mostra a importância que a comunidade assume nesse processo.

5. Reflexões, buscas, conexões... (Relatos pessoais)

1. O que temos a aprender com Sobonfu Somé sobre sociabilidades, espiritualidade, relacionamentos, intimidade?
2. Que relações você faz desses ensinamentos com seu modo de viver ocidental?
3. Como agregar “a conexão íntima” com a vida expressa por Sobonfu, no nosso cotidiano, na nossa comunidade, entre os nossos?

- “A comunidade é o espírito, a luz-guia da tribo; é onde as pessoas se reúnem para realizar um objetivo específico para ajudar os outros a realizarem seu propósito e para cuidar umas das outras” (p.35)
- “Aqui no Ocidente, talvez nunca tenhamos o tipo de comunidade que tínhamos na África. No entanto, podemos ao menos ter uma noção dela, permitindo que os amigos participem de nossa vida”. (p.38)
- “Aqueles que moram no Ocidente podem criar uma noção de comunidade em sua cidade. [...] São tentativas de recriar uma comunidade maior, que existia e foi destruída” (p.41)
- “Como seres humanos, somos limitados ao que podemos fazer ou dar. Assim ao educar crianças, precisamos definitivamente, do apoio de outras pessoas. É como dizemos ‘é preciso toda uma aldeia para manter os pais sãos.’” (p.44)
- “Quando começamos a sentir um problema, pensamos que ele pertence somente às duas pessoas envolvidas. Esquecemos que o espírito está lá. Tendemos a esquecer que temos aliados que podem nos dar força. Esquecemos de pedir ajuda aos nossos amigos e familiares.” (p.47)
- “Precisamos abraçar o novo milênio, com um olhar totalmente novo, um coração que permite respeito mútuo.” (p.52)



CARTAZ E ROTEIRO DE DIÁLOGO DO DIA 25/09/2020 – ENCONTRO ON-LINE

**Francilene Brito da Silva
Simoní Portela Leal
Vielma Maria de Paula Barbosa Sousa**

Imagem 4 – Cartaz do Quarto Encontro do Projeto. 25/09/2020 – Encontro on-line pela plataforma www.google.meet.com



Fonte: Acervo particular do Núcleo Roda Griô, 2020.

Roteiro:

1. Memória e sensibilização:

Não tenho essa discussão sobre relacionamentos toda organizada, sistematizada, etc. Várias imagens vêm e vão, como estrelas, pequenas estrelas. Você terá de unir estas imagens, para poder fazer algum sentido delas. O que é importante, porém, é ver nossa compreensão da intimidade primordialmente como uma prática determinada pelo espírito ou autorizada pelo espírito e executada por alguém que reconhece que não pode, por si própria, fazer acontecer aquilo a que foi convidada.

(Sobonfu Somé)

- Masculino e feminino - além das concepções binárias de corpos;
- Como perceber as relações masculino e feminino em corpos?
- O sagrado é o feminino ou o corpo? Corpo como altar - tem uma cosmo percepção e cosmovivência feminina? E a masculina?

2. Referência:

SAGRADO FEMININO E VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES E CRIANÇAS: PODEMOS ESCOLHER OS NOSSOS ESPELHOS? –

Francilene Brito da Silva. Disponível em:

https://drive.google.com/file/d/0B_Dg2TKcVQ-Tc0Jlbnk0RGo3NTA/view

3. Mais sensibilização:

Consequentemente, é tempo de aprendermos a nos libertar do espelho eurocêntrico onde nossa imagem é sempre, necessariamente, distorcida. É tempo, enfim, de deixar de ser o que não somos. (QUIJANO, 2005, p. 139).

- Que imagens/espelhos acionamos para enxergar/enxergarmos o/no/como sagrado/corpo - altar?

A Esméria parou na frente dele e me chamou, disse para eu fechar os olhos e imaginar como eu era, com o que me parecia, e depois podia abrir os olhos e o espelho me diria se o que eu tinha imaginado era verdade ou mentira. [...] Era como a água muito limpa, coisa que, aliás, ele bem parecia. Eu era muito diferente do que imaginava, e durante alguns dias me achei feia, como a sinhá sempre dizia que todos os pretos eram, e evitei chegar perto da sinhazinha. [...] E assim foi até o dia em que comecei a me achar bonita também, pensando de um modo diferente e percebendo o quanto era parecida com a minha mãe. (GONÇALVES, 2017, p. 85-86).

- Com quais espelhos estamos nos observando e sentindo diante de uma realidade inóspita para nós? A COVID-19 quebrou ou reproduziu espelhos da colonialidade/modernidade?

4. Sobre o texto - escrita de si/nós:

Um mundo moderno/colonial que tem na escravização e subalternização sua base oculta e seu espelho feroz. Compreender melhor que as desigualdades disseminadas por esse sistema mundo global tem uma raiz: “racial”, é um chamamento para questionar os espelhos eurocêntricos que causam em nós um desvio/esquecimento

das nossas sacralidades e alimenta as violências com as quais sofremos para além de um vírus.

5. Reflexões sobre o texto, mas que também é sobre si/nós... (Relatos pessoais)

- Anibal Quijano (2005) nos lembra: já é tempo de nos libertar destes espelhos (p. 1). Como as mulheres e as crianças afrodescendentes devem sobreviver a esses espelhos? Quais cuidados tecermos juntos – homens e mulheres e o gênero que quisermos ser? (p.2)
- Por que muitos círculos de aprendizagem e compartilhamento sobre o “novo sagrado feminino” não repensa os espelhos que usamos? (p. 4) – As urgências de processos de *desaprendizagem* e os caminhos/espelhos decoloniais;
- Diversas jornadas do sagrado feminino on-line com grupos de mulheres para o seus próprios autoconhecimentos (criação de redes de cuidados e autocuidados). Cosmopercepções de um corpo pluriversal, pois é travessia, enunciação e sacralização (p.4).
- O ser/sentir/perceber-se esse/nesse corpo é a conexão/comunicação com o sagrado (p.5)
- Hoje temos que nos perguntar também, que entendemos o sagrado feminino em nós, quem é mais e menos considerada sagrada? O que isso tem a ver com o cuidado e as nossas histórias contra a indiferença e a inação? (p.5);

- Mapa da violência (2015). Homicídio de mulheres no Brasil, p.39 – “mulheres mortas por ódio ou por futilidades ou banalidades” (p.7) – Dados da dessacralização do corpo feminino e a naturalização da violência;
- “Local das agressões entre homicídios de homens e mulheres - Homens são mortos mais na rua e Mulheres são mortas na rua e em casa” (p.7) – Cuidados e autocuidados com o feminino em tempos de isolamento social;
- Uma Educação de *retornos e reencontros* como nos orienta Paulo Freire (2005; 2011) – a “um passado glorioso para nos lembrar quem de fato somos”. (p. 10)



CARTAZ E ROTEIRO DE DIÁLOGO DO DIA 09/10/2020 – ENCONTRO ON-LINE

**Leyllane Dharc Carvalho dos Santos Dias
Caio de Sousa Feitosa**

Cartaz:

Imagem 5 – Cartaz do Quinto Encontro do Projeto. 09/10/2020 – Encontro on-line pela plataforma www.google.meet.com



Fonte: Acervo particular do Núcleo Roda Griô, 2020.

Roteiro:

Elementos disparadores de narrativas:

Curta-metragem CASCA DE BAOBÁ

-Direção: Mariana Luiza

-Roteiro e montagem: Rodrigo Savastano

-Direção e produção: Éthel Oliveira

-Ano de lançamento: 2017

-Duração: 11min

-Sinopse: Maria, uma jovem negra nascida no Quilombo Machadinho, localizado no interior do estado do Rio de Janeiro, é cotista na UFRJ. Sua mãe, Francisca, leva a vida cortando cana nas proximidades do Quilombo. As duas trocam cartas para matar a saudade e refletir sobre memória, cultura, questões econômicas e sociais.

TEXTO: PESSOA, Mônica do N. **Debaixo do Baobá:** a oralidade na África Ocidental. Florianópolis-SC, 2017. Disponível em: <http://www.eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/IIISIHTP/paper/viewFile/677/500> Acesso em: 24 set 2020.

“Ninguém se esquece de onde vem. Só finge pra poder continuar vivendo.” (Dona Francisca – Casca de Baobá)

“Nossa memória é igual a ruína da Casa Grande, se a gente não cuidar, o tempo despedaça.” (Dona Francisca – Casca de Baobá).

Galhos/raízes/sementes de discussões possíveis entre o texto, o filme e nossas histórias:

-Que as falas das personagens e as imagens do filme possam movimentar/ativar memórias (as mais recentes e as mais escondidas) sobre as diásporas, as retirâncias nossas de cada dia, as

experiências/vivências na fronteira. Vamos contar as nossas histórias.

- *Caímos no erro de escolher perspectivas eurocentradas e hegemônicas, que naturalizam as experiências dos indivíduos, não suscetíveis de serem questionadas. (PESSOA, 2017, p.04)*

-Qual(is) narrativa(s) presentes no filme foi/foram ponto(s) de encontro com as suas narrativas?

-Quais as cascas de te afetam, que te guiam/direcionam, que te reconectam aos fios históricos a partir do Atlântico Negro? - *A ancestralidade se encarrega do princípio da imortalidade, ou seja, em memória daqueles que morrem, os costumes e formas de pensar e se organizar continuam pairando na memória dos que ficam, como forma de respeito e gratidão, ou mesmo para mantê-los perto.*

-Quais as experiências/lembranças de diáspora/retirância que a universidade e outras estruturas coloniais querem apagar?

-Nossa maior arma de luta são as narrativas. As narrativas retrospectivas são importantes. Mas, como construir narrativas que apertem o gatilho da resistência no aqui e no agora no contexto da pandemia da COVID-19?

-Como as raízes do Baobá, quais resistências e re-existências diaspóricas são possíveis? Como ser raiz de Baobá que se movimenta “pela cidade quebrando calçadas, destruindo canteiros, se espalhando pelas ruas, ocupando os espaços e lugares”? - *A memória coletiva é uma coletânea de rastros deixados pelos acontecimentos que afetaram o curso da história dos grupos envolvidos. As memórias individuais seriam, então, pontos de vista de uma coletividade. (PESSOA, 2017, p.09)*

-O que as experiências de diáspora, retirância, migrações têm a nos ensinar nesse contexto de pandemia?

-A vidas/corpos que se deslocam são vidas/corpos que fazem viagens biográficas. Em tempos de isolamento social, de quarentena, os descolamentos são para dentro de nós.

Música para borbulhar os ouvidos e as memórias:

-Acalanto– Luedji Luna

Eu vou andando pelo mundo como posso E me refaço em cada passo dado Eu faço o que devo, e acho Não me encaixo em nada Não me encaixo, em nada...

Para refletir também...

Notícia do dia 15/09/2020

-Enfermeira diz que imigrantes detidas nos EUA tiveram úteros retirados em cirurgias irregulares. Autoridades migratórias e parlamentares dos Estados Unidos disseram que vão apurar denúncia de histerectomias em massa, além da recusa de aplicar testes do novo coronavírus nas imigrantes. **Matéria completa em:** <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/09/15/enfermeira-diz-que-imigrantes-detidas-nos-eua-tiveram-uteros-retirados-em-cirurgias-irregulares.ghtml>

Migrantes relatam sentir dor profunda por consequência da pandemia-Ebook Migrações-2020 – Disponível em: <https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/miginternacional/miginternacional.pdf>

-Hortense Mbuyi, advogada, refugiada vinda da República Democrática do Congo – relata não poder atuar como advogada no Brasil. Passou a dar aula de francês e a produzir comidas de referência como forma de resistência e difusão cultural. Recentemente perdeu um tio, e fala da tristeza que não pôde fazer seu ritual tradicional de despedida, que é próprio de sua cultura. “Isso me doeu, e ainda dói demais”.

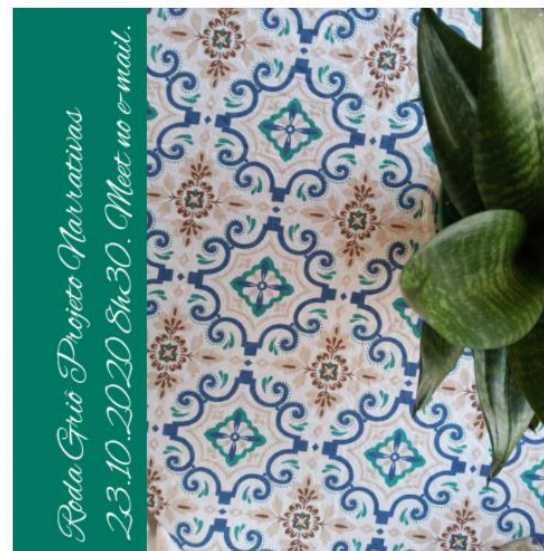


CARTAZ E ROTEIRO DE DIÁLOGO DO DIA 23/10/2020 – ENCONTRO ON-LINE

**Simoni Portela Leal
Carlos Henrique da Silva**

Cartaz:

Imagem 6 – Cartaz do Sexto Encontro do Projeto. 23/10/2020 – Encontro on-line pela plataforma www.google.meet.com



Fonte: Acervo particular do Núcleo Roda Griô, 2020.

Roteiro:

1. Memória e sensibilização:

Casca de Baobá como memória, oralidade e ancestralidade – existências de uma afrodiaspórica viva, política, histórica e intepistêmica;

Baobá – força vital que estrutura linguagem, cosmopercepções para (re)existir em meio a injustiça cognitiva uno-versalizada;

- O que lembramos e escrevemos com as cascas do Baobá?
- Quais as cascas de Baobá – e essas como lócus – para existir, resistir e portestar/manifestar-se?

2. Referência:

Texto: Trabalho e Justiça Social A Questão Racial e o novo coronavírus no Brasil - Nilma Lino Gomes, Julho de 2020. Disponível: <https://drive.google.com/drive/u/7/folders/1X1PospPLYqqp-AVeSxtzBsGRgd-92dRZ>

Vídeo: Esperança e imaginação política – Canal Tempero Drag. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=iqI7ZHVniSg>

Vídeo: Emicida anuncia ausência em protestos por conta da Pandemia do coronavírus. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=EcoNpF-eZNM&feature=youtu.be>

3. Mais sensibilização:

O que é manifestação e protesto?

É um ato coletivo em que os cidadãos se reúnem publicamente para expressar uma opinião pública. No Brasil, o direito de manifestação e protesto constitucionalmente pela combinação de três direitos elencados no artigo 5º da Constituição Federal. Entre eles liberdade de expressão, liberdade de reunião, liberdade de associação, entre outros. **Mas afinal, que manifestações e protestos aconteceram durante a pandemia?**

Historicamente sempre estivemos em manifestação e protesto, antes mesmo da pandemia. A crise com o coronavírus (covid19) apenas acentuou ainda mais as desigualdades sociais, o principal gatilho para todas as ações a seguir. Uma listagem de algumas das manifestações e protestos que aconteceram e acontecem durante a pandemia, entre eles: O painelço #ForaBolsonaro, tuitaço #AdiaEnem, #blacklivemastter e #VidasNegrasImportam, atos de rua com as torcidas organizadas pela democracia, manifestações em Defesa dos trabalhadores da Saúde, Manifestações em defesa da amazônia e o pantanal, Manifestações contra o extermínio dos povos quilombolas, indígenas, Manifestações contra Interventores nas Universidades Públicas, manifestações pro e contra o aborto, manifestações grito dos excluídos, movimento 300 liderado pela Sara winter, carreatas de apoio ao bolsonaro e a reabertura precoce do mercado, entre diversas outras ações.

- [...] *É tempo de caminhar em fingido silêncio, e buscar o momento certo do grito... A mística quilombola persiste afirmando: a liberdade é uma luta constante*". (Tempo de nos aquilombar – Conceição Evaristo);
- **MANIFESTAÇÃO 1 minuto de silêncio por nossas memórias**
- **RODA GRIÔ – espaço/quilombo de manifestação/protesto – silêncio e grito**
- **Quais espaços/tempo usamos para nos manifestar e/ou protestar?**

4. Sobre o texto – conscientizar-se para existir/resistir/cuidar de si/nós:

- Por quem ou porque estamos lutando? Quais sujeitos protestam e sob quais condições?
 - Os protestos/manifestações são respostas a que ou a quem?
 - Quem é mais afetado pela crise do novo coronavírus no Brasil?
- p. 3

- População afrodescendente/povos originários/quilombolas/mulheres/periféricos em contexto pandêmico – realidade que se sustenta pela violência histórica e estrutural como norma e não como algo episódico.
- **Dados:** Os negros representam 75,2% da parcela da população com os menores ganhos e apenas 27,7% dos 10% da população que tem os maiores rendimentos registrados pelo IBGE. p. 2
- **Dados:** Enquanto 27,9% das pessoas brancas vivem em domicílios sem ao menos um serviço de saneamento, a proporção sobe para 44,5% entre pretos e pardos. p. 2
- **Pandemia e as aulas remotas:** Os dados ainda mostram que em relação ao acesso à internet por pessoas entre 15 e 29 anos, 92,5% são brancos e 84,3% negros. A proporção sobre o uso do microcomputador para acessar a rede mundial, é de 61,6% entre brancos e 39,6% entre pretos e pardos. p. 2
- **Necropolítica** - Administrar o mundo global é produzir a morte – a raça aparece como mecanismo classificatório/escolha de quem vive e quem morre. p.3
- Quais são as situações de vulnerabilidade e precariedade que lhes acometem? Para enxergá-las, é preciso desnaturalizar o nosso olhar de miopia social e racial produzida pelo mito da democracia racial. p.4
- No Brasil, embora todas as estatísticas apontem para o genocídio da juventude negra e atos bárbaros como a morte... Não provocam espanto. p. 8
- Trata-se do desafio de zelar pela vida e, ao mesmo tempo, agir politicamente diante da perversa imbricação entre pandemia, racismo, fascismo e necropolítica. Somos desafiados a mobilizar a nossa justa ira, nos dizeres de Paulo Freire, e ao mesmo tempo cuidar uns dos outros. p.9

- Lutar contra a crise do novo coronavírus, numa perspectiva antirracista, é lutar contra o racismo, o cinismo social, o capitalismo, o neoliberalismo e a necropolítica. O caráter estrutural e estruturante da raça em nossa história social, política, econômica, cultural e educacional é de tal ordem que, ao considerarmos o seu peso na produção das desigualdades e na imbricação com o capitalismo, conseguimos refletir sobre os principais dilemas do Brasil e apontar caminhos mais democráticos para a nação. p.11

... Para continuarmos lutando/manifestando/protestando/existindo

“É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...” (Paulo Freire)



CARTAZ E ROTEIRO DE DIÁLOGO DO DIA 20/11/2020 – ENCONTRO ON-LINE

**Emanuella Geovana Magalhães de Souza
Wilany Alves Barros do Carmo**

Cartaz:

Imagem 7 – Cartaz do Sétimo Encontro do Projeto. 20/11/2020 – Encontro on-line pela plataforma www.google.meet.com



Fonte: Acervo particular do Núcleo Roda Griô, 2020.

Roteiro:

1. Sobre os capítulos “O caminho do amor” e “O amor e o ciúmes” de Renato Nogueira

“O caminho do amor” - Páginas 16 a 24

O QUE É O AMOR?

Amor é escutar (p. 18).

Amor é escalar uma montanha (p. 18).

Amor é o percurso da intimidade (p. 18).

Amor propósito do espírito (p. 19).

Amor é autoconhecimento (p. 19).

“O amor e o ciúmes” + conclusão – Páginas 118 a 132

“De acordo com Freud, o ciúme é uma emoção bastante natural ao ser humano, e só não o sentem as pessoas que possuem uma vida mental inconsciente bastante perturbada” (p.121).

“Eis aqui o ponto: em uma mente saudável, o ciúme é involuntário, mas a maneira como lidamos com ele é uma escolha” (p.121).

Até onde o ciúme exagerado pode nos levar? (p.122)

Qual o segredo da arte de amar? (p.128)

Ou ainda: existe um jeito certo de amar? (p.128)

O amor é um projeto político? (p.128 e 130)

Disparadores de narrativas

Vamos escutar essas músicas?

<https://www.youtube.com/watch?v=wHrLbAYsjXM>

Whats Love got to do it -Tina Turner (Legendado Portugues BR)

<https://www.youtube.com/watch?v=OAUFKdMCr6A>

Joyce - Mãe Solteira canta Wilson Batista.

2. Sobre o texto Vivendo de Amor (por bell hooks)

Nossas dificuldades coletivas com a arte e o ato de amar começaram a partir do contexto escravocrata (p. 02).

E, de uma maneira geral, muitos negros passaram a acreditar que a capacidade de se conter emoções era uma característica positiva (p. 03). Quando nos amamos, sabemos que é preciso ir além da sobrevivência (p. 04).

A arte e a prática de amar começam com nossa capacidade de nos conhecer e afirmar (p. 08).

As mulheres negras que escolhem (e aqui enfatizo a palavra "escolhem") praticar a arte e o ato de amar, devem dedicar tempo e energia expressando seu amor para outras pessoas negras, conhecidas ou não. Numa sociedade racista, capitalista e patriarcal, os negros não recebem muito amor (p. 10).

Disparadores de narrativas

Convidamos você a se olhar pela tela do computador/celular ou através de um espelho convencional: o que e como você se vê?

Para continuarmos as reflexões...

Por exemplo, no seu livro, O Hábito da Sobrevivência: Estratégias de Vida das Mulheres Negras, Kesho Scott relata uma experiência importante que a ensinou a sobreviver: Medindo treze anos, permaneci parada em frente a porta da sala. Minhas roupas estavam molhadas. Meus cabelos pingando. Estava chorando, chocada, precisando do colo da minha mãe. Ela me olhou de cima a baixo, devagar, levantou-se do sofá e caminhou ao meu encontro com o corpo carregado de críticas. Parada, com as mãos na cintura, sua sombra caindo sobre meu rosto, perguntou sem conseguir esconder a raiva: "O que aconteceu?" Hesitei como se surpresa por sua raiva e respondi: "Elas colocaram minha cabeça na privada. Disseram que não posso nadar com elas". "Elas" eram oito meninas brancas da escola. Tentei abraçá-la, mas ela se afastou bruscamente dizendo: "Que inferno! Pegue seu casaco e vamos embora" (bell hooks, p. 06).

Referências

NOGUERA, Renato. **Por que amamos:** o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2020.

HOOKS, bell. Vivendo de amor. In: Geledes, 2010, s/p. Disponível em: <http://arquivo.geledes.org.br/areas-de-atuacao/questoes-de-genero/180-artigos-degenero/4799-vivendo-de-amor> Acesso em: 06 nov. 2020.



CARTAZ E ROTEIRO DE DIÁLOGO DO DIA 04/12/2020 – ENCONTRO ON-LINE

Vicelma Maria de Paula Barbosa Sousa
Antonia Regina dos Santos Abreu Alves
L'hosana Céres de Miranda Tavares

Cartaz:

Imagem 8 – Cartaz do Oitavo Encontro do Projeto. 20/11/2020 – Encontro on-line pela plataforma www.google.meet.com



Fonte: Acervo particular do Núcleo Roda Griô, 2020.

Roteiro:

GUIA DE APRESENTAÇÃO

Tema-gerador: As experiências docentes com a pandemia

1- Narrativas disparadoras: as cartas-narrativas recebidas - Esperança Garcia e Lélia Gonzalez – codinomes.

-Trechos da carta de Esperança

1.1 Primeira reflexão: A universidade não foi feita/pensada para mães. Na Pandemia, perdemos nossa rede de apoio: escola, família, trabalhadoras domésticas. Rede formada por uma maioria esmagadora de mulheres. Sinto-me sozinha pois, embora saiba que existem muitas outras trabalhadoras mães, o problema não está sendo debatido de forma institucional. É como se o patriarcado fosse um problema particular, que cada família resolve da sua maneira. Então eu me sinto pressionada a performar uma profissional imune ao patriarcado. [Esperança, 03 de out. de 2020].

1.2 Segunda reflexão: a estrutura de opressão usa nossa força contra nós. Nós gastamos nossas energias brigando por direitos e ficamos esgotadas. O esgotamento faz com que passemos a escolher quais brigas iremos encarar e quais iremos ignorar, silenciar, se submeter, perder. Pra continuar viva, ou sã. [Esperança, 03 de out. de 2020].

1.3 Terceira reflexão: a rede social substituiu o lattes na função de panóptico. [Esperança, 03 de out. de 2020].

1.4 Quarta reflexão: o modelo ocidental é vicioso e degradante. Estamos viciadas em pílulas, remédios e tratamentos que nos inibam da dor, da tristeza, da preocupação. Estamos submetidas ao conceito de normalidade. Estou aprendendo a atravessar os desertos da minha vida. Sem atalhos ou artifícios de distração. Estamos numa Pandemia, sem vacinas, sem data para uma, sem prazo determinado para o fim. Estamos nos adaptando a (sobre) viver numa Pandemia. Se trancar em casa por medo pode trazer problemas de saúde tão letais quanto a COVID 19. Sair de casa e

desrespeitar as orientações de segurança é falta de responsabilidade social. Estou aprendendo sobre equilíbrio. [Esperança, 03 de out. de 2020].

1.5 Quinta reflexão: *qual a nossa responsabilidade ético-social com a população? Nossas investigações estão contribuindo em problemas de ordem prática e pragmáticas? Se não, podemos responsabilizar apenas um ou outro governo pela desvalorização de nossas instituições? Até que ponto não estamos promovendo uma autopoietica? Queremos uma reconstrução de diálogos entre a universidade e a sociedade? Como eu posso atuar de modo coerente com o que defendo discursivamente?* [Esperança, 03 de out. de 2020].

-Trechos da carta de Lélia Gonzalez

1.6 Desafios: *Com esse mesmo cuidado, nós, também, suspendemos o trabalho doméstico e ficamos [filhos e esposo] nos dividindo entre trabalho remoto e trabalho doméstico, afinal, todos, na época éramos trabalhadores [Hoje, filha está sem emprego]. Muitas coisas aconteceram, do dia 17 de março até hoje!* [Lélia Gonzalez, 08 de out. de 2020].

7 Outro desafio *é que nossa família é extensa, gosta de se encontrar – aglomerar como aprendemos a dizer, neste contexto. A falta disso, certamente, me entristeceu, muito... somado a perda recente de nosso pai, pois estávamos aprendendo a viver de outro jeito, a nos reunir sem a sua presença física.* [Lélia Gonzalez, 08 de out. de 2020].

1.8 Tivemos que (re)aprender novas formas de sociabilidade: *não tocar nas pessoas, higienizar-se cuidadosamente, manter distância e usar as tecnologias para tentar minimizar os impactos do isolamento social, entre familiares, amigas/os, alunas/os, etc. Mas, o que tudo isso tem a ver com a experiência docente?* [Lélia Gonzalez, 08 de out. de 2020].

1.9 Em desespero, ao invés de nos isolar no quarto, eu isolei meus filhos de nós. *Acho que fiquei um tanto insana! (risos). Abandonei o trabalho remoto e me dediquei aos cuidados com meu marido e filhos... senti muito medo e muita força espiritual... nossos cuidados foram meditação, espiritualidade, ervas, muitas ervas (chás e banhos), priorizar a alimentação caseira, além dos antibióticos e antiparasitário. Em meio a tudo isso, eu passei a fazer*

nossa refeição, chás, banhos, higienização cuidadosa da casa e, ainda, atendia as coisas mais urgentes do trabalho, como o relatório da CAPES. [Lélia Gonzalez, 08 de out. de 2020].

1.9.1 A experiência de professora na pandemia é viver a totalidade de SER: *professora, mãe, esposa, irmã, tia, cunhada, nora, amiga... em cada um desses papéis distribuímos e ganhamos energia... Axé, minha amiga!!!!* [Lélia Gonzalez, 08 de out. de 2020].

Narrativa disparadora: Carta de Esperança Garcia de 1770
Vamos conversar?

2. Sobre Esperança Garcia nos inspirar a denunciar em carta-petição os maus-tratos à nós e nossos amores-família.

2.1 Sobre as cartas-narrativas recebidas como dispositivo de autocuidado e cuidado de outras mulheres.

2.3 Como dispositivo as cartas nos questionam sobre vidas, sobre papéis socialmente construídos para as mulheres em nossa sociedade racista, sexista, machista, capitalista no contexto da pandemia - Conflitos X Rupturas X Trabalho X Impactos profissionais.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo". In: **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000. link de acesso:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>.

DEBBUS, Eliane; DEBUS, José Carlos. **A escrita de Esperança Garcia, eco das vozes de mulheres negras escravizada.** Disponível em < <http://www.letras.ufmg.br/literafrro/resenhas/infanto-juvenil/1148-sonia-rosa-quando-a-escrava-esperanca-garcia-escreveu-uma-carta>>.

Acesso em 27 de nov. de 2020.

MACÊDO, Shirley. Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia covid-19: tecendo sentidos. **Rev. Nufen: Phenom. Interd.** | Belém, 12(2), 187-204, mai.– ago., 2020. Link de acesso: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912020000200012.

ROSA, Sonia. *Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta*.
Il. Luciana J. Hees. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.



CAPÍTULO II – PRODUÇÕES POÉTICAS

MUNDOS

Águida Oliveira

Quando embrião, meu mundo se chamava mamãe;
Quando bebê, meu mundo se chamava Mamãe e Papai;
Quando criança, meu mundo ainda se chamava mamãe e papai,
porém, já sentia conexão com outros mundos; o da vovó, o do vovô,
o das títias e de outros estranhos, que mais tarde descobri que eram
amigos de longas datas da mamãe e do papai;
Quando adolescente, já não sabia mais quantos mundos eu pertencia,
o mundo da mamãe e papai ainda se fazia presente, porém de uma
maneira diferente;
Quando adulto, pertencia a poucos mundos, porém, mundos sólidos,
experientes e calorosos, às vezes, esses poucos mundos se resumia
em apenas um, o meu mundo, o mundo da solidão;

Quando idoso, percebi que alguns mundos já não podia mais fazer parte, pois já não compreendia mais sua linguagem, ou não sabia mais como me expressar.

E você, AFRODESCENDENTE, quantos mundos você viveu,
sobreviveu ou deixou de existir?
Você teve a oportunidade de conhecer o mundo mamãe e papai?
Você conheceu o mundo chamado lar?
Você conheceu o mundo chamado amor?
Você conheceu o mundo chamado escola?
Você conheceu o mundo chamado oportunidade?
Você conheceu o mundo chamado direitos iguais?
Você conheceu o mundo racismo?
E em tempos de pandemia, você conheceu o mundo chamado
ISOLAMENTO SOCIAL?

Nessa pequena reflexão e diante da situação que estamos enfrentando (Pandemia – Covid-19), percebemos quantos mundos temos que existir, quantos mundos deixamos de existir e em quantos mundos somos excluídos.
Percebemos que possuímos uma variedade de mundos, e que existe uma variedade muito maior lá fora.
E que essa linda história de ter um mundo com oportunidades iguais para todos não existe, e que o direito ao ISOLAMENTO SOCIAL são para poucos, e que os AFRODESCENDENTES é o grupo mais afetado nessa pandemia.



VERSOS DO ISOLAMENTO: NARRATIVAS E CONSTRUÇÕES DE COMUNIDADES ENTRE AFRODESCENDENTES DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

**Carlos Henrique da Silva
Sabyna Pohema Soares de Lima**

INTRODUÇÃO

A pandemia de Covid-19 teve um impacto grande na vida de todos, o isolamento, os novos formatos de trabalho e de estudos, as rotinas alteradas, o cuidado redobrado com limpeza e etc., tudo o que acontecia nos impactava de maneiras distintas e complexas. O projeto Covid-19: Narrativas e cuidados das pessoas afrodescendentes em relação à pandemia veio em 2020 com a proposta de compor diálogos e conectar narrativas dessas novas vivências cotidianas.

Foram diversos temas e textos que nos atravessaram durante a vigência do projeto, sempre relacionando as discussões aos atravessamentos individuais e coletivos dos que compuseram este

momento da roda, reiteramos constantemente que “a roda tem que girar” e que tempos de distanciamento social é importante que tenhamos em mente que nossas narrativas pessoais constituem estórias e compõem redes de saberes.

Ao pensar este escrito nos lembramos da importância das já citadas narrativas sobre as quais Walter Benjamin discorreu. Borges nos resume:

Como a narrativa é essencialmente conectada à experiência, Benjamin é claro em afirmar que consequentemente ela decai conforme a modernidade se estabelece. Contudo, essa passagem deixa em aberto a possibilidade para uma nova revalorização da narrativa em tempos adversos a ela, como o próprio filósofo demonstra ao encerrá-la. [...] Cogita-se certo pendor à alteridade inerente à transtemporalidade da narrativa, afinal o significado cambiante da narrativa entre as gerações leva a renovação da memória em resposta atravessar do tempo concomitantemente a integrar o ser humano a um saber do passado que poderia lhe ser estranho. (BORGES, 2012, p.3)

Trazemos aqui nossas narrativas, os diálogos entre os nossos desencontros, encontros e reencontros neste ano de 2020, procuramos conversar com os nossos afetos e desafetos incluindo as temáticas das discussões no projeto. Assim sendo, este é um convite para sentir conosco nossas ocupações e sim, vemos na poesia uma forma de compor nossas poéticas cotidianas e apresentá-las o mais próximo possível das nossas percepções, nossas concordâncias e discordâncias neste “abraço da comunidade”.

ESTATICIDADES

Já faz tanto tempo
Que nem lembro ao certo
Quando e como estagnei
Abraços e beijos já não eram mais possíveis
Gargalhar de copo cheio com amigos no bar do seu Rufino
Também não podíamos mais

Um dia mais 600 novos casos eram registrados
Parei de contar os óbitos a partir do segundo zero

Covid19 também me fez parar de rir,
As emoções agora são transmitidas por um simples e triste olhar...
O que não passava de uma gripezinha
E estava enterrando mais negros por segundo
Do que a necropolítica com as drogas.

Continuo estagnado, o Covid-19 não.
(Carlos, 2020)

Observar os impactos da pandemia nas diferentes camadas sociais nos situa melhor nos nossos espaços de ocupação, o desenvolvimento de uma consciência que por vezes soaria atenuada em tempos anteriores, podemos observar, apesar do Covid19 não escolher quem deve viver ou morrer, as condições sociais mundiais caracteriza as pessoas afrodescendentes e pobres mais vulneráveis ao vírus, estamos sempre com o alvo nas costas, pois historicamente nunca houve uma reparação para darmos condições sociais igualitárias entre raças e

classes, isso inclui uma educação gratuita e de qualidade, saúde, segurança, moradia a todes e afins.

Segundo o portal de notícias da BBC News, os dados deixam ainda mais evidente à violência velada em nossos corpos:

Considerando esses casos, quase 55% de pretos e pardos morreram, enquanto, entre pessoas brancas, esse valor ficou em 38%. A porcentagem foi maior entre pessoas negras do que entre brancas em todas as faixas etárias e também comparando todos os níveis de escolaridade. (Juliana Gragnani, BBC News, 2020)

O estudo também relaciona a taxa de mortalidade à escolaridade, os dados mostram que pessoas sem escolaridade tiveram taxas três vezes superiores (71,3%) às pessoas com nível superior (22,5%). Quando a gente faz uma associação entre a escolaridade e a raça, os resultados mostram que pretos e pardos sem escolaridade tiveram 80,35% de taxas de morte, contra 19,65% dos brancos com nível superior.

A necropolítica, conceito trabalhado por Achille MBembe (2018), trata justamente dessa clara naturalização das mortes de um determinado grupo, e um impacto diferenciado levando em consideração estes mesmos grupos, ela atribui este pensamento a toda uma lógica colonial que legítima estas atitudes, de certa forma, a morte seria natural para certos grupos de pessoas:

Por todas essas razões, o direito soberano de matar não está sujeito a qualquer regra nas colônias. Lá, o soberano pode matar em qualquer momento ou de qualquer maneira. A guerra colonial não está sujeita a normas legais e institucionais. Não é uma atividade codificada legalmente. Em vez disso, o terror colonial

se entrelaça constantemente com fantasias geradas colonialmente, caracterizadas por terras selvagens, morte e ficções para criar um efeito de real. (MBEMBE, 2018, p.134)

A naturalização de certas notícias, a forma banalizada como estas são tratadas, faz com que tenhamos a sensação de que nada que façamos pode mudar a realidade dura com a qual passamos a conviver e convivemos historicamente.

Acordo de manhã de manhã e nenhum passarinho canta
respiro no colchão quente e me pergunto o quão quente ainda pode ficar
puxo a cortina e o gradeado me permite um pouco do sol do dia bater na pele
-a sensação já foi mais agradável -
reluto,
penso em tudo que tenho que fazer no dia, ou que eu poderia fazer...
vou aparando as arestas
e já se passaram duas horas perdidas nas possibilidades que ignorarei.

Levanto,
côo meu café
uns dias mais forte que outros,
tomo um banho,
é sempre um banho rápido,
como se me sentisse atrasada pra compromisso nenhum

...
Encosto à mesa
e quando algum deus perverso não é tópico,
conversamos sobre o mundo ,

sobre a biologia, a evolução, por que há três porquês no português

...
Ninguém decide o almoço até ter de fazê-lo
assim como ninguém comenta as notícias
e eu assisto a todos optando pelos silêncios.

(Pohema, 2020)

Nós acabamos nos acostumando com os eufemismos, acabamos não falando de muitas coisas que nos acontecem, muitas vezes não filtramos as notícias, ou não vemos suas causas, é sempre uma história muito maior do que a que a gente vê nos jornais. Este atenuamento acaba sendo consequência direta dos racismos do cotidiano, a necropolítica já citada, e o que fica na primeira instância é sempre uma sensação de estaticidade.

MOVIMENTO

Como temos nos cuidado? Como temos nos movido diante os desafios atuais? A estaticidade seria um movimento imposto a nós? Através dos diálogos socializados surgem movimentos cheios de dores, medos, incertezas, mas também muito esperar, pois no decorrer da história o esperar para nós afrodescendentes está para além de esperar, é preciso caminhar.

Então começa
sou bombardeada de informação
e nem tenho mais acostumado parar nos 'e se?'

se tudo tivesse sido diferente... me nego...
Viajo nessa história que sempre soa mal contada e recontada,
Quem queimou a Alexandria?
Quantos idiomas se perderam?
Quantos povos foram dizimados?
Quanto ainda está em processo de apagamento?
Um rancor quase religioso me invade
A colonização nos assuntos acaba me doendo,
e de novo, evito o assunto
acabo pensando na pandemia
e se ainda escrevesse eu a compararia com uma tempestade de areia
onde muitos perdem o sentido do retorno,
somos sobreviventes de certa forma
fazia uns 10 anos que não me sentia assim
acho que depois de sentir tanto a apatia fica confortável
por essas horas sei sentir apenas o cansaço
o meio ambiente queima, e vira pauta
confesso que por vezes não me incendeio junto
soa como rotina e me sinto incapaz...
ponho o assunto de lado.
o cheiro de fumaça invade a casa, e começa a pesar minha
respiração,
acabam as aulas, e não sei se é hora do almoço ou da janta
deslizo as notícias, nenhuma melhora

(Pohema, 2020)

Ailton Krenak (2019) comenta a ideia de que povos europeus podiam (aliás sentiam-se no direito) de “sair colonizando o resto do mundo” carregando a ideia de que “havia uma humanidade esclarecida que

precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível” Uma concepção de verdade que sustentou por muitos anos velhos critérios de separação entre povos, naturalizou certos comportamentos, e legitimou estruturas que como comentamos anteriormente transformam absurdos em cotidianos.

Krenak (2019) ainda chama atenção para as noções inventadas de sustentabilidade que acabam por obscurecer aspectos relevantes da vida, regrado modos de vida, que somente agora no século XXI puderam ser questionados, “Somos mesmo uma humanidade?”

Esse mesmo cansaço que me faz levantar
Suspendo a cabeça, mas a coluna continua meio curvada
De passos lentos saio do quarto
Mais um dia para mudar, percebo
o movimento é inerente, não tenho como evitar
mesmo estagnado, tudo no meu corpo se movimenta
O meu povo continua em uma constante locomoção
A minha classe faz parte dessa ação
Inquieto, surge o questionamento
para alguns retórico, mas necessário
O sossego e o #FicaEmCasa seria privilégio?
Hora, uma das primeiras vítimas do Covid-19 no Rio de Janeiro
foi uma trabalhadora doméstica
mãe só parou quando foi infectada
e logo após o atestado de 14 dias, o curso teve que continuar
A solidariedade entre os nossos nos faz caminhar
Afrodescentes estão em uma luta constante
em um movimento por uma manhã de aconchego e liberdade...

(Carlos, 2020)

Nós somos cercados, sentimos medos e nos impomos restrições, que muitas vezes sequer questionamos suas origens, quando olhamos ao nosso redor e sentimos nossas ocupações, o que de fato temos sentido?

A Pandemia nos colocou frente a frente com sensações que por muito tempo reprimimos, sempre temos algo a fazer, algum prazo, algum atraso, nos deparamos com nossas dificuldades de aproveitar o tempo como espaço de fruição, encaramos pela primeira vez nossas frustrações sem filtros, e por fim encaramos a culpa, se por um lado temos um mundo figurativamente e literalmente em chamas, tentamos nos sentir confortáveis em nossas inadequações, até quando temos sido tolerantes com nós mesmos? Retomando ao que disse Krenak, tudo é resultado das subversões e obscurantismos dos sentidos atribuídos à vida:

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim. (KRENAK, 2019, p.13)

Foram nos nossos encontros, em momentos de trocas, ao estabelecermos diálogos, e compomos nossas narrativas pessoais e coletivas, que tomamos consciência de que talvez movimentar-se também inclui momentos de contemplação e percepção, e que os determinismos e fatalidades só são fixos quando nos entregamos à lógica deles.

Vale lembrar que muito do movimento que sentimos ter iniciado a esta altura se deu nesses espaços de trocas, o cuidado que compartilhamos, os problemas que dividimos, aprendemos também a pedir ajuda. Para Somé (2003) há muito que ganhar ao entender que a força não habita no indivíduo apenas, mas do que ela chama de espírito da comunidade: “Quando começamos a sentir um problema, pensamos que ele pertence somente às duas pessoas envolvidas. Esquecemos que o espírito está lá. Tendemos a esquecer que temos aliados que podem nos dar força”. É reconhecendo estas noções de cuidado coletivo que podemos começar a nos organizar e reestruturar.

REESTRUTURAÇÃO; RECRIAÇÃO E RECONHECIMENTO

Se por um lado temos nos esforçado para reaprender a sentir, concebemos também um momento de reavaliação das nossas práticas de cuidado, entendemos serem necessárias práticas compartilhadas de bem-viver no dia a dia dos sujeitos afrodescendentes do cuidado de si e dos outros, visto que compartilhamos dores e vivências.

Penso em todos por quem passei,
Pessoas incríveis,
e como mesmo tão incríveis e potentes
temos nos sentido em queda...

Nós que sonhamos tanto em mudar o mundo.

Tem sido tudo uma grande queda
Nunca pensei achar alguma beleza nisso,
Mas é nessa queda constante
nesse jogar de papéis dessa altura
que espalhamos nossas mensagens
e vemos alguma beleza no caos
damos as mãos
e caímos de paraquedas...
os mais coloridos que tivermos.
(Pohema, 2020)

“Esperançar é verbo”, ouvimos esta frase tantas vezes que não pudemos contar, ao estabelecer nossas noções de comunidade, vemos nas forças uns dos outros a força motriz capaz de estruturar mudanças e não perder a esperança sem ignorar os nossos contextos. Parafraçando Krenak, não estamos a ignorar as quedas, convivemos com elas, mas em vez de agir com desespero tomamos atitudes criativas, agimos, estamos tecendo paraquedas coloridos.

Daqui do alto é possível ver tudo,
o fogo, o desespero...
As pequenas brigadas de esperança
Como diz Krenak em um título de seus livros,
O amanhã não está à venda
a chama que queima e apaga nossas histórias hoje,
faz carvão e cor para contarmos ela de novo e amanhã
a mudança é difícil, às vezes drásticas
Uma planta que floresce na sombra

pode morrer queimada em um dia de sol pleno,
Não estamos e não queremos nos adaptar em um novo normal
a sede aqui, é mesma de um cacto no B-R-O-BRÓ do Piauí
Por vida e crescimento que alimenta e afaga nossas raízes.
(Carlos, 2020)

Ampliamos nossos horizontes mesmo em tempos de isolamento, demos as mãos virtualmente, simbolicamente e emocionalmente, enxergamos uns nos outros nossas próprias potencialidades, falamos de dores, de medos, de amores, fomos protagonistas e contadores de estórias, choramos. Nossas narrativas compuseram uma malha capaz de nos sustentar nessas quedas simbólicas, nos deram a percepção da vida mesmo a esta altura, e sem dúvida, foram retalhos de diferentes cortes e texturas, capazes de nos aparar da queda e nos permitir olhar a vista.

Nossa sede de vida ameniza nas narrativas compartilhadas, nos vemos como parte de um todo e somos gratos por podermos “diminuir a falta de reverência que temos o tempo todo com as outras companhias que fazem essa viagem cósmica com a gente.” (KRENAK, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as narrativas expostas acima e os desdobramentos dos cuidados nos cotidianos compartilhados durante o projeto de extensão Covid-19: Narrativas e cuidados das pessoas afrodescendentes em relação à pandemia, através deste canal, podemos compreender que o resultado foi à criação e o fortalecimento de nossas comunidades, utilizadas para socializar redes de colaboração e confiança, bem como de interação, informação e conhecimentos mais seguros diante o

contexto atual. Ainda nos escritos de Sobonfu Somé (2003), podemos constatar que é a partir destas redes de confiança, somos ainda mais capazes de nos movimentar:

A falta de comunidade deixa muitas pessoas com maravilhosas contribuições a fazer sem ter onde desaguar seus dons, sem saber onde pô-los. Quando não descarregamos nossos dons, vivenciamos um bloqueio interior que nos afeta espiritual, mental e fisicamente, de muitas formas diferentes. Ficamos sem ter um lugar para ir, quando temos necessidade de ser vistos. (SOMÉ, 2003, p.35).

Nesse sentido, nossos corpos que enfrentam e vivem pandemias cotidianas e racismos diários podem nos ensinar a viver em comunidade, bem como as novas dificuldades somadas às já existentes, e para a que a reestruturação seja possível Some (2003) já dizia “Precisamos abraçar o novo milênio, com um olhar totalmente novo, um coração que permite respeito mútuo”.

REFERÊNCIAS

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80 p.

BORGES, Gabriel Caio Correa, A ideia de narrativa de Walter Benjamin e seus desdobramentos. **Revista Lampejo**. Vol. 6, nº 2, 2012. p. 63-77.

GRAGNANI, Juliana. **Por que coronavírus mata mais pessoas negras e pobres no Brasil e no Mundo**. BBC NEWS BRASIL, Julho

de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53338421>. Acesso em: 12/12/2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo** 1a ed.— São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOMÉ, Sobonfu. **O Espírito da Intimidade**: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. São Paulo: Odysseus, 2003.



COMO SERÍAMOS SE NÓS CONTINUÁSSEMOS A SER OS MESMOS SEM NENHUMA MUDANÇA? ESPERANÇAMOS.

Fernanda da Silva Rocha²

A comunidade é o espírito, a luz-guia da tribo; é onde as pessoas se reúnem para realizar um objetivo específico para ajudar os outros a realizarem seu propósito e para cuidar umas das outras.
(Sobonfu Somé)

Que a nossa comunidade:

Casas,
Aldeias,
Quilombos,
Templos,
Ruas,
Casas de santo,
Onde esteja o nosso espírito e conexão,
Para realizar o propósito do cuidado,

² Pedagoga. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI (2016). Especialista em Atendimento Educacional Especializado pela FAEME (2019). Colaboradora em Observatório Quilombos – Piauí. Educadora e mobilizadora de Culturas e Identidades Negras Afrodescendentes. Colaboradora do Centro Afro-Cultural Coisa de Nêgo, de Teresina-PI.

Para ajudar uns aos outros/as
Para recriar uma comunidade maior,
Dos anos diferentes do presente de agora,
De novos ensinamentos,
Pois, agora é o presente diferente,
Hora de recarregar novas energias, novas vidas e,
Um outro agora, um caminho novo.

Salve Pai Ògún senhor dono de todos os caminhos e encruzilhadas.

Ògún ieé!!!

Imagem 1: Autora em ritual, na sua comunidade. 2020.



Foto: Áureo João³. Dezembro.2020.

³ Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Piauí UFPI (2015), com a pesquisa sob o título Etnicidade e territorialidade na Comunidade Quilombola Custaneira/Tronco, município de Paquetá-PI, Brasil; Especialista em Educação, Cultura e Identidade Afrodescendente, com o título Etnicidade e identidade quilombola: marcação e demarcação de identidades e territórios de quilombolas,



CAPÍTULO III – CARTAS

O QUE EU APRENDI NESTE ANO DE 2020...

Antonia Regina dos Santos Abreu Alves

Altos, 15 de dezembro de 2020

Olá, como você está? Como vai você?

Agora eu estou bem melhor. Quero dividir com você um pouco do que tenho vivido nestes últimos meses...

Eu me chamo Antonia Regina, sou mulher, mãe, esposa, filha e sou também professora do ensino superior. Eu moro na cidade Altos,

pela Universidade Federal do Piauí – UFPI (2013), sob promoção e coordenação do Núcleo de Pesquisa sobre Africanidades e Afrodescendência/IFARADÁ;

Licenciado em Filosofia pela Faculdade Entre Rios do Piauí – FAERPI (2011); Poeta e Assuntador.

trabalho na cidade de Picos e passo 4 dias longe da minha casa (toda semana). Poucos dias após o início da rotina de trabalho de 2020, todo o meu planejamento foi alterado. No dia 17.03.20, o reitor da Universidade Federal do Piauí determinou que as aulas estavam suspensas devido ao novo corona vírus que se alastrava aos poucos pelo país e desde então tantas coisas mudaram...

Tive que voltar para casa às pressas. Senti muito medo, chorei, me senti frustrada... naquele momento eu estava preocupada com as aulas e com meus alunos, não queria que ninguém fosse prejudicado. Mas na verdade, o problema que se aproximava de nós era muito maior que ter aulas interrompidas, tratava-se de saúde pública.

Foi uma reviravolta de sentimentos... tudo mudou e saiu do curso planejado e desde então tantos sentimentos rodearam minha cabeça... Tenho pais idosos e temi pela saúde deles, assim como de minha filha e de meu esposo também.

Ao retornar para minha casa, corri “desesperadamente” para comprar álcool em gel e máscaras, tanto para as pessoas da minha casa como para os meus pais, e no comércio já estava em falta, eu senti pânico, percebi que outras pessoas assim como também sentiam um certo “desespero”, e aprendi a fazer nossas próprias máscaras. A primeira vez que ouvi falar sobre o corona vírus na TV ainda em dezembro de 2019, jamais imaginei que ele chegaria até nós. Tive muito medo de ficar doente e dos meus familiares adoecerem.

A minha cabeça parecia dar um nó sem fim, tive insônia com frequência. Minha mãe teve depressão que agravou-se com o andar dos dias e isso me preocupava bastante. Foi difícil obrigar meu pai a ficar em casa, ele sempre foi muito trabalhador e não aceitava ficar isolado... Eu sou a filha mais velha e tomei as rédeas da casa de meus pais e ao mesmo tempo cuidando da minha casa também.

Os primeiros quinze dias de suspensão das aulas estenderam-se por mais quinze e mais quinze e mais quinze. Poxa, como foi difícil para mim... no primeiro mês de isolamento eu não conseguia ler e nem produzir nada, parece que meu cérebro “congelou”, eu só queria estar cuidando de minha família, nada mais me importava. E esse excesso de cuidado com todos, começou a me afetar também, pois comecei a me sentir cansada e triste, na verdade eu não tinha tempo para mim.

Eu sou membro do Núcleo de Estudos Roda Griô, e iniciamos encontros remotos on-line ainda no mês de abril, e a partir das discussões feitas no coletivo, compreendi a necessidade de cuidar de mim também... então gradativamente eu comecei a tirar um tempo para mim, fazer coisas que eu gostava e há anos eu não conseguia fazer... fui melhorando, fui me acalmando e ficando mais forte para cuidar da minha família também.

Iniciei um novo ciclo de vida, mesmo com o isolamento social, consegui fazer atividades físicas em casa, retornei acompanhamentos com a nutricionista (on-line), comecei a cuidar da minha pele, do meu cabelo e especialmente fiz uma cirurgia que adiava há anos... enfim, parece que depois de tanto conflito mental, eu consegui aprender e sigo aprendendo a lidar com tantos desafios que esta pandemia trouxe para nossas vidas.

E com o retorno das aulas remotas, vivi outros enormes desafios, pois não tinha habilidades para usar as tecnologias e realizar as aulas, fui pedindo ajuda a muita gente e aos poucos consegui. Nossa... mas está sendo uma superação a cada dia... minha casa é pequena, não tenho um espaço reservado para estudos, muito menos escritório, ministro aulas no meu quarto e como isso pode ser possível não é? Jamais imaginei viver essa experiência... mas é o que digo sempre para meus alunos: temos que tirar o melhor possível de tudo que estamos vivendo.

E assim me despeço de você que está lendo essa carta, desejando um ano de 2021 cheio de novas perspectivas, que chegue para nós a cura desse vírus.



TERESINA, 10 DE DEZEMBRO DE 2020

Paulo de Tarso X. S. Júnior



Caro Paulo,

Sim, eu sou você e você sou eu. Não conseguiria transcrever em palavras como cheguei em contato até aqui. Nós dois gostamos de histórias, mas acredito que essa poderá ficar para depois. Bom, vamos ao que interessa, não é mesmo? Afinal de contas, sempre fomos bem diretos.

Eu sei o que está passando pela sua cabeça, pois essa pandemia modificou nossos sonhos e planos. Nos tirou muitas coisas e nos colocou em uma série de incertezas e dúvidas. Sei que a princípio o

que seria uma “moleza” foi se tornando difícil e complicado. Mas, posso te falar uma coisa? Tudo bem!

Tudo bem você não ter assistido aos milhões de lives do Instagram ou do *YouTube*. Tudo bem você não fazer os inúmeros exercícios caseiros que as pessoas ensinavam. Tudo bem você desligar um pouco a TV e a internet para não ver mais as notícias do dia. Tudo bem não ter feito os milhares de cursos EAD’s existentes, pois eles de fato não te agregariam em nada atualmente. O que eu quero dizer com tudo isso é que você não precisa se cobrar e muito menos se martirizar por isso. O medo, tristeza, saudade são sentimentos que sim, hoje percebo que você precisa sentir para ao chegar até aqui você perceba que eles foram mais benéficos do que você imagina.

Te escrevo para dizer que os próximos dias serão fáceis e difíceis. Fáceis, porque mesmo em situações assim ainda aparecem boas oportunidades. Difíceis, pois nem todas as pessoas terão os privilégios que temos e gozaram de um bom estado de saúde (mesmo que você esteja achando o “fim da picada” ter pego uma otite). Entretanto, acredito que você assim como eu irá se surpreender.

Sempre fomos aos encontros da Roda e tanto eu como você sabemos o quão ele nos instiga a pensar em um monte de coisa. Acredite, tirar esse tempo para você não o fará melhor nem pior do que alguém. As pessoas lá continuam queridas e cheias de afetos e aprendizados. A prova disso é que participando de um projeto a qual o grupo realizou você notará o quanto isso segue intacto.

Algumas pessoas continuarão próximas de você e acredito que até mesmo com muito carinho, teremos novos rostos, mas continuaremos a refletir sobre muitas questões. Não se preocupe, não precisa se

arrumar de maneira elegante. Vai relaxado, acorda, levanta, toma café e abre o *Google Meet*.

OBS: Cuidado para não deixar o vídeo aberto e notarem o quão seu cabelo cresceu (risos).

Você vai perceber tantas coisas! Vai entender ainda mais que as pessoas, sobretudo afrodescendentes, não estão no mesmo barco que você. Eu sei, com isso você sentirá uma revolta e muita tristeza. Mas, use isso a seu favor e aos demais. Busque nesses sentimentos armas para lutar contra essas desigualdades e preconceitos, até porque nosso país ainda irá passar por tristes e trágicos momentos. Esses mesmos encontros te farão entender também que assim como você o outro sofre e é nesse sentimento que podemos por meio das falas dos colegas promover a nossa resiliência. Nesse momento você vai se sentir como um cacto, mas avistando o crescimento de uma flor. Olha, depois de um tempo você vai perceber o quão ela é bonita.

Se você achou que 2020 trouxe tantas coisas, reserve um lugar para o final. O ano ainda não parou de nos surpreender e nos colocou a prova diante de tantas situações. Não fui autorizado a falar sobre cada uma delas, mas não posso mentir, serão bem ruins. Eu sei, serão tristes e desestimuladoras. O sentimento de incerteza vai voltar e falo isso não em uma posição privilegiada. Ainda estou tentando entender e ressignificar muita coisa. O importante é que eu siga aqui por mim e você também precisa seguir por nós. Não, você não irá se decepcionar e muito menos achar que não dará conta. Acorde, abra o olhos e entre no link disponível do dia 14 de agosto.

Logo você perceberá que as coisas terão um preço mais caro do que imaginávamos. Saúde física, mental e alimentos passarão a ser exclusividade para poucos. É aqui onde você entende ainda mais Paulo Freire, Fanon, dentre outros...

Espero que por máximo que as coisas pareçam boas ou ruins você não esqueça que por você e por mim estamos aqui. Afinal de contas, o melhor da história sempre estará por vir!

P.S: Não caia nas milhões *fake news* que existirão e por aí. E sim, ainda não estamos vacinados, então máscara no rosto e álcool gel nas mãos!

Com todo meu carinho!



Fonte das Imagens: ISTOCH. Disponível em:
<https://www.istockphoto.com/br/purchase/checkout?fastcheckoutasset=502752613>. Acesso: 10 dez. 2020.



CAPÍTULO IV – RECEITAS

TUDO TEM UM TEMPO PRÓPRIO

Edirene Maria Alves do Nascimento

Imagem 1: Flor, 2020.



Fonte: Acervo da autora, 2020.

Tudo tem um tempo próprio. Para tudo há uma ocasião certa; há um tempo certo para cada propósito debaixo do céu. Tempo de nascer e tempo de morrer, tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou. Tempo de matar e tempo de curar, tempo de derrubar e tempo de construir. Tempo de chorar e tempo de rir, tempo de prantear e tempo de dançar. Tempo de espalhar pedras e tempo de juntá-las, tempo de abraçar e tempo de se conter. Tempo de procurar e tempo de desistir, tempo de guardar e tempo de jogar fora. Tempo de rasgar e tempo de costurar, tempo de calar e tempo de falar. Tempo de amar e tempo de viver em paz. O que ganha o trabalhador com todo o seu esforço? Tenho visto o fardo que Deus impôs aos homens. Ele fez tudo apropriado ao seu tempo. Também pôs no coração do homem o anseio pela eternidade, mesmo assim ele não consegue compreender inteiramente o que Deus fez. (Ecl 3 1-11).

Receita do Projeto COVID-19: narrativas e cuidados das pessoas afrodescendentes em relação à pandemia:

Ingredientes:

- ✓ *18 Encontros com temas relevantes sobre o Projeto COVID-19*
- ✓ *10 Xícaras de conhecimentos e partilhas com roteiros de cada encontro*
- ✓ *4 Xícaras de disponibilidade dos link para acesso aos encontros*
- ✓ *10 colheres de respeito de cada participante*

- ✓ *¼ de criatividade dos mediadores*
- ✓ *8 colheres de sinceridade nas partilhas*
- ✓ *5 de emoção e reflexão*
- ✓ *1 pitada de esperança*

Modo de preparar:

Misture bem todos os ingredientes, e quando estiver denso, experimente. O efeito será imediato. Saboreie sem moderação, pois todos são necessários para nossa sobrevivência na sociedade.

Rendimento:

Uma porção de vida com mais esperança. Sirva com uma boa música e siga em frente, porque nascemos para ser feliz como diz a interpretação de Beth Carvalho: *“Viver e não ter a vergonha de ser feliz e cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz”*.

Vamos refletir?

As partilhas, nos proporcionaram momentos de aprendizagem, conhecimento e reflexão. Refletir sobre a vida, o tempo, sobre quem nós somos, diante de uma sociedade que vive a pandemia, não só desta doença que tirou a vida de muitos, outras pandemias apareceram atacando o ser humano com atitudes racistas.

Vivemos em um momento de incertezas, mas o tempo vem mostra que precisamos está em vigilância para cada momento da vida. Pensar sobre o tempo é de grande importância, compreender que tudo tem seu tempo determinado, assim aconteceu nos encontros *on-line* do Projeto COVID-19, o que percebemos que em cada relato tinha um embasamento de estudo ou teórico, sempre acompanhados com uma reflexão ou mensagem, notamos que não estamos sozinhos/as que todo/as estão no mesmo barco da vida. Neste contexto observamos que o mundo roda, roda, roda, o tempo passa, passa, as coisas mudaram e, sem sair do lugar, ficamos em círculos, retângulos, quadrados e todos na mesma circunferência.



RECEITAS *IN NATURA* DE UMA MULHER AFRODESCENDENTE PARA SOBREVIVER ÀS MUITAS PANDEMIAS NELA MESMA

Francilene Brito da Silva

Deixo aqui, neste E-book sobre narrativas e cuidados, algumas receitas que aprendi na Pandemia de 2020. Durante as rodas de conversas que tivemos no “Projeto COVID-19: Narrativas e cuidados das pessoas afrodescendentes em relação à pandemia” fui percebendo que: somos numa sociedade em que, cada vez mais, escancaradamente, mulheres, LGBTQI+, crianças, jovens e adolescentes, todos afrodescendentes são vítimas de preconceitos; e, uma das melhores maneiras de enfrentarmos o medo da morte por um vírus, ou seja, a melhor resposta é buscar nos manter vivas/os com sanidade, conhecimentos ancestrais e afetos. Embora, muitas pessoas não tenham opção de não sair de casa, nos momentos em que tiverem um tempinho podem aproveitar para fazer algumas dessas receitas. Não são receitas para seguir como quem não pensa. São receitas para pensarmos-sentirmos-refletirmos ou escolher simplesmente não fazer e ficar apenas quietas/os. E, nos manter conectados a nossa afrodescendência cotidiana.

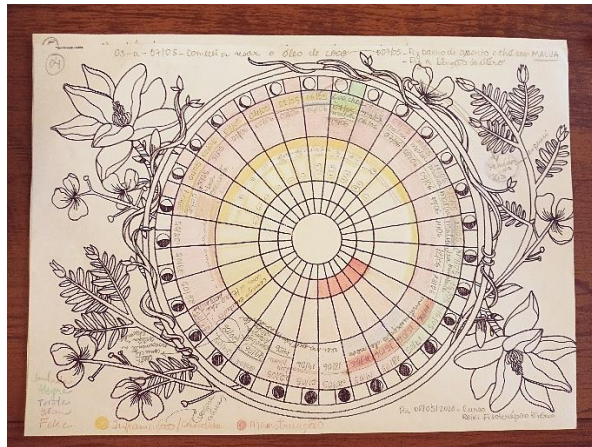
A MANDALA LUNAR

Para quando você não souber mais gerir seu tempo. Pois, somos ensinadas/os a não parar e nunca fazer algo para si sem se culpar, porque estaremos “perdendo tempo”. Para as mulheres que menstruam, dou meus parabéns, pois é sinal de que podem renascer muitas vezes, para enfim se conhecer melhor. E, viver com consciência seu ser: anciã-bruxa-sábia, menina, mãe e guerreira a cada ciclo. Vivendo assim, desenvolve sabedoria para perceber que tem tempo para tudo no mundo, apesar das escravidões e das violências com as quais somos atingidas na nossa sociedade. Para as mulheres que já não menstruam, dou meus parabéns também, pois, isso acontece quando a mulher já atinge seu tempo de conectar-se plenamente com a sabedoria da lua em seus ciclos externo a mulher menstruada, que se baseia por sua lua interna (a sua menstruação). A mulher que não menstrua mais, pode fazer sua mandala de acordo com a própria lua no céu. A mulher que ainda menstrua pode ter como base os dias da menstruação, ou seja, marcar primeiro os dias da menstruação e seguir marcando, pintando e ou escrevendo nos outros dias as suas sensações. Os homens podem também seguir a lua externa no céu, se quiserem fazer. Abaixo, os passos para quem quiser seguir esta receita.

1. Faça uma Mandala da Lua e, durante os 28 dias marcados na mandala, tente pintar – cada dia – seu ciclo menstrual, suas emoções, desejos, variações de humor, conquistas. Pois, todas nós temos uma lua interna que “conversa” com a Lua externa – nossa Mãe Lua que nos ensina tanto sobre o tempo e suas estações. Essa lua interna é a menstruação para quem ainda menstrua. Para quem não menstrua, a lua externa no céu será seu guia.

2. Durante o período em que estiver construindo sua mandala, você poderá perceber uma intimidade que nunca havia percebido. Mesmo que você dedique somente 5min para fazer isto todos os dias, perceberá a diferença em sua vida. Escolha um horário que você possa se dedicar a você mesma. Se, estiver difícil conseguir todos os dias, faça-o de 3 em 3 dias ou mesmo 1 vez por semana. Você perceberá quando for tempo de parar e se resguardar e quando for tempo de fazer seus projetos com mais afinco e o tempo de realiza-los com mais energia positiva.
3. A seguir, um exemplo de manadala lunar, a partir de minha experiência em 2020. Mas, você poderá fazer o seu próprio modelo e reproduzir a estrutura todo mês.

Imagem 1 – “Mandala Lunar”, Francilene Brito da Silva, fevereiro de 2020.



Fonte: Francilene Brito da Silva, acervo particular, 2020.

4. Ao tentar se conectar com a sua lua interna e a lua no céu (externa), você encontrará algumas respostas sábias dentro de si. Estas respostas, me ajudaram a não estar ansiosa, medrosa, depressiva ou mesmo nervosa demais com a situação atual em que vivemos. Estes saberes são vindos da América profunda Andina e desde África com as nossas ancestrais. Eles não ficaram por lá, também os povos Andinos da América Latina são responsáveis por muita sabedoria sobre Pachamama, a Mãe Terra, que é deusa da fertilidade-prosperidade e do tempo-espaço da vida em transformação. Ela nos ensina a revigorar nossa memórias, que se encontram no útero. Nosso útero é como a terra, recebe tudo e transforma em humos para brotar novas possibilidades de transformações, conhecimentos, projetos e seres. Nos tornamos seres renovados quando entendemos que temos um tesouro de memória dentro de nós. Podemos assim, nos conhecer para não guardar memórias densas, que causam doenças. E, tecer uma vida mais leve.

AS ERVAS – PLANTAS

As plantas são nossas companheiras e amigas. Elas nos fornecem energias poderosas para cada momento que precisamos de mais atenção e cuidado. Na pandemia aprendi e estou aprendendo que não é possível fazer uso das ervas, como por exemplo dos chás, sem ter uma postura educativa outra – diferente da educação ocidentalista que recebemos, como: visão de catalogação das espécies ou de uso de remédios sem autoconhecimento. Uma erva ou planta não é um “Dipirona”, é uma energia em forma de ser, com a qual você pode se

conectar para se conhecer mais e se curar de algo emocional, espiritual, mental.

Não perca tempo, veja o que você tem ao seu redor de plantas e comece a se relacionar com elas, de ser para ser. Isso te trará um bem enorme.

Você pode aliar sua mandala lunar com mais esse cuidado.

Veja minha humilde ilustração para te despertar a esse novo mundo. Nesta pintura, procurei pôr as ervas que tinha em casa, no meu jardim. Elas me acompanham a bastante tempo, mas somente agora parei para conhece-las melhor. Nessa busca, me achei e tento cada dia me fortalecer com suas energias, seja com banhos, chás, mandalas com ervas, meditação ao lado delas, ou simplesmente conversando com estes seres maravilhosos que me acolheram desde sempre. Folha da Fortuna ou Folha Santa, Alecrim, Malva, Samambaia, Maria Sem-Vergonha, Espada de São Jorge são algumas destas incríveis plantas-ervas que me acompanham em dias iluminados e tristes.

Imagem 3 – “Nosso ciclo-tempo e as ervas”, Leninha, aquarela em papel, dezembro de 2020.



Fonte: Francilene Brito da Silva, acervo particular, 2020.

A COSTURA – REMENDAR-SE

Para as crises e as feridas emocionais, você pode tecer costuras criativas em um tecido eleito para ser sua manta de proteção. Costure como se tivesse remendendo suas experiências nesta manta. Ela te servirá como protetora pela noite ou em algum momento do dia, quando precisamos sentar por cima e parar um pouco para respirar levemente. Inspirada na ação de tecer a mim mesma, a imagem abaixo apareceu em meus traços aquarelados. E, para te mostrar algo que fiz, nesse sentido também, trago aqui outra imagem, uma costurando em pedaço de tecido *jeans*. Depois, mostro uma inspiração que me compraz muitíssimo, uma imagem de costura dos povos africanos do Mali, que fazem Bordado *Dogon*. As costureiras-bordadeiras usam diversas cores de fios de lã sobre o tingimento índigo.

Imagem 4 – “Cuidado em dias de crise”, Leninha, aquarela em papel, junho de 2020.



Fonte: Acervo particular, 2020.

Imagem 5 – “Costura emenda”, Leninha, costura-bordado em *jeans*, junho de 2020.



Fonte: Acervo particular, 2020.

Imagem 6 – Bordado Dogon. Fotografia da Internet, s/d.



Fonte: UFW. Disponível em:

<https://universomovieforward.com/2017/05/22/africa-com-okan-o-bordado-dogon/>. Acesso em: 20 jul. 2020.

O PENTEIO

Uma receita para aqueles tempos de abismo e sombra, para aqueles dias em que nada nos consola.

(ZAMBRANO, 2016, 39).

Nos Andes, em África as mulheres penteiam umas às outras sempre que precisam e, aliado a esse ritual, fazem a celebração de linhagem, de conexão consigo mesmas, com as mães e avós ancestrais, com as outras pessoas e com o universo que nos une à grande Mãe Terra e ao Pai Céu.

“Quando passamos o pente na nossa cabeça, uma mágica clareza nos invade o pensamento e nos ajeita o coração.” Nesse ritual podemos falar, nos aconselhar, contar nossas histórias ou simplesmente calar. “É uma cerimônia de aconchego para alma, que a lava como as deusas penteadeiras, presentes ao longo de todas as culturas”. É um momento também de se perdoar e se conhecer. “Acordar a escuta sensível que não julga e, sobretudo, dar amor”. Quando estou triste, eu mesma penteio e faço tranças em meu cabelo e tudo vai se clareando e fico com o coração no lugar. A tristeza pode continuar, mas nunca roubará meu alento, meu Axé, minha luz.

Vamos lá?

(Peça a sua filha, mãe, avó, uma amiga ou uma mulher de confiança para pentear seus cabelos e depois você irá pentear os dela – ou vice-versa).

Pegue um bom pente de madeira ou outro;

Pegue um óleo essencial para os cabelos: lavanda, gerânio, laranja, *ylang ylang* (pode ser um creme simples);

Passo o óleo nas mãos e comece a passar nos cabelos da pessoa;

Comece a pentear;

Peça para ela falar de si, da vida ou te dar um conselho;

Penteie estando presente, devagar, com carinho;

Deixe o pente fazer cair as incertezas, os medos, as inseguranças, as iras, os arrependimentos.

Finalmente, faça tranças;

Agora, com a cabeça feita e o corpo cheio de boas energias, peça para a outra mulher te pentear. (Caso tenha sido o contrário, peça para penteá-la.)

Sugestão de música: *Óh Lua*, de Cristina Tati em Cantos da Lua (2001).

- Após, este peteio, passei aquele batom maravilhoso e me encantei comigo mesma. Compartilho então, a obra que fiz após a experiência deste batom.

Imagem 7 – “Cuidando do encanto”, Leninha, aquarela em papel, junho de 2020.



Fonte: Acervo particular, 2020.

Agradeço a oportunidade de compartilhar alguns momentos que tracei para respirar diante da pandemia de 2020. Estas receitas são maneiras de nos chamar atenção para a nossa condição de afrodescendente-latino-americanos, que tem diversos conhecimentos, valores, sabedorias. Estes, por sua vez, estão espalhados por nossos cotidianos. E, nos mantiveram sãs/sãos por muitos e muitos tempos. Então, por que não continuarmos com estes saberes além daqueles saberes reverberados como “mais conhecimento” pela academia? Para mim, todos os conhecimentos são válidos se nos prestam um serviço humano em favor da vida de todas/os.

Boas reflexões.

Axé.

Referências:

ZAMBRANO, Claudia Del Pilar Echeverry. (Org.) **Samai: a Arte das Curandeiras**. Porto Alegre, RS: Ed. do Autor, 2016. p. 39-42.

CANTOS DA LUA. In: **Spotify**. Disponível em: https://open.spotify.com/track/5RJnBQJIGZLfcf31FQcOeG?si=RL2TaN1OQBun_RWpvZZ4yg. Acesso: 18 set. 2020.



CAPÍTULO V – RELATOS DE EXPERIÊNCIAS E NOTÍCIAS

OLHANDO DE AVESSE PARA MELHOR VER A PANDEMIA – ENTENDER PARA MAIS PERGUNTAR

Francis Musa Boakari

Teresina, Piauí – 23.10.2020; 12 & 23.12.2020

Apresento a seguir, uma narrativa viabilizada pela participação do “Projeto Covid-19: Narrativas e Cuidados das Pessoas Afrodescendentes em Relação à Pandemia” (SILVA, 2020), desenvolvido durante a segunda metade deste ano de 2020. Aproveitei mais esta oportunidade para socializar as minhas aprendizagens oferecendo reflexões, questionamentos e ponderações sobre a vida de

ser afrodescendente numa sociedade contemporânea como a brasileira – machista, racista, classista, homofóbica, discriminatória e desigual como mostram as discussões desenvolvidas nos diversos capítulos da publicação: “Políticas públicas e diversidade: quem precisa de identidade?”, organizada por Francis Musa Boakari, Francilene Brito da Silva e Ilanna Brenda Mendes Batista (2020).

Nesta narrativa, ofereço à/ao leitora/or umas palavras voantes sobre imagens dos meus 2 (dois) pés, com foco certo e outra desfocada. Estou querendo chamar atenção à nossa cosmovisão atual que enfatiza o consumo-exploração de tudo e todas/os pelos mais “competentes”. Esta perspectiva tem muito a ver com a pandemia que assola o mundo inteiro, e pensando nesta situação, faço a provocação para pensarmos numa outra maneira de olhar para ver e se relacionar com outros seres – uma cosmopercepção. Perceber e sentir o universo poderia ser alternativa viável, especialmente depois de conseguir controlar a pandemia. E o que nos dizem os discursos atuais, e algumas das práticas sendo desenvolvidas nesta segunda parte de dezembro de 2020, em relação à produção-distribuição-acesso à vacina que já está disponível em alguns países? A pandemia está conseguindo provocar um repensar sobre a necessidade de re-aprender novas práticas sociais mais colaborativas, humanas? O mercado de procura-oferta, tudo continua indicando, é o nosso *modus operandi*. Vamos continuar como o caçador que não escutou o choro de seu vizinho, e nem de sua própria irmã-mãe, e terminou sendo devorado pelo leão. Que pena...!

Outras partes desta narrativa tratam de “convites” para pensar com mais criticidade sobre a participação das atividades do Núcleo RODA GRIÔ. Na parte seguinte, apresento algumas reflexões sobre temas que ajudariam pensar mais sobre a pandemia e os desafios atuais. Em

seguida, alguns ditos pessoais que servem de reflexões sobre a sociedade, estão apresentados com finalidade de conseguir focar em algumas questões diretamente relacionadas às nossas responsabilidades como cidadãos/ãos. Todas/es/os nós somos responsáveis, precisamos pensar nisto permanentemente a fim de não continuarmos as práticas atuais que desumanizam outras pessoas.

Concluo esta viagem narrativa chamando atenção especial à nossa afrodescendência, e às outras descendências, que fazem possível a sociedade brasileira, com a nossa cultura latina-europeia-africana-asiática... Pensar numa cosmopercepção como alternativa num mundo pós-pandemia, só poderia fazer mais sentido se esta perspectiva tornasse cotidiana e prática ideal para continuamente humanizar a sociedade humana.

Imagem 1: Pés do autor, S. Leoa, fev. 2020.



Fonte: Acervo particular do autor, 2020.

Vejo um par de **PÉS** – descalços.

Natureza sem interferência demais – simples, harmônica e humana.
Uma imagem que as pessoas gostariam que existisse.
Confiando neste outro como ser humano, **NÓS** tomamos emprestados estes óculos. **MAS** – só aparências que a visão hegemônica vendeu durante séculos.
Sabíamos que estavam desfocados, mas confiamos em ajustes necessários.

Sem um ou outro pé, esta imagem seria outra
De outra coisa.
Realidade diferente.
Concordar em discordar sempre tem sido o acordo dos olhares diferentes.

Imagine, um só pé,
Um pé sozinho – curvado no chão.
Dizendo o que –
Para quem dizer o que –
O que tenta dizer – Quando – Onde – Como – Por quanto tempo?

Poderia a imagem do pé só representar o mundo pré-pandemia – COVID-19?

Aparentemente:
Livre – Sem limites – Sem controle determinado – Sem disciplina única – Com valores diversos – Sendo possível, muito de que podia pensar-fazer algumas pessoas.
Foi assim mesmo?
Ou era só um mundo **HUMANO** de **APARÊNCIAS**?

De novo, há dois pés, curvados no chão,

se tocando e com uma fresta, abertura para respirar, olhar, ver, ser outra coisa.
Com colaboração de todas – todes – todos e de/com TUDO.

Imagem 2: “Pés do autor distorcidos”, Sierra Leoa, fev. 2020.



Fonte: Acervo particular do autor, 2020.

Com a pandemia e imagens assim, tenho coragem de lhe fazer os seguintes **convites**:

- Com as realidades da pandemia, o que aprendeu com o Projeto de Extensão elaborado pela Profa. Dra. Francilene Brito da Silva (SILVA, 2020)?
- Como caracterizaria 05 (cinco) lições aprendidas de qualquer um dos textos discutidos durante as Rodas este ano?
- “Linhas abissais” e “ecologia de saberes” de Boaventura de Souza Santos dizem o que para você em mundos pandêmico e pós-pandemia?

- Com a pandemia, o que foi possível para você fazer com/pelo NÚCLEO RODA GRIÔ?
- Durante esta pandemia, o que conseguiu entender sobre você mesma/o, da sua “família” e de suas outras redes de relações com pessoas?
- Com tudo que aconteceu e está acontecendo, o que diria deste MUNDO NOSSO?
- Pensando na sua humanidade, ficou/está ficando melhor? Por que?
- Como esta pandemia escancarou as malvadezas das práticas discriminatórias da sociedade brasileira?
- Sim, a pandemia causou e intensificou muitos problemas sociais – então, quais algumas de suas contribuições não-negativas às sociedades de hoje?
- Depois de mais de nove meses enclausuradas/es/os em casa e em outros “espaços fechados”, o que dizer sobre a chamada “fadiga da pandemia” agora em dezembro de 2020?
- O que dizer desta espécie de seres que mandou pessoas para a lua com êxito, e ainda precisa aprender a lavar as mãos de modo correto?
- Quais imaginários consegue construir desta sociedade em períodos - pós-pandemia ou pós-racismo ou pós-machismo?

Questionamentos como o que tenho colocado acima, provocam **reflexões** como estas:

01. O sucesso, acima de tudo, é condição individual, e poderia ajudar o tipo coletivo.
02. Humildade não é crime. Pode ser chave para sucesso da pessoa sábia e focada.
03. A ajuda da(s) outra(s) pessoa(s) mais ajudará quando muito se ajuda primeira/e/o.

04. Sim, exemplos simples e concretos ensinam mais que grandes exemplos que agradam mais, as/os contadoras/es de “grandes” histórias.

05. A pandemia sanitária na saúde pública só fortalece as pandemias históricas das populações afrodescendentes e indígenas desde a chegada de europeus às costas africanas e americanas. Viva a interseccionalidade como instrumento de pesquisa e eixo educativo.

06. Toda periferia é um centro. O meu centro pode ser a sua periferia. Seja bem-vinda/o ao nosso espaço-tempo.

07. O lugar de fala é tão importante quanto o lugar de escuta. Sem este, o outro perderia a sua vitalidade.

08. Para realmente entender a pandemia de 2020, precisamos compreender o que de fato significa SER-SENDO AFRODESCENDENTE/INDÍGENA. Povos das terras-mundos-tempo-TEMPO VIDA.

09. A riqueza das riquezas é respeito de si própria/o, e para COM outras pessoas.

10. Que com esta pandemia, as pessoas consigam perceber-entender-viver a relevância das interdependências dialógicas que sempre vão existir.

11. Ainda podemos retrabalhar a metáfora para a nossa sociedade, uma em que um policial, numa rua movimentada, durante o dia, ajoelhado no pescoço de um homem, consegue ‘tirar a vida de um outro ser humano’ por que tem aparência física diferente.

Num contexto assim, o meu ser-sendo **afrodescendente** nesta pandemia sanitária com ajuda do “Projeto Covid-19: Narrativas e Cuidados das Pessoas Afrodescendentes em Relação à Pandemia” (SILVA, 2020), ainda me estimula a oferecer **ponderações** como as que seguem:

- A Imagem 3, abaixo, esquecendo da figura do irmão de roupas europeias, só me faz lembrar de um conjunto de questões para os povos da Europa que diziam que os povos do continente africano não tinham (sistema):

- História – mas a África foi a Terra Mãe de todos os povos de todos os lugares;

- Cultura – mas, as peças das culturas materiais ainda se encontram em museus da Europa e da América do Norte. Se não existiam culturas nestas terras, como explicam os ideogramas dos *achanti* de Gâna atual?

- Religião – mas, europeus tiveram a audácia de destruir espaços, objetos e práticas sagradas dos povos africanos a fim de os catequizarem. Como se explica uma cosmopercepção como *ubuntu*?

Imagem 3: “Ponte do povo primário num país africano”. s/d.



Fonte: Acervo do autor, 2020.

- Economia – com o seu comunalismo (comunitário) primário, os diversos povos do continente africano desenvolveram atividades de trocas comerciais com os mundos asiático e europeu muito antes da

malvada escravização criminoso-gananciosa dos europeus – crime inafiançável contra a humanidade!

- Política – como os povos africanos conseguiram se organizar para lutar contra a invasão estrangeira e proteger os seus interesses? Veja o que fizeram os *zulus*, *mendes*, *achantis*, *iorubas*, *kikuyus*, *fantis*, *swahili*, *temnes*, e muitos outros.

- Social – todos os povos de todos os lugares e de todos os tempos sempre tiveram sistemas sociais. Sem estes, não seriam grupos humanos, comunidades.

Como afrodescendente, não posso não pensar nas seguintes ideias enquanto tentamos **discutir a pandemia** de COVID-19 de 2020 como “possível divisor das águas”:

- A pandemia faz a gente pensar que “é preciso mudar”. E, estou tentando as perguntas: **Mudar o que – para o que – por que - com o que – com quem – para quem?**

- Para completar a colocação – “O homem é a cabeça da família”, eu afirmo o seguinte: ‘E a mulher, o pescoço’!

Só temos paz quando há igualdade nas raízes dos grupos das nossas sociedades. Lutar pelo acesso igual às oportunidades pelas/os mulheres/homens (e outros grupos) somente fora de casa, *locus* familiar/residencial, é ser machista. A luta pelas igualdades não conhece lugar ou tempo. É luta ubíqua, constante e permanente. Com o racismo-machismo sistêmico, e as políticas públicas desiguais inconsistentemente implementadas por um Estado fundado na violência contra pessoas com pigmentação de pele menos clara, a

igualdade entre as pessoas como estado de direito vai continuar escapando desta sociedade. Lutar pela igualdade só de “boca para fora” vai continuar surtindo os efeitos pensados – mais desigualdades com justificativas injustificáveis.

- Muitas pessoas continuam afirmando que “As nossas crianças são o futuro do país”. Uma menina de um grupo de meninas-meninos de rua, silenciosa-pensante-introspectiva, inocentemente perguntou: “Como assim, se ninguém nem olha para nós agora”?

A pandemia e as afetações – Como construímos as nossas afetações? O cansaço do isolamento social, distanciamento de outras pessoas no mesmo espaço, a higiene de lavar as mãos e usar álcool gel já nos atingiram tanto que as afetações se tornaram tarefas à parte? E o que acontece quando incluir uso da máscara, até dentro de casa, dependendo da situação?

- Em culturas predominantemente não ocidentais, idosas/os são memórias vivas e são valorizadas/os pela comunidade. Aqui, sob o manto da cultura ocidental, pessoas idosas são custos, contas para pagar.

Se relacionar com pessoas velhas em termos de contas a pagar, e não com base em cuidar e amar, aponta para uma sociedade doentia, com pessoas desequilibradas, que evitam a velhice (necessária) com horror.

- **TODAS AS FORMAS DE VIDA SÃO RELEVANTES PARA O PLANETA.**

As vidas humanas são necessárias para qualquer sociedade humana. As vidas dos povos descendentes de africanas/os, asiáticas/os, ameríndias/os e europeias/eus são todas importantes, muito

importantes – são sagradas e merecem respeito, não somente porque nos ensinaram a chegar até aqui historicamente, mas porque são **vidas**.

YES, Black Lives Matter – Sim, as vidas de pessoas descendentes de africanas/os deveriam ser tratadas com respeito, dignidade e valoração explícita – sempre.

Yes, the lives of all humans and other living beings always deserve total and unquestionable respect by all everywhere. [Sim, as vidas de todos os seres humanos, e de todos os seres vivos sempre merecem respeito total e inquestionável, em todos os lugares-espacos.]

Referências:

ALMICO, Rita de Cássia da Silva; GOODWIN JR, James William; SARAIVA, Luiz Fernando. (Orgs.). **Na saúde e na doença:** história, crises e epidemias: reflexões da história econômica na época da covid-19. São Paulo: Hucitec, 2020. Disponível em: <https://www.joserobertoafonso.com.br/na-saude-e-na-doenca-almico-et-al/> . Acesso em: 22 mai. 2020.

BOAKARI, Francis Musa; SILVA, Francilene Brito da; BATISTA, Ilanna Brenda Mendes.(orgs.) **Políticas públicas e diversidade:** quem precisa de identidade?, Teresina, PI.: EDUFPI, 2020.

BOAKARI, Francis Musa et al. (Orgs.). **Descolonialidade e Cosmovisões:** pesquisas sobre gênero, educação e afrodescendência. Teresina: EDUFPI, 2018. Disponível em: https://www.ufpi.br/arquivos_download/arquivos/EDUFPI/E-

[BOOK 2018 18 set 201820180918153950.pdf](#). Acesso em: 20 jul. 2020.

BOMFIM, Maria do Carmo Alves do; BOAKARI, Francis Musa & NEVES, João Evangelista de Araújo. **Educação, Diversidades e Políticas de Inclusão.** (Orgs.). Teresina: EDUFPI, 2013. (Volume 1).

CIDADE VERDE. No Piauí, 80% dos piauienses se consideram pardos ou pretos; é o 3º Estado do Nordeste. 13 nov. 2020. Disponível em: <https://cidadeverde.com/noticias/312176/no-piaui-80-dos-piauienses-se-consideram-pardos-ou-pretos-e-o-3-estado-do-nordeste> . Acesso em: 29 mai. 2020.

GIRO. OMS critica racismo de cientistas que querem que África seja ‘terreno de testes’ para vacina contra coronavírus. In: AFP, ISTO É DINHEIRO. 06 abr. 2020 - 13h54. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/oms-critica-racismo-de-cientistas-que-querem-que-africa-seja-terreno-de-testes-para-vacina-contracoronavirus/> . Acesso em: 28 mai. 2020.

GOMES, Nilma Lino. **Trabalho e justiça social:** a questão racial e o novo corona vírus no Brasil. Friedrich-Ebert-Stiftung (FES), Brasil. São Paulo, Junho 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MACHADO, Raimunda Nonata da Silva & SILVA, Sirlene Mota Pinheiro da. **Vozes Epistêmicas & Saberes Plurais:** Gênero, Afrodescendência e Sexualidade na Educação. São Luís: EDUFMA, 2019.



ESCREVIVÊNCIAS DE UMA MULHER AFRODESCENDENTE EM MEIO A UMAPANDEMIA: TECENDO SENTIDOS E REFLEXÕES

Jhulyane Cristine da Cunha Nunes

*Vou fazendo o que dá e o que posso
Vou indo
No meu ritmo
Como um rio
Sigo meu fluxo
Nunca sou a mesma
Mergulho em minhas correntezas
Me perco e me encontro em mim
Sou meu próprio cais, minha âncora
Me firmo e lembro dos que vieram antes de mim
Eles também são minha força e me dão força
Às vezes eu canso, sou humana
Então descanso
Me (re)conecto
Sobrevivo, respiro, tomo fôlego
Próssigo
Sigo
(Jhulyane Cunha)*

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Coronavírus (COVID-19)**. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/component/tags/tag/novo-coronavirus-fake-news> . Acesso em: 28 mai. 2020.

ROCHA, Camilo. **O impacto do racismo estrutural nas mortes por covid-19**. In: NEXO. 15 de abr de 2020 (atualizado 17/04/2020 às 13h45). Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/04/15/O-impacto-do-racismo-estrutural-nas-mortes-por-covid-19> . Acesso em: 28 mai. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (orgs.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Francilene Brito da. **Projeto Covid-19: narrativas e cuidados das pessoas afrodescendentes em relação à pandemia**. Projeto de Extensão, Pro-Reitoria de Extensão e Cultura (PREXC) & Núcleo RODA GRIÔ, CCE/UFPI. Teresina, PI: UFPI, 2020.

SOMÉ, Sobonfu. O abraço da comunidade. In: **O Espírito da Intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar**. São Paulo: Odysseus, 2003. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B_Dg2TKcVQ-Tc0Jlbnk0RGo3NTA/view Acesso em: 28 dez. 2020.

Antes da pandemia muitas vezes me senti fruto da “cultura da pressa”, do imediatismo, fluxo de rapidez, em uma competição com o tempo,

além da cobrança por produção em diferentes âmbitos, porém aos poucos o meu corpo-casa (lugar que habito em mim) me mostrava que aquele ritmo não estava me fazendo bem, que o esgotamento também era uma forma de pedir para descansar e para desacelerar, pois enquanto mulher afrodescendente eu estava, e ainda estou imersa em uma sociedade neoliberal que infelizmente lucra e se apropria do nosso produtivismo mediante o nosso esgotamento emocional e físico. Nesse sentido, no mês de março com o início da quarentena comecei um exercício de olhar interno, pois a vida e infelizmente a pandemia me mostraram que era preciso parar e se resguardar, tanto por mim como pelos muitos outros que não tinham a oportunidade de ficar em suas casas em isolamento social, desse modo fazer a minha parte ficando em casa era um imperativo a ser vivenciado nos próximos dias que estavam por vir.

A partir desse movimento de estar em casa, redirecionei minha energia para várias coisas, entres eles a vontade constante de me manter informada, de estar conectada, reconheço que muitas dessas ações estavam se tornando automatizadas e foi nesse segmento que refleti criticamente acerca do real motivo de tanta necessidade de se manter “fazendo alguma atividade”.

Ainda assim consegui retomar velhos hábitos como ler livros, ouvir músicas, assistir filmes e séries, fazer receitas, registrar momentos através de fotografias, cuidar de plantas e foi num desses dias que vi roseiras florescerem. Poder observar o ciclo de crescimento das rosas me trouxe um novo olhar sobre o quanto a natureza tem a nos ensinar, sobretudo sobre o tempo.

Imagem 1: Registros fotográficos da autora, 2020.



Fonte: Acervo particular da autora, 2020.

A saudade dos encontros regados de afeto-presença-contato foi substituída pelos encontros virtuais, pelas trocas e as novas possibilidades de afeto-cuidado à distância e assim comecei a visualizar a palavra **presença** com um novo sentido.

E longe de querer romantizar a minha rotina como um impulsionador de “novos hábitos”, essas foram algumas das formas que encontrei através dos meus ajustamentos criativos de (sobre)viver, pois além de tudo isso senti diferentes tipos de medos, seja de estar infectada, de algum ente querido estar infectado, de perder alguém, medo relacionado a minha situação financeira, o medo do incerto. Experimentei um turbilhão de sentimentos, uma vez que nem tudo foram “flores” entrei em contato com minhas angústias, ansiedade,

incertezas, afinal foi praticamente impossível não me afetar com ao menos uma notícia ou acontecimento durante esses meses.

Essas também são algumas das consequências de morar em um país governado por um presidente genocida, irresponsável, fascista. Com inúmeros casos de racismo sendo escancarados nas mídias, com as milhares de mortes devido a pandemia, desmatamentos e queimadas nas florestas e pantanal, o aumento no índice de violência de gênero em pleno isolamento social, desmontes no Sistema Único de Saúde - SUS, incluindo as políticas de saúde mental. Nesses momentos lembro-me de um trecho da música *AmarElo* de Emicida, como forma de me fortalecer de (re)existir.

*“Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência
É roubar um pouco de bom que vivi
Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nós sumir
Tenho sangrado demais
Tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro “
(AMAReLO, Emicida, 2019)*

A sensação que tenho é de que ser brasileira é um estado constante de cansaço e quando me sinto assim me lembro que essa é justamente a intenção da política desse (des)governo, de nos enfraquecer, de sugar nossas forças. É nessa perspectiva que trago outro trecho de uma música de Emicida, sobre a potência do coletivo, do cuidado, amparo e afeto.

*Tudo, tudo, tudo que nós tem é nós
Tudo, tudo, tudo que nós tem é
Cale o cansaço, refaça o laço
Ofereça um abraço quente
A música é só uma semente
Um sorriso ainda é a única língua que todos entende
Tipo um girassol, meu olho busca o sol
(Emicida-Principia)*

Essa foi a primeira vez que passei tanto tempo junta aos meus familiares em casa, não somos perfeitos, no amamos, mas nem sempre concordamos com tudo e temos nossas singularidades. Mas o que quero explicar aqui é a importância do nosso cuidado mútuo, de nós termos sido nosso suporte e contado com nós mesmos, isso fez muita diferença no modo como lidamos com a pandemia.

CRER-SENDO

Imagem 2: Registro fotográfico da autora, 2020.



Fonte: Acervo particular da autora, 2020.

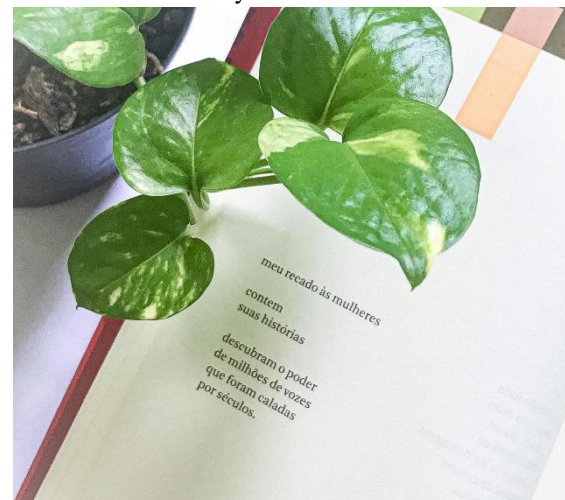
*Enxergar beleza, apesar das inconstâncias na vida cotidiana
Sobre plantar sementes, observar o crescimento
E apreciar cada pequeno detalhe do seu florescimento
(Jhulyane Cunha)*

PARA PODER ESPERANÇAR É PRECISO SE CUIDAR

Esperança do verbo esperar fazer muito sentido nessa jornada de luta, pois assim como a frase de Angela Davis “A liberdade é uma luta constante”, mas é sempre bom reforçar que para poder prosseguir é preciso ter sanidade, estar bem e fortalecida. Nutrir diferentes hábitos de cuidado, tanto com o nosso corpo como a mente não são privilégios, mas sim mecanismos de (re)existência, nessa sociedade patriarcal, racista e classista.

Resolvi trazer nessas minhas escrevivências, sobre o que me atravessa, porque no meio acadêmico constantemente se propaga um discurso de busca pela neutralidade, imparcialidade, sobre não demonstrar emoções, distanciamento “pesquisa e pesquisador” e é nessas horas que me questiono como escrever academicamente sem me colocar, se sou também o que estudo?

Imagem 3: Registro fotográfico do livro “Tudo nela brilha e queima” da poetisa Ryane Leão.



Fonte: Acervo particular da autora, 2020.

Demorei anos de estudo para perceber que a maioria dos livros aos quais eu li desde os tempos de escola até a graduação foram escritos por pessoas que majoritariamente não traziam narrativas para além do eixo eurocêntrico. A partir disso me bateu uma curiosidade, mais precisamente uma necessidade pulsante de ler mais, conhecer outras histórias, muitas dessas que ainda estão sendo escritas ou tendo o seu devido reconhecimento nos dias atuais.

E foi em uma dessas caminhadas que conheci o CONGEAfro e graças a esse evento tive a oportunidade de nesse ano me inscrever no “PROJETO COVID-19: NARRATIVAS E CUIDADOS DAS PESSOAS AFRODESCENDENTES EM RELAÇÃO À PANDEMIA” o mesmo foi um impulsionador, um espaço virtual de acolhimento, novos aprendizados, trocas de conhecimento, os encontros me tencionavam muitas reflexões e algumas delas foram expressas nes



MULHERES AFRODESCENDENTES DE SUCESSO: RELATO ACADÊMICO NA PANDEMIA

**Odilanir de Oliveira Leão
Caryne Maria da Silva Gomes**

O dia 28 de Agosto do ano de 2020 iniciou com toda a sua normalidade dentro da anormalidade deste ano atípico. Em meio ao momento atual, político e social, uma pandemia e tantos acontecimentos no Brasil e no mundo, com variado acesso a informações e em isolamento social é de se esperar que nossas emoções tomem proporções e intensidades bem maiores que o habitual, com as notícias anunciadas durante todo o dia:

- a. Jacob Blake, um homem negro, levou sete tiros de policiais enquanto tentava separar uma briga doméstica e está paralisado da cintura para baixo, detonando protestos contra violência policial em Kenosha, no Estado do Wisconsin, EUA (CNN, 2020);
- b. Tiroteio no morro do São Carlos, região central do Rio de Janeiro, uma moradora foi atingida com dois tiros de fuzil ao tentar proteger o filho (G1, 2020a);

- c. Morre Chadwick Boseman, astro de Pantera Negra aos 43 anos de idade em decorrência de um câncer de cólon (G1, 2020c);
- d. Brasil passa de 119 mil mortes por Covid-19, 868 em 24 horas e 3.808.663 diagnósticos do novo Corona vírus desde o começo da pandemia em março (G1, 2020d);
- e. Atlas da Violência 2020, que analisa as mortes por causas violentas no Brasil, aponta que 43.890 pessoas negras foram vítimas de homicídio em 2018, ou seja, a taxa de homicídios para os negros no Brasil é de 37,8 mortes para cada grupo de 100 mil (ALMA PRETA, 2020a).

Foi neste contexto que duas alunas aprovadas no seletivo 2020/2021 do Programa de Pós-Graduação em Educação – UFPI, Mestrado em Educação (PPGED), da Universidade Federal do Piauí, Campus Universitário Ministro Petrônio Portella – Ininga, participavam semanalmente da disciplina Tópicos Especiais, grupo de pesquisa Roda Griô, com temáticas Afrodescendentes diversas. Dentro da programação da disciplina, surge o PROJETO COVID-19: Narrativas e cuidados das pessoas afrodescendentes em relação à pandemia, projeto esse resultado de uma experiência iniciada no dia 10 de abril de 2020 quando o Núcleo de Estudos e Pesquisas Roda Griô – GEAfro: Gênero, Educação e Afrodescendência da Universidade Federal do Piauí (UFPI) começou a realizar videoconferência, via internet em plataformas digitais, como atividade remota dos estudantes e da comunidade que já participava do Núcleo em períodos anteriores à Pandemia do COVID-19.

O Corona vírus esteve presente nos noticiários internacionais desde o final do ano de 2019, nos primeiros casos de Pneumonia de causa desconhecida em hospital de Wuhan/China, mas somente no dia 30 de janeiro de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) decidiu e declarou ao mundo que a doença causada pelo novo Corona vírus, chamada popularmente por COVID-19 constituía então uma nova emergência mundial de saúde pública de âmbito internacional. Isso significa o “mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional” (OPAS, 2020a). Para iniciarmos de fato esse relato e para compreender a relevância do dia 28 de Agosto em nossa agenda acadêmica, primeiramente, gostaríamos de falar sobre o Núcleo de Estudos e Pesquisas Roda Griô – GEAfro: Gênero, Educação e Afrodescendência da Universidade Federal do Piauí (UFPI - Roda Griô) a qual fazemos parte desde o ano de 2018.

NÚCLEO DE PESQUISA RODA GRIÔ

O Núcleo RODA GRIÔ, faz parte do Centro de Ciências da Educação – CCE e desenvolve pesquisas em educação, com relevâncias socioculturais sob a coordenação do Professor Pós PhD Francis Musa Boakari (CCE/UFPI) e Professora Dra. Francilene Brito da Silva (CCE/UFPI). O grupo é composto em cooperação com membros do campo da Educação, Ciências Sociais, Arte, Psicologia, Pedagogia, História e áreas afins, de forma dialógica, interdisciplinar e/ou multirreferencial e tem por objetivo construir conhecimento explicitamente crítico dos processos identitários e históricos afrodescendentes, das relações de gênero e das educações escolar e social.

Na primeira Roda do ano, durante uma dinâmica, protagonizada pela Profa. Francilene, definimos as temáticas e textos que seriam estudados e discutidos como programação dos encontros do Grupo de Estudos Roda Griô nesse ano de 2020.

A partir das propostas temáticas, escolhemos discutir o texto MULHERES BRASILEIRAS AFRODESCENDENTES DE SUCESSO: o discurso do fazer, fazendo diferenças (Boakari, et al.). Ainda pensávamos e idealizávamos os encontros presenciais, quando acadêmicos e discentes, ligados ou não ao ensino superior, foram surpreendidos pela suspensão imediata do que mais nos abastecia enquanto grupo: o compartilhamento e a pesquisa. Foi deste grupo de estudos sistemáticos, com encontros semanais dentro da UFPI, onde se compartilha pesquisas sobre gênero, educação e afrodescendência que no dia 11 de março de 2020, nos foi anunciado que o novo Corona vírus, causador da doença COVID-19, havia sido caracterizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma pandemia (UFPI, 2020a).

No dia 16 de março, a Reitoria da Universidade Federal do Piauí, na página oficial da instituição comunica reunião da equipe da Administração Superior, Diretores de Unidades de Ensino e infectologista para formar Comitê Gestor de Crise (CGC) e estabelecer, por meio deste, plano de contingência com o objetivo de gerenciar questões inerentes às crises relacionadas à Pandemia do novo Coronavírus (COVID-19), já oficialmente declarada pela OMS (UFPI, 2020b). A Portaria nº 343 - MEC, emitida no dia 18 de março, publica autorização “em caráter excepcional” da substituição de aulas presenciais por aulas do modelo educação à distância -EAD (BRASIL, 2020). Com isso, surge a possibilidade dos encontros do Núcleo Roda Griô serem feitos via internet em plataformas digitais,

como atividade remota dos estudantes e da comunidade que já participava do Núcleo em períodos anteriores ao COVID-19. Surge então como complemento do momento que estamos presenciando o Projeto Covid-19.

PROJETO COVID-19: Narrativas e cuidados das pessoas afrodescendentes em relação à pandemia

A novidade do Projeto Covid-19 reforça a importância da narrativa do grupo a ser socializada como cuidado e experiência sobre o contexto pandêmico e seus desdobramentos no período de isolamento. Sociabilizar e ampliar as experiências individuais, trabalhando a vulnerabilidade da população afrodescendente e a formação de uma rede de colaboração/confiança, interação, informação e conhecimento mais seguros diante dos desafios atuais. O Projeto Covid-19 parte do termo “BemViver”, um conceito que ganha destaque no debate político, social e ambiental, um movimento baseado nos conhecimentos ancestrais, no colaborativismo e no equilíbrio ambiental (ALMA PRETA, 2020b). O projeto tem o objetivo de descobrir práticas de “bem viver” criadas no dia-a-dia dos sujeitos afrodescendentes no cuidado de si e dos outros, na relação entre o cotidiano e a atual situação de convivência com o Corona vírus, bem como, com as novas dificuldades somadas às já existentes estruturalmente falando, ou seja, para o desenvolvimento do projeto, foi compartilhado nossas dores, medos, incertezas, para então nos fortalecer com a discussão do nosso bem viver e os aspectos dos cuidados que essas narrativas produzem em cada praticante do grupo.

Ainda de acordo com o Projeto Covid-19, precisamos continuar nosso processo de decolonização, fruto das discussões anteriores à pandemia e compartilhar as experiências que utilizamos para nos manter com

saúde física, mental, emocional, e tantas outras maneiras de estarmos bem no mundo. Para tanto, foi elaborado um calendário de atividades para o Projeto COVID-19: Narrativas e Cuidados das Pessoas Afrodescendentes em Relação à Pandemia – de 14/08/2020 à 18/12/2020, com encontros Quinzenais e On-line, através da ferramenta Google Meet, um programa de videoconferências do Google, de fácil manuseio e gratuito, que permite fazer reuniões com até 100 pessoas, com limite de tempo de 24 horas, além de oferecer recursos como compartilhamento de tela e cancelamento de ruído (G1, 2020d). Uma excelente opção para nos “Aquilombar”, que de acordo com a reportagem do blog Alma Preta, significa se “Organizar, constituir espaços que possamos refletir e agir sobre a nossa realidade. Questionar o que está posto que nos oprime e construir demandas, ações concretas, nos colocar em movimento para mudar nossa realidade” (ALMA PRETA, 2019).

Dentro do calendário proposto no projeto Covid-19, de 14/08/2020 à 18/12/2020, tivemos dez encontros quinzenais com os mais variados temas disparadores e sob a organização e coordenação de forma voluntária e de acordo com o interesse ou disponibilidade dos integrantes do grupo. E para ser discutido no dia 28 de Agosto, essas duas discentes escolheram o tema Mulheres Afrodescendentes, com um texto de autoria do professor/orientador Francis Musa Boakari, com o Título: “Mulheres Brasileiras Afrodescendentes de Sucesso: o discurso do fazer, fazendo diferença”. É neste dia, 28 de agosto, cheio de situações e já com seis meses de isolamento social e com a sobrecarga emocional da pandemia, em meio a uma realidade psicológica que começa a ser vivida por muitas pessoas, que trabalhamos a dimensão deste texto com uma saturação de

sentimentos, pensamentos e sensações que já nos levava ao esgotamento mental e físico.

DIA 28 DE AGOSTO DE 2020 – 8:30 DA MANHÃ: SALA MEET, 32 PARTICIPANTES

Para (RE)começar nossa conversa, o dia 28 de Agosto do ano de 2020 iniciou com toda a sua normalidade dentro da anormalidade deste ano atípico. Todo o calendário do Projeto Covid-19, com os textos disparadores e duplas responsáveis por cada encontro haviam sido definidos meses antes, dentro dos encontros do grupo Roda Griô. O primeiro semestre nos serviu como modelo de trabalho e conexão com a plataforma Meet e com as ferramentas que poderíamos nos utilizar para melhor desenvolver “nosso” projeto.

As Rodas de Conversa Virtual com duração de duas horas, eram desenvolvidas com apresentação dialogada e roteiro/texto de até duas páginas, disponibilizadas de forma on-line com antecedência, no mínimo, de quatro dias antes da Roda. A duração para exposição era de no máximo 30 minutos e o tempo restante era utilizado para o debate e a discussão dos disparadores, imprescindíveis para viabilizar as rodas de conversas e a sensação de “aquilombamento” do grupo. Tinha prioridade às narrativas de quem se sentisse à vontade para falar sobre sua experiência naquele dia de participação, integrantes ou não integrantes da Roda Griô, que relacionasse o tema ao momento atual de cuidado contra o novo Corona vírus ou experiências individuais ou comunitárias do momento e posteriores ao contexto pandêmico.

O que importava no momento era compartilhar com pessoas que saibam e queiram ouvir seus sentimentos e aceitar sem criticar a forma

como o outro se sentia. Pessoas que adicionasse e não subtraísse. O Projeto Covid-19 veio para que os participantes sentissem que não seriam julgados ou que receberiam diagnósticos para seus sentimentos frente à pandemia. O que o Projeto pretendia era o que, talvez, todos nós precisássemos e queríamos: ser escutado. E foi com esta sensação e misto de sentimentos que apresentamos o texto sobre mulheres afrodescendentes como disparador para a roda de conversa do Projeto Covid-19 no dia 28 de Agosto de 2020, pois de acordo com Boakari (2015, p. 18), ao falar de discurso não falado e escrito, mais de forma mais realístico, “instrumento que comunica algo para alguém”, “as mulheres afrodescendentes de sucesso visto de outro modo, usam o seu próprio discurso do fazer fazendo acontecer pelas conquistas de outras pessoas”, pois é no discurso que estas mulheres conseguem mudar a estrutura social de modo “inocente”.

MULHERES BRASILEIRAS AFRODESCENDENTES DE SUCESSO: o discurso do fazer, fazendo diferença

No dia 24 de Agosto foi enviado ao grupo Roda Griô, através do e-mail os informes sobre o próximo encontro. No e-mail foi inserido: O capítulo do livro digitalizado, de autoria de Boakari (2015) e o Roteiro da apresentação. A seguir o corpo do E-mail: A obra que será discutida nesta sexta-feira (28/08), faz parte do livro EDUCAÇÃO, GÊNERO E AFRODESCENDÊNCIA: a dinâmica das lutas de mulheres na transformação social, de autoria de: Francis Musa Boakari - Ana Carolina Magalhães Fortes - Haldaci Regina da Silva - Lucienia L. Pinheiro Martins - Ranchimit B. Nunes - Raimunda F. Gomes Coelho (Org.). A obra é da Editora CRV, ISBN: 978-85-444-0340-2, ano de 2015. A interligação das temáticas “Educação, Gênero e afrodescendência” tratadas neste livro é resultado de um movimento

acadêmico - político - intelectual no qual são repensadas as experiências educacionais e as condições de vida de pessoas afrodescendentes, a partir de uma perspectiva feminista.

O Capítulo I de Francis Musa Boakari, “Mulheres Brasileiras Afrodescendentes de Sucesso: o discurso do fazer, fazendo diferença” demonstra que a pretensão do autor é discutir aspectos considerados de muita valia em relação à mulher brasileira afrodescendente. Ao se utilizar do termo Afrodescendência para os descendentes em todos os tempos e em todas as partes do mundo atual, considera as diásporas africanas, em períodos variados e que sempre será necessário o prefixo definidor do pertencimento nacional ou regional, aos rótulos geopolíticos. (BOAKARI, 2015). Como disparadores, foram retirados alguns trechos do texto para serem discutidos pela dupla responsável pelo dia e apresentados aos participantes como forma de socializar saberes e problematizar conhecimentos. No total foram dezesseis disparadores/trechos, divididos em blocos de oito para cada discente. Apenas oito serão mencionados como forma de exemplificação:

- a. Neste trabalho está se referindo às/aos brasileiras/os de ascendência africana, as/os brasileiras/os afrodescendentes de parentesco com africanas/os que foram criminalmente escravizadas/os, brutal e desumanamente trazidas/os para o Brasil como propriedade particular para servir de peças de trabalho (pág. 22);
- b. O termo afrodescendente (pág. 22);

- c. As mulheres Afrodescendentes e sua condição de “subcidadania” de grupo racial/ social/ cultural/ histórica e identidades individuais - ordem eurocêntrica (pág. 26 e 27);
- d. A metáfora da ininterseccionalidade e o trânsito (pág. 30);
- e. A mulher brasileira afrodescendente considerada de sucesso socioeducacional (pág. 33);
- f. Vidas dedicadas aos outros a fim de ajudar na humanização da comunidade para contribuir na hominização do mundo. (pág. 34);
- g. Mulheres que assumem responsabilidades concretas para fazer algo para outras mulheres = satisfação com suas conquistas de influência na vida de outras (pág. 38);
- h. Mulheres afrodescendentes de sucesso, seu sucesso está na valorização das outras no caminho de se valorizar, se definir como satisfeitas... (pág. 40).

As discentes comentavam após cada trecho/disparador, trazendo a situação o mais próximo possível da realidade vivida no momento pelos participantes. As pessoas presentes participavam através do chat da plataforma *Meet* ou pediam a fala para compartilhar um sentimento, experiência ou apenas lembrar de uma outra mulher que fez parte de sua vida e construiu seu sucesso no sucesso de outra. O Chat foi composto de comentários, indicação de sites relacionados a algum trecho das narrativas, dicas de livros e filmes. Foram vivências trazidas e narradas em um meio que poderia ser frio e distante, mas nos aproximou o bastante para produzir tantas emoções. A seguir, alguns comentários coletados do chat durante o desenvolvimento da narrativa, são tantos, mas selecionamos oito para exemplificar:

- a. Mulheres periféricas com filhos e sobrinhos encarcerados são mulheres de sucesso. Mulheres de sucesso pra quem? Para ser representatividade para a população negra. Para a sociedade brasileira mulheres de sucesso são aquelas colocadas nas estatísticas das mulheres negras que conseguiram ascender... Mas pra sociedade isso importa?
- b. Enquanto a sociedade continue racista na sua estrutura, onde reina a ideologia racista, os dados sociais não vão falar da nossa realidade de estarmos sem direitos básicos.
- c. Uma menina do campo de 5 anos que foi obrigada pela mãe a abandonar os estudos e começar a cuidar dos afazeres domésticos e trabalhar na roça.
- d. As condições sócio econômicas que nos empurram a desistir dos nossos sonhos.
- e. Enquanto as mulheres "brancas" tentam conseguir espaço no meio social, nos mulheres "negras" tentamos existir.
- f. As Marias que nos conduzem, nos constroem: Maria dos Humildes, Maria Jucélia, Maria Rosalina.
- g. Meus exemplos: Raimunda Brito, Maria do Carmo, Profa. Bomfim, minhas irmãs, avós, Lélia Gonzáles, Esperança Garcia, Maria Sabina, Benedita da Silva, Marizete Silva, Angélica Luíza, Rosana Paulino.
- h. Se nós nos sentimos afetadas com as questões provocadas nas vossas falas, imagina como a perpetuação do racismo pode interromper sonhos e sucesso de crianças afrodescendentes.

A seguir três fotos da sala *Meet* que representa um pouco do distanciamento aproximado que o virtual tem nos proporcionado:

Imagem 1: Tela de computador com imagens das pessoas participando de um dos encontros do “Projeto COVID-19: Narrativas e cuidados das pessoas afrodescendentes em relação à Pandemia”, 2020. Plataforma meet.google.com.



Fonte: Acervo particular das autoras, 2020.

COMOS DISCENTES, MULHERES AFRODESCENDENTES, PERIFÉRICAS, MÃES “SOLTEIRAS”

A escolha do texto e os disparadores pegaram em cheio essa dupla que iniciou a carreira acadêmica juntas. Já nos conhecíamos do Núcleo de Estudos Roda Griô, mas a discussão do texto e o “atravessar” de cada trecho em nossas próprias experiências foi um momento de difícil cruzamento.

No texto, Boakari (2015, pág. 27) ao mencionar os desafios das afrodescendentes nos faz ver que “Estas mulheres enfrentam desafios familiares e outras barreiras como membros de sua própria comunidade e sociedade porque são o que são – meninas e mulheres numa sociedade que as desvaloriza sem trégua por fatores biológicos, socioculturais, econômicos e outros”, não temos como não compartilhar essas dores e sucessos com outras deste mesmo grupo,

somos uma identidade coletiva, com encontros e desencontros em grupo.

As sensações vividas neste dia serão lembradas como um misto de dor e sucesso. Dor em nos vermos em tantas Marias e Safiras invisíveis para a sociedade e donas de tanto poder, mas sem crédito em seu potencial porque a sociedade necessita de títulos e de registro do seu sucesso. E sucesso por sermos capazes de potencializar o desenvolvimento de tantas outras que virão, pois continuamos sendo desafiadas por ser mulher, afrodescendentes e que provam todos os dias, tantos outros dias 28 de Agosto suas capacidades, competências, autoavaliações, questionamentos, autoafirmação, desconfianças e autoconfianças, simplesmente mulheres afrodescendentes de sucesso.

Formamos uma “rede”, tecida a múltiplas mãos e enriquecida com fios de confiança e cumplicidade.

Referências:

BOAKARI, Francis Musa. Mulheres brasileiras afrodescendentes de sucesso: o discurso do fazer, fazendo diferenças. In: BOAKARI, Francis Musa, et al. **Educação, gênero e afrodescendência: a dinâmica das lutas de mulheres na transformação social**. Curitiba, PR: CRV, 2015. p. 21-45. Acesso em: 20 mar. 2020.

BOECKEL, Cristina; PIERRE, Eduardo; GIMENEZ, Elza; FERNANDES, Filipe & TORRES, Lívia. Guerra do tráfico no Rio tem invasão, tiroteios, sequestro e vítimas; mãe morre baleado ao proteger o filho. **G1**, ago. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/08/27/guerra-do->

[trafico-no-rio-tem-invasao-tirroteios-sequestro-e-vitimas-mae-morre-baleada-ao-protoger-o-filho.ghtml](https://www.almapreta.com/editorias/o-quilombo/e-tempo-de-se-aquilombar). Acesso em: 27 nov. 2020.

BORGES, Pedro. É tempo de se aquilombar. **Alma Preta:** jornalismo preto e livre, abr. 2019. Disponível em: <https://www.almapreta.com/editorias/o-quilombo/e-tempo-de-se-aquilombar>. Acesso em: 19 nov. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 343, de 17 de março e 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do novo Corona vírus – COVID-19. **Diário oficial da União:** edição 53, seção 1, p. 39, 18 mar. 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 17 nov 2020.

CHAVEZ, Nicole. Caso Jacob Blake: o que se sabe sobre o homem negro baleado no EUA. **CNN**, ago. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2020/08/27/caso-jacob-blake-o-que-se-sabe-sobre-o-homem-negro-baleado-nos-eua>. Acesso em: 22 nov. 2020.

CRUZ, Thayna. Google meet: ferramenta para videoconferência está disponível de graça, **G1**, abr. 2020. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/04/google-meet-ferramenta-para-videoconferencia-esta-disponivel-de-graca.ghtml>. Acesso em: 22 nov 2020.

NOTA informativa 1: suspensão das aulas presenciais em razão do CIVID-19. **Portal UFPI**, mar. 2020. Disponível em:

<https://www.ufpi.br/noticias-coronavirus/35697-comunicado-sobre-a-reuniao-sobre-o-novo-coronavirus>. Acesso em: 22 nov 2020.

NOTA informativa 2: ADMINISTRAÇÃO superior realiza reunião sobre o novo Coronavírus (COVID-19). **Portal UFPI**, marc. 2020. Disponível em: <https://ufpi.br/ultimas-noticias-ufpi/35674-administracao-superior-realiza-reuniao-sobre-o-novo-coronavirus-covid-19>. Acesso em: 18 nov. 2020b.

OPAS, jan. 2020. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6100:oms-declara-emergencia-de-saude-publica-de-importancia-internacional-em-relacao-a-novo-coronavirus&Itemid=812. Acesso em: 22 nov 2020a.

OPAS, mar. 2020. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812. Acesso em: 22 nov 2020b.

SIMÕES, Nataly. O bem viver e o aminho para salvar o planeta. **Alma Preta:** jornalismo preto e livre, jun. 2020. Disponível em: <https://www.almapreta.com/editorias/realidade/o-bem-viver-e-o-caminho-para-salvar-o-planeta>. Acesso em: 22 nov 2020.

SIMÕES, Nataly. Atlas da violência: negros são 75,7% das vítimas de assassinato no Brasil. **G1**, ago. 2020. Disponível em: <https://www.almapreta.com/editorias/realidade/atlas-da-violencia-negros-sao-75-7-das-vitimas-de-assassinatos-no-brasil>. Acesso em: 23 nov. 2020.

POP & ARTE. Chadwick Boseman, astro de "Pantera Negra", morre aos 43 anos. **G1**, ago. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2020/08/28/chadwick-boseman-morre-apos-lutar-contr-cancer.ghtml>. Acesso em: 23 nov. 2020.



CAPÍTULO VI – PRODUÇÕES DE ARTIGOS

EXPERIÊNCIAS ENCARNADAS: NARRATIVAS DO NÚCLEO DE ESTUDOS RODA GRIÔ-GEAFRO: GÊNERO, EDUCAÇÃO E AFRODESCENDÊNCIA

Emanuella Geovana Magalhães de Souza

Expondo as palavras iniciais

As linhas que seguem essa narrativa foram decorrentes das minhas experiências no Núcleo de Estudos RODA GRIÔ-GEAfro: Gênero, Educação e Afrodescendência, coordenado pelo professor Francis Musa Boakari. Para tessitura desse texto, me atrevo a escrever em primeira pessoa do singular, embora em alguns momentos essa escrita se confunda com um “nós”. Afinal, na RODA aprendi a importância

de contar minhas próprias histórias, uma maneira de aprender sobre si e os outros – e por isso, nós.

Esse texto é uma tentativa de me desnudar, como se eu estivesse coberta com várias roupas e ao rasgá-las proponho um rompimento dos silenciamentos, a proposta é fazer isso através da escrita. Outras escritas se juntaram a minha, dentre elas, destaco Gloria Anzaldúa (2000) em sua narrativa de/sobre/para mulheres do “terceiro mundo”; Jorge Larrosa (2002, 2017) ao discutir a experiência e o saber da experiência, sem deixar de mencionar Paulo Freire (1989) e Jean Marie Goulemot (2011) quando tratam da importância e sentido da leitura.

Por que escolher as palavras como meio de me desnudar? De romper com os silenciamentos? As palavras são carregadas de força, produzem e expressam as experiências, mais do que isso, somos constituídos de palavras, e elas não são um tipo de objeto que podemos carregar, fazem parte de nós, estão entranhadas em nossos corpos, Hampaté Bâ discorre sobre o poder da palavra falada e como o ser humano possui uma forte ligação com a mesma “o homem está ligado a palavra que profere. [...] Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é” (2010, p. 169). Assim, partindo da palavra escrita, pretendo expressar/relatar/discorrer sobre minhas experiências no Núcleo de Estudos RODA GRIÔ e com isso, procurar entender os sentidos que fui atribuindo às mesmas.

A experiência seria um mergulhar de sensações, sentidos, afetamentos, atravessamentos, que expandem por todo o nosso corpo, entrando em nossa pele e se expandindo cada vez mais. Não poderíamos deixar de mencionar que esse texto foi tecido durante a

pandemia do COVID-19, caracterizada por momentos de incertezas, medos e novas aprendizagens.

O corpo exposto, receptivo e aberto proposto por Larrosa (2002) é o disparador para a construção deste texto, me sentindo aberta e vulnerável a sentir, escrevo minhas experiências – narrativas – saberes relacionados ao Núcleo de Estudos RODA GRIÔ, partindo das seguintes indagações: Como essas experiências me atravessam e quais sentidos foram sendo construídos sobre as mesmas? Como essas experiências me ajudaram durante a pandemia do COVID-19? Para isso, escolhi dois momentos vividos na Roda, no ano de 2020 – o primeiro foi o encontro realizado no dia 22 de maio que discutiu o texto “Por que afrodescendente? E não negro, pardo ou preto?” de autoria de Raimunda Ferreira Gomes Coelho e Francis Musa Boakari (2013) sendo mediado pelas mestrandas Denise Façanha, Caryne Gomes e Odilanir Leão; o segundo momento ocorreu no dia 20 de novembro, onde eu e Wilany Alves mediamos as discussões referentes aos textos “Por que amamos: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor” de Renato Nogueira (2020) e “Vivendo de amor” da bell hooks (2010). Nas próximas linhas trato das características e organização da RODA GRIÔ, posteriormente, relato minhas experiências e sentidos e por último, a (in) conclusão para continuar com as problematizações.

A RODA CONTINUA GIRANDO

O Núcleo de Estudos RODA GRIÔ-GEAfró: Gênero, Educação e Afrodescendência, conhecido como “Roda”, foi criado em 2010 sob a coordenação do professor PHD Francis Musa Boakari. A ideia para a criação do núcleo surgiu da necessidade de trabalhar questões

relacionadas às diversidades raciais e de gênero associadas à educação. O nome do núcleo faz menção aos Griôs, considerados “os condutores do rito do ouvir, ver, imaginar e participar, são os artesãos da palavra” (SILVA, 2013, p. 3). Possuem um papel fundamental na manutenção da tradição oral africana, segundo Silva (2013), “Há registros da atuação desses artistas desde o século XIV, onde já atuavam no Império Mali” (SILVA, 2013, p. 3).

Assim como os Griôs, considerados “artesãos das palavras”, as/os integrantes da Roda costumam narrar suas experiências que se costuram com de outras/os participantes, de maneira a reverberar em outros espaços, por isso, dizemos que a “roda continua girando”. Até março de 2020, os encontros da Roda aconteciam às sextas-feiras pela manhã, a partir das oito e meia, na sala destinada aos núcleos de estudos do Centro de Ciências da Educação Professor Mariano da Silva Neto da Universidade Federal do Piauí (CCE-UFPI), no prédio do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED), localizado na cidade de Teresina, capital do Piauí. Qualquer pessoa interessada nas temáticas de gênero-educação-afrodescendência é convidada a participar do núcleo, independente de possuir ou não formação acadêmica.

Em decorrência da pandemia do COVID-19, doença causada pelo novo Coronavírus (SARS- CoV-2), caracterizada tanto por infecções assintomáticas até quadros graves de fácil contágio (BRASIL, s/d), a maioria das atividades e/ou instituições que envolviam aglomeração de pessoas foram suspensas em março de 2020, como aulas, academias, comércio, eventos, apesar de que em alguns estados brasileiros, a retomada dessas atividades estão sendo realizadas desde julho. Diante desse novo contexto mundial, os encontros da Roda

passaram a ser virtual, iniciando em 10 de abril de 2020, através da plataforma *google meet*, um aplicativo de videoconferência.

Com os encontros virtuais passamos a nos encontrar quinzenalmente as sextas-feiras pela manhã em salas virtuais do *google meet*, seguindo a mesma dinâmica dos encontros presenciais, onde as discussões giravam em torno de temas, artigos, capítulo de livros, vídeos, imagens que são previamente escolhidos pelos/as participantes. Outra mudança significativa foi que a Roda passou a ser um curso de extensão da UFPI, chamado “Projeto Covid-19: Narrativas e Cuidados das Pessoas Afrodescendentes em Relação à Pandemia” coordenado pela professora Dra. Francilene Brito. Esse projeto foi resultado dos encontros da Roda no formato *on-line*, onde as pessoas puderam expor suas expectativas, medos, incertezas, alegrias, em relação à pandemia, como podem observar na descrição do projeto:

Portanto, este projeto é uma tentativa de ampliar essas experiências, já que uma das maneiras de se trabalhar a vulnerabilidade da população afrodescendente é justamente a formação de comunidades que criam redes de colaboração/confiança, bem como, de interação, informação e conhecimento mais seguros diante dos desafios atuais (RODA GRIÔ, 2020).

Presenciamos experiências e demandas das tecnologias decorrentes do contexto pandêmico, que também ajudaram abrir feridas históricas, e ao mesmo tempo, apresentar novas oportunidades – novas aprendizagens. Com o referido projeto, as narrativas e experiências das/os participantes ficaram ainda mais evidenciadas, tornando-se o objetivo central do mesmo. Algumas mudanças na dinâmica do grupo foram necessárias como a organização das discussões que passaram a girar em torno de temáticas, com sugestão de algum material escrito,

imagem ou vídeo, no sentido de incentivar as pessoas a narrarem suas experiências, servindo de disparadores para contarmos nossas histórias, retirando o foco dos textos e/ou outros materiais de estudo. Depois de conhecer a dinâmica e organização da Roda/Projeto, no próximo tópico irei discorrer sobre minhas experiências no referido núcleo de estudos/projeto.

Experiências – o corpo exposto sente e aprende.

Retomo a categoria experiência como um mergulhar de sentidos, afetações e atravessamentos que penetram nosso corpo, sendo as narrativas uma forma de contarmos e expressarmos as experiências ao mesmo tempo em que desenvolvemos sentidos as mesmas. Partindo disso, irei narrar dois momentos vividos na Roda/Projeto, no ano de 2020 – o primeiro foi o encontro do dia 22 de maio, tendo mediação das mestrandas Denise Façanha, Caryne Gomes e Odilanir Leão que discutiram o artigo “Por que afrodescendente? E não negro, pardo ou preto?” de autoria de Raimunda Ferreira Gomes Coelho e Francis Musa Boakari (2013); o segundo momento ocorreu no dia 20 de novembro, onde eu e Willany Alves (Mestra em Letras) mediamos as discussões referentes aos textos “Por que amamos: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor” de Renato Nogueira (2020) e “Vivendo de amor” da bell hooks (2010).

A escolha desses dois momentos tem a ver tanto com as afetações provenientes da leitura do material como também dos diálogos/discussões realizados nos encontros. O processo de ler o mundo e ler as palavras está mutuamente ligado, como já disse Paulo Freire: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (1989, p. 9). O autor ainda ressalta a ligação entre texto e

contexto: “A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (1989, p. 9).

A dinamicidade que une linguagem e contexto é o que gera a ampliação do verbo ler: ler as paisagens, ler os corpos, ler os silêncios, ler as palavras, ler as realidades vivenciadas. São leituras do vivido que se entrelaçam com a leitura das palavras, que por sua vez, esta também interfere na leitura da realidade, num ciclo dinâmico e contínuo. Derivando desse processo a construção de sentidos da leitura, como discorre Goulemont “O sentido nasce, em grande parte, tanto desse exterior cultural quanto do próprio texto e é bastante certo que seja de sentidos já adquiridos que nasça o sentido a ser adquirido” (2011, p. 114-115).

Larrosa (2017) em sua obra “Pedagogia Profana” discute que a escrita deveria aspirar o “silêncio” e o/a leitor/a deveria se afastar de sua pessoa e da cultura ao ler um livro. Em um primeiro momento, parece que Larrosa vai de contramão aos pensamentos de Paulo Freire (1989) e Goulemont (2011), já que para estes autores o/a leitor/a ao ler rememora, associa, costura com suas leituras anteriores, sejam elas de palavra ou de mundo. Entretanto, Larrosa (2017) ao dizer que a leitura deveria aspirar ao silêncio, não é no sentido de calar ou impor, pelo contrário, trata-se de silenciar para sentir, experienciar verdadeiramente, como o referido autor explica: “Como se ao ser levado a perder o silêncio, alguém logo caísse no seu eu habitual e em suas formas habituais de experiência da realidade e, nesse cair, dissolvesse irremediavelmente esse tipo de intimidade com as coisas e esse tipo de ensimesmamento” (p. 46).

O silêncio proposto é ao mesmo tempo uma tentativa de desprendimento de nós mesmos, como também, um encontro íntimo conosco. É um calar para sentir, para estar aberto, vulnerável, disposto, exposto, e assim, capaz de experienciar. Parar com a correria e pensar enquanto continua vivendo foi e está sendo exigido de nós durante a pandemia. Nesse contexto de incertezas, de onde a vida e a morte parecem estar lado a lado como em uma corda bamba, o Projeto COVID-19 – Roda Griô, se apresentou como um espaço de fortalecimento, união e principalmente cuidado. Parar para sentir e desvelar as desigualdades ampliadas pelo contexto pandêmico é uma tentativa de construir redes de conhecimento e apoio mútuo com e a partir de nossas narrativas.

Estando aberta e exposta para ler o mundo e as palavras, sempre de modo crítico/participativo irei discorrer sobre as experiências de leitura e dos encontros da Roda Griô/ Projeto Covid - 19. Começo com o artigo “Por que afrodescendente? E não negro, pardo ou preto?” de autoria de Raimunda Ferreira Gomes Coelho e Francis Musa Boakari (2013). Neste artigo a autora e o autor fazem reflexões sobre as categorias negro, crioulo, preto, pardo, mestiço, mulato, moreno, dentre outras, como nomeações que perpetuam os silenciamentos, já que insiste em negar as origens históricas africanas e inferiorizar as identidades étnico-raciais da população afrodescendente brasileira. O que se propõe é a nomenclatura “afrodescendente”, pois carrega uma carga positiva de reafirmação de origens, identidades e histórias. Uma forma de não perpetuar as estruturas de silenciamentos que inferiorizam nossas existências.

No dia 22 de maio de 2020 no encontro da Roda via *google meet*, tivemos a discussão do referido texto onde as mediadoras Denise

Façonha, Caryne Gomes e Odilanir Leão lançaram alguns pontos disparadores para incentivar as reflexões, como: o pensamento eurocentrado ampliou a classificação social das pessoas; houve um aumento de pessoas que se declararam afrodescendentes; existem conotações pejorativas nas diversas nomenclaturas existentes para nomear as/os afrodescendentes. Esses foram alguns pontos explorados pelas mediadoras.

Diante disso, quais afetações me causaram a leitura e discussão deste texto na Roda? Os afetamentos giraram em torno da seguinte provocação: quem define quem é afrodescendente ou não no Brasil? Esse questionamento está relacionado com minhas experiências desde criança, uma vez que não sabia se era “branca ou negra”, afinal, meu tom de pele não é escuro, tenho cabelo liso e traços finos no rosto, características que se enquadram naquilo que socialmente denominam de “morena”, tal nomeação nunca me agradou, sempre me senti “sem lugar”, um “peixe fora d'água”. Foi somente no espaço acadêmico, principalmente quando adentro a Roda, que me descubro continuamente como afrodescendente e como essa identidade me foi negada desde criança.

Essa discussão me lembrou do texto de Hall (2014) “Quem precisa da identidade?” quando afirma que a identidade “Têm a ver não tanto com as questões ‘quem somos’ ou ‘de onde viemos’ mas muito mais com as questões ‘quem nós podemos nos tornar’, ‘como nós temos sido representados’ e ‘como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios’” (p. 109). Com a massificação de imagens negativas sobre as mulheres afrodescendentes nos livros infantis, nos filmes, na televisão, na publicidade (ou quando somos totalmente invisibilizadas) que identidade estamos construindo? Qual será a nossa auto-

representação? Por isso, a necessidade de espaços como a Roda Griô/Projeto Covid-19, que oportuniza discutir temas relacionados às nossas realidades em cruzamento com nossas histórias e experiências.

O segundo momento escolhido ocorreu no dia 20 de novembro, como parte do Projeto Covid-19, onde eu e Wilany Alves mediamos às discussões referentes ao livro “Por que amamos: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor” de Renato Nogueira (2020), optando por trabalhar apenas com os capítulos “O caminho do amor”; “O amor e o ciúmes” e a conclusão. Além dessa obra, também dialogamos com as narrativas de bell hooks no texto “Vivendo de Amor” (2010). De maneira resumida, Renato Nogueira (2010) se apoia nos dizeres de Sobunfu Somé, pertencente ao povo dagara, no oeste da África, para dizer que a harmonia da vida depende dos outros, e por isso o amor seria escutar “Para conhecer o amor, é necessário, antes de tudo, conhecer a si mesmo e ao outro” (p. 18).

Por outro lado, bell hooks traz a tona as dificuldades coletivas de mulheres e homens afrodescendentes com a arte e o ato de amar, decorrente do processo de desumanização e violência continuada da escravização, dando ênfase as mulheres afrodescendentes que precisaram reprimir seus sentimentos como forma/estratégia de sobrevivência, como se tais sentimentos/necessidades não fossem importantes. Nesse encontro, surgiram alguns comentários como “não é possível falar de maneira lógica sobre a intimidade, assim como do amor”; “é preciso escovar as palavras, o que realmente é o amor?”; “existem dois fatores para entender o amor: o contexto social vivido e a personalidade”.

Volto a perguntar: quais afetações me causaram a leitura e discussão destes textos na Roda/Projeto Covid-19? Os afetamentos giraram em torno das seguintes indagações: como eu me percebo? Eu realmente me conheço? O que minha história diz sobre mim? Esses questionamentos me fizeram pensar e tencionar o sistema de escravização e colonização a que foram submetidos violentamente os povos africanos e indígenas, já que esses processos de dominação serviram para forjar a forma como nos percebemos e como nos conhecemos (ou melhor, como não nos conhecemos) e principalmente como isso afeta as maneiras de amar a si e aos outros.

A ideia de raça foi utilizada como estratégia para legitimar uma suposta inferioridade dos povos dominados, seja nos traços fenotípicos como nas produções culturais e intelectuais, como explica Quijano, “Desse modo, raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade” (2005, p. 118). Nesse contexto, como nos amar se historicamente nossos corpos foi associada à inferioridade, a feiura e caracterizados como animais selvagens? A ideia de raça além de apoiar a divisão e classificação das pessoas, também tratou de justificar a inferiorização dos traços fenotípicos, culturais e os conhecimentos dos povos colonizados. São formas de silenciar nossos corpos e conhecimentos, mais do que isso, trata-se de negar nossa existência e humanidade. Diante das experiências relatadas nesse estudo que levaram meu corpo - a se expor; silenciar; interromper o silêncio; abrir-me para outras perspectivas de realidade - alguns sentidos foram emergindo, traduzidos nas seguintes palavras: ser – medo – resistir.

“Ser” porque gira em torno de quem eu sou, do que falam sobre mim, como sou vista, como sou representada, focalizando nas questões das identidades. “Medo” de não conseguir resistir, de não conseguir “ser”, de não conseguir atender aos meus anseios, desejos e sonhos, de não conseguir ser uma “mulher afrodescendente de sucesso”. Medo proveniente das inseguranças e incertezas acarretadas pela pandemia: vou sobreviver? E aqueles que amo, ficará bem? São tantos medos e todos eles foram historicamente construídos, já que a ideia de raça serviu para impor lugares e papéis na sociedade (QUIJANO, 2005). “Resistir” é a força de querer ser mais, de ser gente capaz, de ser mulher que escreve, que fala, que se expõe, se deixa aberta para viver com dor, medo, alegria e sem medo de amar. Resistir é a força que me deixa em pé, é o escrever encarnado na pele, como bem disse Anzaldúa “Escrevam com seus olhos como pintoras, com seus ouvidos como músicas, com seus pés como dançarinas [...] Não deixem que a caneta lhes afugente de vocês mesmas [...] Ponham suas tripas no papel” (2000, p. 235). É colocar tudo de si, é escrever com o corpo, com o sangue e suor, é uma “escrita de corpo encarnado”.

Diante do que expus até aqui retomo a pergunta: Como essas experiências me ajudaram durante a pandemia do COVID-19? A Roda/Projeto foi um espaço de acolhimento e escuta sensível, onde pude me desnudar e me sentir insegura, sem medo e sem culpa, ao mesmo tempo em que vestia uma “roupa invisível” de coragem e resistência. O estar junto, mesmo que por meio de uma tela fria de computador e/ou celular, me encheu de esperança e de um sentimento de união. Narrar minhas experiências e ouvir o outro me serviu para voltar a mim mesma, de fato, construir redes de amor – conectadas por teias coletivas, onde as diferentes experiências e narrativas se interligam.

Com isso, percebo que as experiências se constituem de aprendizagens singulares, pois atravessam cada pessoa de maneira única. Mesmo com esse caráter individual, as experiências se cruzam, se entrelaçam, se interpelam, se costuram, reverberam em outros espaços e com outras pessoas. Assim, o saber da experiência se constitui como prática educativa da aventura, já que não possui uma finalidade a ser alcançado, o que importa é o processo de vivenciar e sentir. Larrosa diz que o processo da formação é como uma aventura: “E uma aventura é, justamente, uma viagem no não planejado e não traçado antecipadamente, uma viagem aberta em que pode acontecer qualquer coisa, e na qual não se sabe aonde se vai chegar, nem mesmo se vai se chegar a algum lugar” (2017, p. 51).

A prática educativa da aventura está relacionada com a forma que vivenciamos os acontecimentos, interessada no processo ao invés do resultado. É uma prática educativa para “voltar a si mesmo”, em uma tentativa de construir a “consciência, a sensibilidade e o caráter da/o viajante” (LARROSA, 2017). São formas diferenciadas de aprender que geralmente não são incentivados em espaços rígidos e mecanizados, como as instituições de ensino, pois o que se prioriza são as competências cognitivas e o mercado de trabalho. Por outro lado, a Roda Griô/Projeto Covid-19 ao potencializar as narrativas provoca aprendizagens a partir e com as experiências, em uma mediação do eu (individual) e o outro (coletivo), no qual, se constroem sentidos próprios que também se entrelaçam. A Roda é como se fosse o destino da viagem, e ponto de partida para mais/outras viagens, as/os viajantes (integrantes) são as/os sujeita/os da experiência e do aprender, as bagagens são nossos corpos acordados/conscientes, onde todos os acontecimentos ficam guardados/marcados em nossa pele.

Para não concluir...

Para continuar pensando nesse corpo exposto que carrega de maneira encarnada suas experiências, retomo as palavras de Larrosa “[...] o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos” (2002, p. 24). As experiências estão marcadas em nossos corpos, são acontecimentos que não se findam, elas ficam gravadas e por isso, encarnadas e escritas na pele.

Essas experiências que marcam nossos corpos se expandem, querem ganhar outros rumos, enredando de diversos modos, seja na fala, na escrita, na música, na pintura... Na medida em que são ampliadas, se entrelaçam com outras experiências, se costurando e gerando laços de fortalecimento e cuidado. São aprendizagens diferenciadas e únicas, práticas educativas da aventura, onde precisamos nos permitir vivenciar e aprender continuamente, bem como, ficarmos expostos e abertos para viver, principalmente em contextos turbulentos como o da pandemia do novo Coronavírus.

O Núcleo de Estudos RODA GRIÔ-GEAfró: Gênero, Educação e Afrodescendência/ Projeto Covid-19 é um espaço onde aprendemos com as experiências, pois são incentivadas a serem expandidas/anunciadas/narradas. Nesse espaço contamos nossas histórias, medos, acontecimentos e associamos as realidades e opressões historicamente construídas, criamos laços de cuidado, fortalecimento e esperança. É um espaço constituído por experiência e que provoca experiência, ao mesmo tempo é um receptáculo e emite de experiência, ou seja, um lugar de chegada e saída. Para não findar esse texto anuncio algumas problematizações para

continuarmos pensando: Como aprender com as experiências? Como pensar educação e experiência? Como potencializar um corpo exposto para experienciar? O que nossas experiências dizem sobre nós? Por que expandir nossas experiências?

Referências:

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**, n. 1, p. 229-236, 2000. Disponível em: <https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/anzaldua.pdf>. Acesso em: 02 mai. 2018.

BÂ, A. Hampaté. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (org.). **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Sobre a doença** [s.d.]. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/index.php/sobre-a-doenca>. Acesso em: 04 jun. 2020.

COELHO, Raimunda Ferreira Gomes; BOAKARI, Francis Musa. Por que afrodescendente? E não negro, pardo ou preto? In: I CONGRESSO SOBRE GÊNERO, EDUCAÇÃO E AFRODESCENDÊNCIA, CONQUISTAS, EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS, 1, 2013, Teresina. **Anais...** Teresina: UFPI, 2013. 1 CD-ROM.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GOULEMONT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger. **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis RJ: Vozes, 2014.

HOOKS, bell. Vivendo de amor. In: **Geledes**, 2010, s/p. Disponível em: <http://arquivo.geledes.org.br/areas-de-atuacao/questoes-de-genero/180-artigos-degenero/4799-vivendo-de-amor>. Acesso em: 06 nov. 2020.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. [online]. 2002, n.19, p.20-28. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 20 ago. 2020.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

NOGUEIRA, Renato. **Por que amamos**: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2020.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clasco, 2005, p. 117 - 142.



RODA GRIO-GEAFRO. **Projeto COVID-19:** narrativas e cuidados das pessoas afrodescendentes em relação à pandemia. 04 de julho de 2020. Disponível em: <http://rodagrioufpi.blogspot.com/>. Acesso em: 15 set. 2020.

SILVA, Celso Sisto. **Do griô ao vovô:** o contador de histórias tradicional africano e suas representações na literatura infantil. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/viewFile/43352/27859>. Acesso em: 20 ago. 2020.

PISO FIRME NESSE CHÃO: LINHAS/CAMINHOS/NARRATIVAS DE ENUNCIÇÃO, CONSTRUÇÃO E CUIDADOS DE SI/NÓS

**Simoní Portela Leal
Francis Musa Boakari**

Introdução aos caminhos/narrativas da Roda/projeto 2020

A proposta do “Projeto covid-19: narrativas e cuidados das pessoas afrodescendentes em relação à pandemia” (SILVA, 2020) foi de percorrermos os caminhos da memória e escritos dos últimos meses para relatar as experiências e narrativas trilhadas e compartilhadas em diálogos com a Roda Griô – grupo de estudo, partilha e vivências das questões educacionais, de gênero e de afrodescendência. O chamamento foi de um exercício individual, mas como toda escrita (e vivência humana) foi plural, onde ecoam um coletivo de vozes, resolvemos tratar nesse texto de memória/oralidade/**narrativas de si**, mas, ao mesmo tempo, de construção e cuidados do **nós**.

Um das nossas primeiras problematizações foi como as categorias/nomenclaturas iriam compor esse trabalho. E como Paulo Freire (2005; 2011), ao tratar de processos educacionais e

comunicacionais, nos orienta, precisamos ter cautela com as palavras. O cuidado é com o **gosto da palavra oca**, para não cairmos na malha dos discursos hegemônicos sustentados pelo privilégio epistêmico, que mantém e reproduz estruturas de poder em um verbalismo vago e abstrato como **uno-versalidade** de ser/existir. A palavra “viva” é dialógica, ao mesmo tempo em que é capaz de temporalizar-se, buscando nas suas raízes significações que poderiam ser construídas.

Na primeira reunião como roda de conversa em março desse semestre 2020.1, fomos instigados pelo docente responsável pela matéria curricular, Tópicos Especiais da Educação, Francis Musa Boakari, para dialogarmos sobre o que o Roda Griô **representa**, confesso que também temos certa cautela quanto a carga semântica do termo “representação”. E isso está relacionado às orientações de Gayatri Spivak (2010), indiana radicada na Inglaterra com coragem-criticidade acadêmica de elaborar o texto - ao questionar o uso do termo para emudecer humanidades, silenciadas nas relações de poder onde o outro se acha no direito de falar em nome de. Mas logo percebemos que a orientação se refere ao termo como um exercício de **auto-questionamento** para nos conscientizarmos como parte do processo de construção de **ser e estar** a/na/para a Roda Griô em contextos da temática – gênero, educação e afrodescendência individual- e coletivamente.

Uma das palavras que foram tecidas durante as narrativas, foi a de “fuga”, a descrição/significação atribuída esteve imbricada enquanto chão/espço que a Roda **é e representa**, e não cabe aqui uma conceituação limítrofe espacial, mas de lócus móvel que se abre como caminhos e possibilidades de (re)conhecer-se e de aconchegos/apoio/cuidados em (re)existências. A fuga é apresentada

como ato de transcender aos “enquadramentos” de uma nomenclatura que não condiz com as **cosmopercepções e cosmovivências** de si/nós. Fuga como tática para desenvolver-permitir outros modos de viver-conviver dialogicamente num mundo que ainda castiga a/o diferente, uma criação dos poderes hegemônicos.

Na semana seguinte, o objetivo é de construção do calendário de atividades com textos e discussões para o 2020. Ao falar de “calendário-tempo”, lhe convidamos para não se espantar com a imagem (foto 1), pois quem segue a lógica decolonial de **cosmopercepção e cosmovivência** não se enxerga em temporalidades em um **continuum**. Assim, ao tratarmos da relação do tempo em circularidades de acontecimentos nas relações **com e no** tempo, ainda ressaltamos que o formato circular não se fecha em si, acontece de forma espiral, aberto as implicações e transformações. Um dos desafios-objetivos do Grupo é para enxergar-se/visualizar-se como possibilidades para além do posto/dado em/por uma sociedade capitalista-moderna.

Imagem 1: Dinâmica para construção do Calendário da Roda Griô 2020.1



Fonte: Arquivo da própria autora, 2019.

As linhas traçadas com linhos no chão da sala onde se realiza as Rodas, reuniões da Roda Griô, as quais se apresentam como caminhos e narrativas a serem construídas, mas também como travessias que se cruzam em um emaranhado de cores como diversidade e pluralidade de existências e co-existências. Vale salientar que ao mesmo tempo em que nós lançamos às entrecruzas das trocas, podemos perceber que partimos de um **novelo enunciativo** como referencial do que se tem a/para **dizer e tornar-se**.

Isso também é para explicar a forma em que esse texto irá se construir, pois direcionamos uma escrita que se lança as narrativas do movimento e das trocas em um mundo pluriversal. Fato que também justifica os usos na primeira pessoa do plural, a escrita de si é também do nós, de uma variedade de vozes/existências/experiências que dialogam, tencionam e negociam em temporalidades diferentes e/ou simultâneas. Não podemos esquecer que as temporalidades que a linguagem das tecnologias do ensino remoto, nos possibilita nesse momento, são de “síncrono” e “assíncrono” - cada pessoa no seu tempo-espço, e todos ao mesmo tempo ainda em lugares diferentes.

Uma semana depois, na segunda quinzena de março de 2020, fomos lançados em um mar de incertezas, silêncios e vazios, mas quem sempre se propôs as certezas, não sabe o gosto do vocábulo e significação que a dúvida/incerteza provoca. Nesse exercício, Ailton Krenak (2020) nos adverte sobre o nosso pretense devaneio e ao mesmo tempo ousadia de achar que “o amanhã está à venda”. Somos instigados a (re)pensar práticas e os caminhos percorridos até aqui, e isso não é para nos levar apenas o questionamento de **si** como construção/transformação do **ser**, mas implicações sobre a lógica das

naturalizações, “normalizações” que internalizamos como o uno válido a seguido.

Assim, sob a cosmopercepção de Krenak (2020), somos instigados à construção de si/nós a partir de um “novo normal”, mas o chamamento não é somente de estabelecermos novos, ou deveríamos dizer que são velhos/costumeiros em algumas comunidades-hábitos. Mas questionar sobre o discurso sobre esses novos/velhos, tidos como “inválido” diante da valoração de saberes diante da hegemonia epistêmica. O certo é que Ailton nos coloca diante da quebra da “aberração da normalidade”, exercício de auto-questionamento para saber se essas posturas/práticas nos levarão uma “nova” compreensão-interpretação da humanidade.

O vírus ainda coloca a **temporalidade** na mesa das discussões, o ritmo/vida do nosso jeito passa a ser questionado como uma proposta de vivência/experiência que não é nossa, mas dos ditames que definem que precisamos correr em busca de **ocos/vazios** que nos deixam embevecidos na busca pela definição de **ser**, em uma corrida que nos leva ao **não-chegar-a-ser**, extasiadamente nômades por trajetos ditados, sem nem mesmo reconhecer quem caminha ao nosso lado. Tudo girando em torno de um objetivo – objetificações de humanidades e manutenção de relações de poder/ser.

Agora, o vírus nos coloca diante de **retornos, (re)encontros** dos nossos lócus de enunciação, das narrativas que nos constitui enquanto ser e até mesmo um retorno aos nossos corpos. Parar a “normalidade” e voltar para casa ainda nos coloca em contato com o “normal” que estávamos esquecidos, ou deveríamos dizer alienados para não percebê-lo com todos os seus *cantos*, encantos e cuidados. E por falar

em canto, a escuta de todos os lugares-espacos é uma atividade bastante solicitada nesses últimos dias, onde o isolamento social, tem nos levado as atividades de forma remota, usos do “virtual”. Narrativas que vão sendo construídas em diversidades de espacos e interseccionadas em uma sala virtual tem dado ritmo às discussões nesse ano de 2020.

Assim a escuta se transforma em uma rede de cuidados/aconchegos de permanências e existências. Quando o “mundo parou”, nos propomos a continuar fazendo a Roda rodar em um giro enunciativo. Com essa proposta, voltamos às atividades da Roda Griô em um diálogo colaborativo com o Projeto covid-19: narrativas e cuidados das pessoas afrodescendentes em relação à pandemia (SILVA, 2020).

E como a oralidade e escuta não se fazem em vazios, mas em símbolos e vocábulos que façam/tenham sentido para si/nós. Uma das primeiras narrativas/palavras das discussões para pensar cuidados foi **afrodescendente**, e essa nomenclatura, assim como preto, pardo, mulato ou ainda as que são direcionados a conceituação de um grupo como “povo da cancela” como “disparador para auto-questionamentos”. Caminho para reconhecer o protagonismo histórico deste povo. A proposta não é a busca de termos enquanto uma unidade homogeneizante em que todos os participantes se reconheçam enquanto tal, mas questionar as construções históricas dessas terminologias, as intencionalidades a fim que contribuam com os processos de conscientização e autodenificação.

Em relação ao termo afrodescendente, gostaríamos de ressaltar o comentário do texto “Por Que Afrodescendente? E Não Negro, Pardo Ou Preto?” de Raimunda Coelho e Francis Musa Boakari (2013), de

que o termo afrodescendente “já chega, chegando”. Não preciso explicar o *ser* constituído a partir de um **não-ser**, mas o vocábulo já faz referência aos caminhos/narrativas enunciativas que são constituídos na/pela travessia do atlântico em uma relação de continuidades entre África e América. Para os autores a discussão em torno das nomenclaturas é para historicizar a sua constituição/construção em reposta à ignorância hegeliana de que africanas/os nem história tinha! Mas, a África não é o berço da humanidade, origem da história do ser humano?

Para ampliar esse diálogo em torno dos processos de estruturação e institucionalização das terminologias como uma materialização de uma **miscigenação** reforçada pelo discurso da dita “democracia racial” no Brasil, partimos dos entrecruzos globais de alienação colonial que definiram as “linhas de cor” como estrutura do etnos social. Implicações e articulações de estruturas que mostram “como as desigualdades correspondem a entrelaçamentos entre os processos sociais em diferentes níveis geográficos: local, nacional, global” (COSTA, 2012). As nomenclaturas como partes de um projeto maior, pois se referem à colonialidade/modernidade em diversos eixos e contextos no mundo colonial ocidentalizado a partir da racialização da cor.

Outro ponto de implicações dessas nomenclaturas como estão na legislação é o seu tom de fragmentação mascarada como reconhecimento das diferenças com base em terminologias que não condizem com as auto-atribuições identitárias na teia social brasileira. E para ter acesso/direito são impulsionados ao *enquadramento* em vocábulos que não correspondem aos lócus de enunciação que fazem parte. Saindo da discussão sobre os usos e abusos das nomenclaturas **ocas** da colonialidade/modernidade como estruturação de linhas

abissais de distorção/separação identitárias do/no mundo ocidentalizado, partiremos para as narrativas de existências com base em experiências de construção do espírito-atitude de comunidade a partir de um **lócus e palavras de enunciação**.

Das linhas abissais as linhas da mão: narrativas sobre racialização e espírito de comunidade

É necessário ressaltar que as linhas fazem parte de uma cosmopercepção que transcende a linearidade do discurso do pragmatismo positivista da historiografia oficial, e se constitui pelas narrativas e memórias que concebe temporalidades fluídas, que de forma pendular transitam e se relacionam com o passado e se constroem no presente. Assim, as linhas se abrem enquanto caminhos e possibilidades de vivências e experiências.

Nessa discussão ainda referenciamos as linhas abissais em um diálogo com Boaventura de Souza Santos (2010), nosso sociólogo português com visão pluriversal, para tratar das dualidades e polarizações projetadas como mundos possíveis de existência a partir da imposição de uma estruturação geopolítica. Porém o que pretendemos tratar nesse tópico são as possibilidades que se abre para além das abissais e que estão na palma das nossas mãos, sobre o nosso acesso e sentir. Afinal, são essas linhas que Paulo Freire (2005) referencia no início desse texto quando fala da necessidade de sentir-se como parte desse processo/chão. Saber ler o mundo da gente, para bem pisar no chão da gente.

Elizete Silva (2015), pesquisadora afrodescendente teresinense-piauiense, também inicia o texto “Gente boa da cancela”

referenciando Gonzaguinha para falar das linhas/caminhos. Trata da beleza contida nas linhas, mas que é também força/consciência/(re)existência quando cita “é tão bonito quando a gente pisa firme, nessas linhas que estão na palma de nossas mãos”. O convite é para pisarmos no chão da Comunidade “Cancela” e percorrermos os trajetos de construção da identidade nesse lócus, de um ser e fazer-se onde as nomenclaturas, como “cancela”, são questionadas a partir de processos identitários próprios.

A comunidade Cancela como mecanismo do/para movimento, da possibilidade de abrir e fechar, mas também de verbosidade, de silenciamentos, da imposição de discursos ociosos do/sobre o ser/fazer. E ainda como dispositivo para questionar as/os sujeitas/os que se movimentam e se constroem no abrir e fechar das propostas da cancela, bem das/os que se colocam na hegemonia nas relações de poder nesse espaço.

Para instigar essas problematizações, a autora trabalha a festa do Divino, pois mesmo sendo uma festa estabelecida sobre os preceitos da cristandade, o debate se volta para autonomia no fazer da festa que se imbrica com o ser da “gente boa da cancela”. Nesse momento, abrimos aqui um parêntese para explicar o entendimento em torno do termo em destaque, com base nas percepções de Ramón Grosfoguel (2016) quando afirma que a “cristandade é quando o cristianismo transforma-se em uma ideologia dominante utilizada pelo Estado” para práticas de opressão, classificação e hierarquização por quem é e/ou pode ser “cristão” e que tem “alma”.

As afetações do texto de Silva (2015) e das narrativas que rodam nas Rodas, nos inquietam diante da possibilidade de (re)pensar práticas

religiosas como espaços para se forjar identidades. Nesse momento, começamos a estabelecer aproximações e similaridades entre as práticas na Festa do Divino na Comunidade Cancela, e as imagens e narrativas estabelecidas com a Comunidade Contente em Paulistana-PI, lócus em que estabelecemos encontros dialéticos para a pesquisa de mestrado entre os anos de 2018 e 2019 (LEAL, 2020).

Em 2019, mais precisamente em maio, fomos convidados pela Comunidade Contente a participar do novenário de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro. Esta santa também é padroeira na Comunidade de Barro Vermelho – Comunidade limítrofe com Contente. Porém, as comunidades possuem práticas diferentes para uma mesma padroeira. As inquietações nascem pelas observações espaciais e pelas narrativas sobre as práticas religiosas, pois em Barro Vermelho tem uma igreja para a realização do novenário no mês de setembro, sob a coordenação e organização da paróquia de Paulistana. Já em Contente os novenários acontecem na Casa de Mariano Rodrigues (bisneto de Elias Mariano – primeiro habitante, fundador-pai de Contente).

A igreja católica representa um elo entre as Comunidades de Barro Vermelho e Contente, constituindo-se como um espaço público comum para expressão da religião católica predominante nas duas Comunidades. Porém na Comunidade Contente, essa prática aparece imbricada pela memória/oralidade como uma reforça a uma ancestralidade de um contexto escravagista. As narrativas nos direcionam a permanências de uma promessa iniciada “há mais de três gerações” como forma de resguardar “os negros que foram convocados para a guerra” (LEAL, 2020; INCRA, 2015).

Os relatos fazem uma descrição de um fazer singular na realização dos novenários, já que a celebração não se faz no espaço

“determinado” pela Paróquia de Paulistana, e nem segue os rituais estabelecidos pela Igreja Católica no Brasil, mas com uma autonomia no ser e fazer-se pela permanência de traços identitários pela memória/oralidade.

Para os novenários, todo ano, era produzida uma esteira de palha e colocada na sala da antiga casa de Mariano Rodrigues e era sobre ela que as pessoas rezavam durante o novenário (INCRA, 2015). Durante a realização dos festejos de 2019, a esteira não fez parte das celebrações, mas o altar foi erguido e a decoração dentro e fora de casa anunciava a chegada do período festivo. Os tecidos estendidos a cada noite festiva (figura 1) são um convite a deixar os calçados e adentrar a sala “pisando firme nesse chão”, como forma de legitimar a sua fé e continuarem a tradição, mas também de existir/ser/tornar-se Contente (foto 2), filha/o da terra dos ancestrais presentes-ausentes.

Imagem 2: Novenário de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro realizado na Casa de Mariano Rodrigues.



Fonte: Arquivo da própria autora, 2019.

Chamam atenção, as similaridades entre a religiosidade de **Contente e da Cancela** a partir das aproximações sobre organização social, existências/experiências para além dos ditos e não ditos dos discursos hegemônicos da cristandade ocidentalizada.

As implicações sobre a religiosidade das comunidades ainda nos levam a uma estreita relação com os processos educacionais. Ao observarmos dos novenários de Barro Vermelho e Contente, apesar das aproximações temporais e espaciais entre as duas comunidades, os distanciamentos se constituem pela memória/oralidade como uma narrativa de ser/fazer-se quilombola em Contente. É nesse momento que questionamos: Quem nos educou sobre religiosidade cristã? Quais tipos de educações trabalham com a construção e/ou anulação de si/nós?

E quando falamos em Educações aqui estamos nos referindo aos processos sociais-culturais que se fazem além-muros das instituições escolares que se imbricam com a construção de si/nós, mas também como forma de questionar os reforços e/ou distorções que as práticas “religiosas” e as “educativas” na/da escola podem provocar nesses processos identitários – identidades escolares e não escolar, comunitária.

Nesse sentido de educações como **palavras** que refletem subjetividades de existências/experiências. Ainda discutimos nesse 2010 sobre as palavras/vidas de Esperança Garcia a partir da percepção do texto de Maria Sueli Sousa (2017). Fizemos uso do termo “vidas”, pois Esperança Garcia se apresenta como plural em sua carta ao governador da Província do Piauí. Palavras de vivências/experiências de lutas em meio a uma estrutura de opressão

escravagista não só de si, mas de um nos que se constroem entre as palavras de denúncia sobre racialização, escravização e de gênero, pois apresenta em um texto/contexto relatos sobre a superestrutura capitalista colonial.

As palavras/vidas de Esperança Garcia não levantam apenas implicações sobre uma rede de denúncias de maus tratos, mas nos inquieta também para saber “quem educou Esperança Garcia”, e esse questionamento não está relacionado somente ao fato de saber ler e escrever **palavras**, mas também de fazer a leitura de mundo/realidade para militar contra as estruturas de opressão em meio a territórios/temporalidades onde o ser-não-pode-ser e deve construir-se sob a forja de um não-ser. Garcia se faz palavra viva de **esperançar** existências. Esperançar para fazer desvelar o que uma palavra esconderia.

As narrativas/discussões construídas aqui ainda atendem as orientações de Sobunfu Somé (2003), nossa guia espiritual dagara de Burquina Faso, África Ocidental, em o “Espírito da intimidade” sobre um processo que não se faz com a pretensa de “nosso vício em informações”, mas como mecanismos de partilha, comunhão, de diminuir o ritmo e vivenciar as relações, sentindo a vida. Que as palavras dos **Conselhos da Comunidade** e em forma de **conselhos que disciplinam coletivamente** se abram como possibilidades diante do auto-questionamento, “que as palavras saciem e, ao mesmo tempo, agucem a sua sede”, e não sejam tomadas como direcionamentos dados a serem cumpridos com obediência inquestionável. O propósito de vida, o que deve ser central é **a existência vocal/plural**, a fala como força-espírito da família-comunidade.

Por meio das narrativas podemos exteriorizar essa existência das vibrações das forças vitais. Narrativas/falas/palavras que são lócus de enunciação e se traduzem por **práticas originárias vivas**. Nesse sentido, Hampaté Bâ (2010, p.177), o nosso professor provocador acerca da força milagrosa da palavra como vida vivente, trata dessas palavras como relações e cuidados. Diz-se: “Cuida-te para não te separares de ti mesmo. É melhor que o mundo fique separado de ti do que tu separado de ti mesmo”. Cuidar da autodeterminação, memória, oralidade em circularidade é construção de si/nós.

Não podemos deixar de ressaltar que os textos/narrativas trabalhados em 2020, já que a pandemia pelo Covid-19 reforçou o convite da decolonialidade de romper com as linhas fixas da universalidade, nos propomos ao movimento das trocas de palavras/vivências. Por isso, estabelecemos nesse texto discussões pelas geografias do pensamento que se forjam para a construção de um etnos social e se apresenta como uma **ecologia de saberes e fazeres**, palavras/narrativas de cuidados como caminhos e possibilidades de existências/experiências. Esperançar em/com novos tempos-fazeres?

Referências:

BÂ, Amadou Hampaté. **A tradição viva**. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.), *História Geral da África I. Metodologia e pré-história da África*. São Paulo, 2 ed. Ática/UNESCO, 2010.

COELHO, Raimunda Ferreira Gomes & BOAKARI, Francis Musa. **Por Que Afrodescendente? E Não Negro, Pardo Ou Preto?** Anais do I Congresso sobre Gênero, Educação e Afrodescendência: Conquistas, experiências e desafios – 6, 7 e 8 de novembro de 2013.

COSTA, Sergio. **Desigualdades, interdependências e afrodescendentes na América Latina**. *Tempo soc.*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 123-145, Nov. 2012. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702012000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 fev. 2020.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 39. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GROSGOUEL, Ramón. **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI**. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, jan/abr 2016

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Relatório Antropológico de Caracterização Histórica, Econômica, Ambiental e Sociocultural, lote 28, comunidade quilombola Contente, Paulistana/PI**. Brasília: INCRA, 2015.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Cia das Letras, 2020.

LEAL, Simoní Portela. **“Já conheci com essa nação, o chamado negro”**: etnicidade, territorialidade e educação nas comunidades **Quilombolas de Barro Vermelho e Contente em Paulistana-PI (2000-2019)**. UFPI. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-graduação em História do Brasil, 2020.



SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (orgs.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010

SILVA, Elizete Dias da. **Gente Boa da Cancela**. Curitiba: Appris, 2015.

SILVA, Francilene Brito da. **Projeto covid-19: narrativas e cuidados das pessoas afrodescendentes em relação à pandemia**. Projeto de Extensão, Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREXC), Universidade Federal do Piauí (UFPI). Teresina, PI: UFPI, 2020.

SOMÉ, Sobonfu. **O Espírito da Intimidade**. São Paulo: Odysseus, 2003.

SOUSA, Maria Sueli Rodrigues de. A Escravizada Esperança Garcia e sua atuação numa comunidade política fundada na desigualdade e a memória da advogada Esperança Garcia numa comunidade política fundada na igualdade. In: BOAKARI, Francis Musa; SILVA, Francilene Brito da & MACHADO, Raimunda Nonata da Silva. **Anais [recurso eletrônico] / IV Congresso sobre Gênero, Educação e Afrodescendência - CONGEAfro: descolonialidades e cosmovisões**. Teresina, 7 a 10 de novembro de 2017.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ENTRE CARTAS E ERVAS: O NARRAR-SE E O CUIDAR-SE POR MEIO DE EXPERIÊNCIAS DE MULHERES AFRODESCENDENTES COM A PANDEMIA

Vicelma Maria de Paula Barbosa Sousa

O presente texto objetiva refletir os modos e usos de (re)existir e (re)agir nos tempos-espacos dos cotidianos de duas professoras afrodescendentes, no contexto pandêmico da Covid-19. A partir de cartas-narrativas recebidas das professoras afrodescendentes universitárias, no mês de outubro, do ano de dois mil e vinte, observei ao lê-las o narrar-se, por meio de cartas, o cuidar-se por meio de ervas, como um dos modos e usos cotidianos de afirmação da vida como direito. No mesmo gesto, as cartas-narrativas, possibilitaram a mim, enquanto mulher afrodescendente, professora universitária, mãe, cuidadora de outras mulheres, analisar problematizando o quanto daquelas histórias tem na minha história.

Um narrar-se que se encontra numa encruzilhada, um narrar-se que diz de uma pedagogia da fronteira, porque implica pensar as condições indissociáveis do ato de narrar-se, enquanto prática epistêmica desobediente do (re)existir-se, do autocuidado em meio ao cuidado de outras pessoas. Um narrar-se que por meio da escrita

potencializa o poder-saber-ser em tempos de pandemia, com usos de ervas, de rede de apoio familiar, de construção crítica do modo como às instituições modernas agem com os corpos das mulheres trabalhadoras e na relação com a maternidade, como modo de nutrição para o enfrentamento aos desafios.

O contexto pandêmico vem nos dizer como reagir de outros modos às situações de desigualdades sociais anteriores e agora exponencializadas pelos/nos cotidianos, em que foram/são construídas pelas hierarquias que fazem com que visualizemos as diferenças de gênero, raça e classe, como sendo estas os “sistemas interligados de dominação”. O texto na sua intencionalidade político-pedagógica objetiva valer-se de uma tessitura que trabalha a encruzilhada de narrativas a partir de cartas de docentes que recebi numa perspectiva de criar uma conversa COM. Dito de outro modo, nos apropriamos das narrativas-cartas como uma possibilidade de encontros, de cuidados. Porque percebi com as narrativas-cartas recebidas (por e-mail) que existe uma tentativa que bell hooks e Lélia Gonzalez nos lembra em ditos diferentes, que estamos politizando o eu num convite coletivo de **erguemos a voz**, ou ainda de nos perguntarmos aos absurdos sentidos **cumé que é?**

Dizemos ainda que politizar o eu na relação com o cuidado de si e das outras pessoas faz-se com o corpo (voz) rente. No entendimento de que escrever narrativas de si em seus diversos modos e usos integra o que bell hooks chama de **autorrecuperação**, muito além da pretensão de representação/autopromoção em si mesmo. É um dizer a si coletivamente para problematizar a importância do que (deseja) se diz. Requisita de nosso corpo (voz) rente uma ética do cuidado de si ao narrar-se. Ao ler as narrativas-cartas das mulheres

afrodescendentes recebidas soava um gritante e urgente desejo de manter-se uma voz na escrita, um desejo que fura o bloqueio do isolamento provocado pela COVID-19 que é o desejo de uma prática da ética do cuidado de si e da outra pessoa, que chama para uma dimensão conversacional, uma conversa. Parece se aproximar do que bell hooks nomeia de *encontrar uma voz em suas vidas*, que se faz por meio da construção de uma consciência crítica atenta ao narrar a si e a cuidar a si, como condição indissociável do cuidar das outras pessoas (do politizar o eu ao mesmo tempo politizar a sociedade?).

O contexto em que a narrativa acontece, já se mostra como enunciativo e anunciativo para sumariar uma crise dentro de tantas outras no Brasil, por exemplo. Como pano de fundo temos a *Corona Virus Disease* (COVID-19), como ouvimos falar, o novo coronavírus, nomeado SARS-CoV-2. Este foi anunciado ao mundo em 31 de dezembro de 2019, e diante das proporções de contágio e elevados números de mortes em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) já declarava Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, como uma pandemia. Hoje já são mais de 170 mil mortes, dessas a maioria sabemos que tem raça/cor, gênero, classe e território. O Brasil, país em sua estrutura histórica marcada pelos processos de produção e reprodução das iniquidades sociais, responsáveis pela perpetuação das desigualdades estruturais, requer de qualquer honesta e crítica análise de cunho interseccional que sublinhe, sem polarização, a ideia de raça/cor, de gênero, de classe como categorias complexas para interpretação densa, não reducionista, da formação nacional brasileira.

Como possibilidade teórico-epistemológica de análise fiz uso da interseccionalidade, para problematizar a complexidade que a exponenciação das diferenças e diferenciações presentes nos

cotidianos vivenciados pelas mulheres afrodescendentes nos provocam a sentir-ver-olhar-aprender-visualizar. Destarte, Crenshaw (2002) explica o uso desse conceito dizendo que

[...] Trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas à de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Enquanto sociedade brasileira, somos hoje mais de 56% (IBGE, 2018) da população que se auto define afrodescendentes. E quem somos nós afrodescendentes? O que dizermos dos vários racismos contemporâneos que reafirmam as violentas formas de desdobramentos do patriarcalismo e seus modos de operar com as opressões numa lógica estruturante de um sistema de discriminações que têm o corpo (a vida) de mulheres afrodescendentes como seu alvo. Pensando o gênero na docência Louro (1997) se preocupa em dizer que

Se as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros (e também os constituem), isso significa que essas instituições e práticas não somente “fabricam”, os sujeitos como também são, elas próprias, produzidas (ou engendradas) por representações étnicas, sexuais, de classe etc. De certo modo, poderíamos dizer que essas instituições têm gênero, classe, raça. Sendo assim, qual o gênero da escola? (LOURO, 1997, p. 43).

Com a interseccionalidade entre gênero e corpo, queremos mostrar o que a polaridade “esconde”, gerando opressões, e não que ela existe ou negá-la. A polaridade existe, porque também podemos despolarizar os nossos cotidianos de opressão. Alinhando as ideias que justificam o uso da interseccionalidade como um conceito amplo e complexo para compreender analiticamente os lugares das mulheres afrodescendentes na sociedade brasileira. Boakari (2015) sublinha a situação das mulheres afrodescendentes como mais desafiadora, por entendê-las

Como sujeitos racializadas as mulheres afrodescendentes teriam pelo menos duas repostas possíveis. Elas podem escolher a passividade, serem objetos dos acontecimentos e manipulações pelos outros, em particular pelos homens afrodescendentes, mulheres e homens de outras descendências (asiáticas ou europeia). Outra resposta é assumir as subjetividades como agências das histórias coletiva e individual; pessoas responsáveis pelas escolhas como indivíduos que conscientemente aceitam a sua vocação ontológica de serem sujeitos construtores de suas realidades e desenvolvedoras de suas vidas e as de outras pessoas sob a sua responsabilidade como cuidadoras de famílias (BOAKARI, 2015, p. 31-32).

Louro e Boakari refletem a relação de gênero e raça/cor com aspectos interseccionais que ditos de maneira diferente localizam socialmente a diferença e as diferenciações que as mulheres no nosso caso, enquanto segmento racializado, apesar de todas as vivências cotidianas de discriminações, reconhecemos-nos como empreendedoras (aquelas que sonham, lutam e realizam inspirando outras mulheres afrodescendentes a se levantarem) de nossas vidas e de outras. Numa relação do cuidado de si na relação com a outra (na

maioria da família) pessoa. Dito isso, uma das reflexões presentes numa das cartas-narrativas é justamente o quanto o contexto pandêmico colocou em relevo elementos estruturantes daquela relação, como implicações que exigem problematizar os modos e usos que as instituições modernas de afeto e trabalho (casamento, família, maternidade, emprego-universidade-escola) precisam ser tensionadas num debate que qualifique o direito à vida.

As cartas como dispositivo teórico-metodológico de aproximações de afetos e angústias do ato de narrar-se por meio da escrita. A carta como dispositivo de comunicação social que interage com aspectos do campo individual e coletivo. A carta como uma recriação íntima de um espaço-tempo vivido/experenciado da vida, que não serve somente como espaço codificado da comunicação social, mas vai além desse. A carta não somente como um escrito que se envia e se recebe de uma pessoa que hora está ausente fisicamente e deseja que se faça ouvido os seus pensamentos. É isso, e ao mesmo tempo, o contrário disso. É o estar e fazer-se presente em interatividade, por meio da narrativa.

Por isso, aqui a carta é carta-narrativa, por ser o sentido da narrativa como potência formativa do ato humano de (re)existir ao narrar-se, garantindo a co-autoria. Etimologicamente, o termo carta como *lettre*, em francês tem sua raiz latina *littera*, que significa cada uma das **letras** do alfabeto. No plural, *litterae*, designa toda espécie de escrito a um destinatário – carta, missiva, epístola ou bilhete. Historicamente, no plano literário, o *gênero epistolar* foi considerado um gênero menor, estrangeiro ao universo masculino. Ligado à prática da escrita feminina no século XVII, é a expressão de uma literatura marginal. Gênero ambíguo, a carta pode portar pretensões estético-

literárias ou puramente instrumentais, servindo ao seu propósito mais imediato da comunicação. Aqui carta-narrativa é um dos modos e usos de praticar os espaços-tempos do cotidiano, como estético: ético, político e formativo do direito à vida.

Como um cartografar psicossocial de afetos, por meio da escuta sensível aos (não)ditos nas cartas, seguindo procedimento de interpretação-interseccionalidade de sentidos produzidos ao narrar-se, como um grande tecido social, como um mosaico, foi possível nessa cartografia visualizar os modos e usos do ato de cuidar de si e das outras pessoas, em rede de apoio familiar, com ervas, por meio da lucidez analítico-crítica contínua da estrutura institucional moderna dos espaços-tempos de trabalho (público e privado/universidade x casa) numa sociedade que cria imaginários de dominação como herança da colonialidade/modernidade.

Francamente não sei se consigo falar de resultados e discussão nessa ordem. Por que o ato de narrar-se por meio de cartas, apresenta-se como um ato poético e *noético* que talvez não dimensione um resultado mensurável, mas certamente, serve de chave para uma discussão que pretende-se abrir fissuras na problemática que a temática enuncia para um praticar outros modos de pesquisas. Neste sentido, Glória Anzaldúa (2000) nos questiona por meio de carta para as mulheres escritoras de cor do terceiro mundo

Por que sou [somos] levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no

mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. (ANZALDÚA, 2000, p. 232).

Nas cartas-narrativas as duas mulheres afrodescendentes ao narrar-se explicam como em meio aos processos de enfrentamento dos cotidianos durante a pandemia têm se empoderado da escrita, como ato estético-ético-político-formativo para dizer dos modos e usos, como táticas para lidar com as estratégias institucionais de abandono da garantia do direito à vida plena. Em itálico as suas narrativas. Estão identificadas por codinomes: Esperança Garcia e Lélia Gonzalez.

[Esperança Garcia] a universidade não foi feita/pensada para mães. Na Pandemia, perdemos nossa rede de apoio: escola, família, trabalhadoras domésticas. Rede formada por uma maioria esmagadora de mulheres. Sinto-me sozinha, pois, embora saiba que existem muitas outras trabalhadoras mães, o problema não está sendo debatido de forma institucional. É como se o patriarcado fosse um problema particular, que cada família resolve da sua maneira. Então eu me sinto pressionada a performar uma profissional imune ao patriarcado.

Ao cartografar o afeto sentido na escuta sensível identificou a presença da solidão, justificada por uma “ausência” direta de pessoas que compõem as instituições modernas de apoio, como família, escola e trabalhadoras domésticas, por exemplo. No entanto, a lucidez ética da análise reflexiva-crítica de Esperança Garcia enuncia aspectos

estruturantes e interseccionais do imaginário de dominação hegemônico de uma sociedade racializada e de atos discriminações, que tem implicações diretas do patriarcado e suas produções letais, que impedem de debater nas instâncias de trabalho o nosso direito à vida plena no exercício de uma maternidade como outra instituição que é invisibilizada da sua condição de interseccionalidade: gênero, raça/cor e classe. Como narrativas que se encontram na fronteira, a outra mulher de codinome Lélia Gonzalez ao narrar-se com/sobre as instituições modernas e seus modos e usos de enfrentamento explica.

[Lélia Gonzalez] A universidade demonstrou preocupação em priorizar infraestrutura e formação tecnológica, visando o ensino remoto, para os sobreviventes... Lamentavelmente e contraditoriamente a pandemia é usada para alimentar o capitalismo, fortificá-lo e nos aprisionar, agora, nas sociabilidades digitais... resta-nos reinventar formas de humanização, libertação e reivindicação nesse mesmo espaço... Repentinamente temos que ter recursos digitais e aprender a usá-los....

Mais uma vez escuto sensivelmente a narrativa que explicita como a estrutura das instituições em que nossos corpos subalternizados (re)existem, ainda que adoecidos, vigiados, criam processos de desobediência epistêmica ao narrar-se, como autora de uma crítica lúcida, qualificada e altruísta de certo modo. A autora chicana Anzaldúa (2000) no mesmo gesto explica e reivindica por meio de carta que escrever também é

Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para

me convencer de que tenho valor [...]. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever. (ANZALDÚA, 2000, p. 232).

Numa segunda reflexão narrativa uma das mulheres afrodescendentes me diz que

[Esperança Garcia] a estrutura de opressão usa nossa força contra nós. Nós gastamos nossas energias brigando por direitos e ficamos esgotadas. O esgotamento faz com que passemos a escolher quais brigas iremos encarar e qual irá ignorar, silenciar, se submeter, perder. Pra continuar viva, ou sã.

Dezoito de novembro de dois mil e vinte, estou às cinco e meia da manhã sentada em frente ao computador tentando, sem a exigência devida de qualidade na escrita, concluir esse texto breve e passível de aprofundamentos, dado que não há necessidade de exaurir todas as possibilidades de problematizações, visto a complexidade que o envolve. Muitas necessidades a aprofundar nas análises descritivas, explicativas e problematizadoras, porém poucas linhas e tempo escasso. Aliás, o tempo cronológico de uma sociedade capitalista, racista, machista e sexista que nos rouba a dignidade. Com isso, quero dizer do entrecruzamento de narrativas com a minha vida. A exaustão, o esgotamento têm nos roubado as forças, as nossas energias. Quero dizer que também temos o direito de não atendermos aos produtivismos exigidos de nós de forma desumana. Posso lembrar Luisah Teish [sem data] apud Anzaldúa (2002, p. 231) quando fala sobre o tempo que nós mulheres afrodescendentes não temos.

Se você não se encontra no labirinto em que (nós) estamos, é muito difícil lhe explicar as horas do dia que não possuímos. Estas horas que não possuímos são as horas que se traduzem em estratégias de sobrevivência e dinheiro. E quando uma dessas horas é tirada, isto significa não uma hora em que não iremos deitar e olhar para o teto, nem uma hora em que não conversaremos com um amigo. Para mim isto significa um pedaço de pão.

Por que ao ousar escrever esse texto, eu ouço a voz chorosa de uma filha de cinco anos pedindo a minha atenção, eu lembro que temos que almoçar e sou eu quem devo fazer o alimento para nos nutrirmos em dias tão quentes e frios de humanidade. Também, lembro que preciso organizar a aula, lavar a roupa que preciso na semana usar para o trabalho. Porque ainda lembro de todas as mulheres que preciso saber notícias para continuar provendo ajudas materiais e aconchego: mãe, madrinha, irmãs e amigas. Existem muitas distrações no ato de escrever esse texto, algumas coisas vão mediando o acontecimento da escrita. Ah, não consigo me demorar sentada, pois ainda tenho um corpo adoecido pelas dormências das mãos que lembra a hérnia de disco na cervical. Isso tudo protela a conclusão e torna a perfeição impossível.

Numa terceira reflexão narrativa, Esperança Garcia ressalta que **a rede social substituiu o lattes na função de panóptico**, estamos num grande tecido social que nos vigia agora pelas tecnologias digitais em rede, mais um modo estratégico da intencionalidade pedagógica institucional se faz presente. Numa quarta reflexão narrativa lembramos do quanto os fármacos têm sido indicados em consultórios psiquiátricos, numa sociedade da medicalização, como modo de anestesiarmos.

[Esperança Garcia] o modelo ocidental é vicioso e degradante. Estamos viciadas em pílulas, remédios e tratamentos que nos inibam da dor, da tristeza, da preocupação. Estamos submetidas ao conceito de normalidade. Estou aprendendo a atravessar os desertos da minha vida. Sem atalhos ou artifícios de distração. Estamos numa Pandemia, sem vacinas, sem data para uma, sem prazo determinado para o fim. Estamos nos adaptando a (sobre)viver numa Pandemia. Se trancar em casa por medo pode trazer problemas de saúde tão letais quanto a COVID 19. Sair de casa e desrespeitar as orientações de segurança é falta de responsabilidade social. Estou aprendendo sobre equilíbrio.

Estamos enfrentando uma crise dentro de outras tantas crises existentes. Tenho dito que estamos ainda tentando (sobre)viver à infecção do novo coronavírus e suas consequências devastadoras, além de permanecermos vivas. Numa quinta reflexão narrativa anuncia mais um modo e uso problematizador de enfrentamento aos tempos desafiadores de reivindicarmos o direito à vida plena.

[Esperança Garcia] qual a nossa responsabilidade ético-social com a população? Nossas investigações estão contribuindo com problemas de ordem prática e pragmáticas? Se não, podemos responsabilizar apenas um ou outro governo pela desvalorização de nossas instituições? Até que ponto não estamos promovendo uma autopoietica? Queremos uma reconstrução de diálogos entre a universidade e a sociedade? Como eu posso atuar de modo coerente com o que defendo discursivamente?

Sobre o saber de experiência Esperança Garcia e Lélia Gonzalez nos

ensinam sobre modos e usos de resistências ao reagir com análises críticas e um fazer-ser pautado no ato estético da formação humana da educação.

[Lélia Gonzalez] A experiência de professora na pandemia é viver a totalidade de SER: professora, mãe, esposa, irmã, tia, cunhada, nora, amiga... Em cada um desses papéis distribuímos e ganhamos energia...

Algumas dimensões dos modos e usos do narrar-se e cuidar-se apreendidas no ato da escuta sensível às narrativas-cartas podem ser sumariadas como:

1. Dimensão do narrar a si e do cuidado de si
2. Dimensão da divisão entre público x privado: a realidade pública e as estruturas institucionais de dominação dos nossos corpos (vozes).
3. Dimensão da opressão e exploração no espaço-tempo privado – como conectar essas dimensões?
4. Dimensão do tempo para experimentar x tempo para analisar o que tem experimentado.
5. Dimensão do tornar-se o que se é: mulher afrodescendente, professoras, mãe, esposa, amiga, enuncia a totalidade do SER como um modo de nutrirmos mutuamente.

Lembro Oyewùmí (2004), quando nos propõe a tarefa complexa de interrogar gênero e conceitos aliados com base nas experiências e epistemologias culturais africanas. Defendendo, a partir de suas críticas ao feminismo (eurodescendente e estadunidense), que usa gênero para explicar a subordinação e opressão sofridas pelas mulheres, elegendo a categoria mulher, de modo universal.

Por que gênero? Por que não alguma outra categoria, como raça, por exemplo, que é vista como fundamental por afro-americanas. Porque gênero é socialmente construído, a categoria social mulher não é universal, e outras formas de opressão e igualdade estão presentes na sociedade, questões adicionais devem ser feitas: Por que gênero? Em que medida uma análise de gênero revela ou oculta outras formas de opressão? As situações de quais mulheres são bem teorizadas pelos estudos feministas? E de que grupos de mulheres em particular? Até que ponto isso facilita os desejos das mulheres, e seu desejo de entender-se mais claramente? (OYEWÜMÍ, 2004, p. 2-3)

Ao ponderar a escolha pelos conceitos de gênero como tal, construído socioculturalmente, a autora destaca que longe de ser universal, o conceito remonta para uma necessidade basilar quando escolhido para estudo, porque trata-se de pensá-lo, não como uma coisa a ser abstraída de seus contextos sociais e, outros sistemas de hierarquia, longe disso, ele requer ser explicado e interrogado desde estes contextos, com a exigência de transcender os estreitos limites da família nuclear.

Para não concluir, Anzaldúa (2000) nos escreve cartas para numa cumplicidade de múltiplos sentidos dizer do/o porquê devemos escrever.

Escrevam com seus olhos como pintoras, com seus ouvidos como músicas, com seus pés como dançarinas. Vocês são as profetisas com penas e tochas. Escrevam com suas línguas de fogo. Não deixem que a caneta lhes afugente de vocês mesmas. Não deixem a tinta coagular em suas canetas. Não deixem o censor apagar

as centelhas, nem mordanças abafar suas vozes. Ponham suas tripas no papel. (ANZALDÚA, 2000, p. 235).

Que possamos escrever com nossas “línguas de fogo”.

Referências:

ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo". In: **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

BOAKARI, Francis Musa. Mulheres brasileiras afrodescendentes de sucesso: o discurso do fazer, fazendo diferenças. In: BOAKARI, F. M. *et al.* (Orgs.). **Educação, gênero e afrodescendência: a dinâmica das lutas de mulheres na transformação social**. Curitiba, PR: CRV, 2015.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, ano 10, p. 171-189, I sem. 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.



CORPO COMO TECNOLOGIA E TEXTURA DE CUIDADOS

**Caio de Sousa Feitosa
Vicelma Maria de Paula Barbosa Sousa
Francilene Brito da Silva**

Introdução

“Lá vem o meu parente”
[...]. *Exclamou certa vez um negro velho que se achava perto de nós quando viu surgir em meio à procissão a imagem de um santo de cabelo encarapinhado e lábios grossos; e, no seu transporte de alegria, o velho exprimiu exatamente os sentimentos visados com tais expedientes.*

(DANTAS et al, 2012, p. 48)

Adentramos na porta do Brasil oitocentista aberta (KIDDER, 1837 apud DANTAS et al, 2012, p. 48) para abriremos a janela de nossa própria casa subjetiva – o corpo – uma vez que, agora em tempos pandêmicos esta casa toma novas conotações e significações para

cada um, nos instigando a pensar o eu, o entorno, nossas relações e tudo o mais. Ter a oportunidade de conectar tais subjetividades pujantes, em seus contextos específicos, impulsiona novos processos de descoberta nos fazendo sentir os sentimentos de um “lá vem o meu parente”, pois nos conectamos no tear de nossas narrativas com aquelas pessoas que nos respeitam e nos ajudam a pensar nossos cuidados.

Para tanto, o “Projeto Covid-19: Narrativas e Cuidados das Pessoas Afrodescendentes em Relação à Pandemia” se apresenta para nós como ferramenta veiculadora e facilitadora de uma possibilidade de nós nos recriarmos a partir de nossas narrativas dentro de um tecido social, que metaforicamente, nesse texto, apresenta-se como um tear com suas urdiduras e tramas. Estas são as narrativas trazidas por cada praticante cultural (CERTEAU, 1994) nas rodas de conversas das sextas-feiras durante o Projeto, com cerca de 70 pessoas on-line. Por compreender esse processo de troca de saberes de forma holística e orgânica, os temas geradores das discussões se interconectam e intersectam com as narrativas anunciadas e enunciadas por esses praticantes culturais.

Nos debruçamos sobre nossas percepções acerca da importância das narrativas próprias, estas que são possibilitadas pela experiência que, para efeito de conceituação, compreendemos aqui como em Siqueira, (2019):

A experiência passa a ser pensada como o próprio modo de existir no mundo ao qual se está inescapavelmente atado. Desse entrelaçamento nasce, além do visível, aquilo que se mantém invisível, evidência dupla de que sempre há vidente e visível que

se lançam um em direção ao outro, uma vez que antes mesmo do sujeito que percebe já há o Ser – do qual este é também parte – que se abre para o mundo (SIQUEIRA, 2019, p. 14).

Nos utilizamos dessa forma de pensar a experiência para dar vazão as sensações, percepções sensitivas de cada praticante cultural no projeto. Esta abertura requer uma escuta primorosa, uma abertura. Pois, entendemos que a escuta aqui se apresenta como forma de cuidado, porque agora somos convidadas/os ao ato de aprender-ensinar com o corpo de si e da outra pessoa, numa relação de cuidado mútuo. Este como uma escuta de si a sair do automático e de fato refletirmos práticas que antes eram corriqueiras. Com isso, repensamos o nosso eu, nosso corpo potente, as nossas relações e auto sensações e percepções, bem como a reflexão de conceitos que outrora fora impensáveis. Então, nos perguntamos: Falar do “eu” e dos meus atravessamentos, sensações e percepções pode ser combustível para uma pesquisa extensionista em tempos pandêmicos? No mesmo gesto, como pensar o corpo-narrativa em suas múltiplas texturas de cuidados como uma tecnologia? Diríamos que estamos mais acostumados a ser um narrador observador daquilo que nos é exigido do que um praticante atento às suas próprias histórias nos cuidados cotidianos.

É a partir daí, que pensamos o corpo como tecnologia, este que se adapta ao seu contexto, manifesta seus descontentamentos, produz saber, se conecta com a natureza, se auto percebe, desenvolve táticas de defesa e sobrevivência, que em nosso caso foi a busca de aconchego, possibilitada através da fala, do olhar, do sorriso e de cada narrativa pessoal entretida em nossos encontros semanais. Tais tessituras estabelecem uma nova textura, que agora é todo cuidado, é todo aconchego de uma maioria que é suprimida e marginalizada: as

populações afrodescendentes - aquelas que estão sendo largada à própria sorte desde a “invenção” chamada Brasil.

Método – atividades e maneiras disparadoras das narrativas

As atividades têm sido organizadas em forma de Rodas de Conversa com apresentações dialogadas de forma remota em plataforma digital. Desenvolvemos, anteriormente aos dias das Rodas, um guia de apresentação de até duas páginas e distribuimos para os E-mails dos partícipes inscritos no Projeto. Este guia funciona apenas como disparador das histórias que ouvimos de muitos dos praticamos culturais nestas Rodas. Durante o debate e a discussão são imprescindíveis as narrativas de quem se sentir à vontade para falar sobre sua experiência naquele dia de participação. Os diálogos podem vir a partir das seguintes distribuições ou modalidades: Diálogos - apresentação de experiências ou de texto(s) e produções de autores partícipes; Diálogos em Seminários – apresentação de projetos de pesquisadoras/es, em especial, pós-graduandas/os e outros; Diálogos com Saberes Outros – apresentação de experiências individuais ou comunitárias diversas de pessoas integrantes ou não integrantes do Núcleo de Pesquisa Roda Griô-GEAfro: Gênero, Educação e Afrodescendência.

A equipe Responsável disponibilizou textos, vídeos, músicas e ou podcast de forma on-line para os praticantes culturais envolvidos no projeto. Então, a partir de suas curiosidades e de como essas curiosidades aguçaram suas lembranças vamos construindo os encontros ou as Rodas de Conversas. A equipe que organiza também se encontra para fortalecer seus estudos e suas reflexões e subjetividades nesse caminho onde o corpo foi escolhido como aquele

grande lócus de narrativas que tece suas texturas e suas tecnologias de cuidado.

Relato de Experiência – as narrativas em um tear de cuidados

A partir deste corpo (textura e tecnologias de cuidados) encontramos diferentes histórias e enfrentamentos do momento de sobrevivência atual. Abaixo apresentamos alguns trechos dos chats enquanto os encontros acontecem. Nestes trechos vamos encontrar algumas correlações com aquilo que tecíamos acima na introdução, bem como, relacionar as escritas com um tear em que a urdidura será entendida como falas nos encontros da equipe de organização (onde encontram-se os bolsistas e os voluntários) e a trama como as falas nos encontros das Rodas com todos os praticantes culturais.

Trechos dos *chats* com a equipe organizadora – as urdiduras:

Questiona-se se a presença da filmadora pode interferir no comportamento dos participantes. Autores como Heacock, Souder e Chastain (1996) esclarecem que o comportamento pode se modificar, mas apenas por um curto período de tempo, apontando que após poucos minutos os participantes irão se acostumar com o equipamento e voltarão a apresentar seu comportamento usual. (psicologia cpce 09:39; dia 14/07/2020).

O corpo como tecnologia...este mesmo corpo como narrativa - o meu cabelo durante os últimos 6 meses... O próprio corpo como linguagem para uma narrativa...ou ele já é uma narrativa minha (Congeafro Ufpi 09:56, dia 04/09/2020).

Eu mesma sofrendo e des-sofrendo (Pohema Lima10:24, dia 04/09/2020)

Queria muito aprender a ler borra de café (Pohema Lima10:25, dia 04/09/2020).

Trechos dos *chats* com praticantes culturais – as tramas:

Na minha infância nós morávamos numa espécie de vila. Minha vó era inquilina. E lá tínhamos a vivência com pessoas diversas. Mas o que me lembrou essa vivência foi a vida em comunidade. A questão da ajuda. Hoje pouco se fala com vizinhos. Isso quando falamos na comunidade referenciando a nossa vizinhança. (Fabiana Neves 09:20, dia 11/09/2020).

Comunidade não é um grupo. É um grupo que tem o cuidado como motivo.

Cuidado consigo e com o outro. (Você 09:34, dia 11/09/2020).

Quando as pessoas perguntam onde moro, logo eu falo: o espaço da minha casa é diferente. Eu sempre faço referência a comunidade, reforçando, eu moro numa comunidade, entendido o conceito de comunidade próximo a ideia da autora. (Fernanda Rocha 09:51, dia 11/09/2020).

Intimidade como desenvolvimento da sensibilidade, sensibilidade de perceber/enxergar o outro e perceber-se no outro (SIMONÍ PORTELA 09:58, 11/09/2020).

Se interconectarmos e interseccionarmos cada trecho encontraremos um tecido com o qual podemos perceber corpos que procuram estar juntos e encontrar-se em meio ao desfragmentado contexto de atenção social e político diante de uma crise.

Discussão

No início questionávamos sobre o uso de gravações nos encontros e decidimos por não fazê-lo e tentar nos encontrar sem gravar nada, a não ser copiar o *chat*. Assim, todos nós não nos preocupamos em estar observando externamente e sim dentro das conversas. Ou seja, dentro da roda dos corpos-texturas-tecnologias. Nós somos a nossa própria gravação. Assim, o assunto do café surgiu porque alguém contou que sua família voltou ao velho costume de tomar o cafezinho da tarde juntos e conversar mesmo na era dos celulares. Assuntos outros como infâncias, medos, comunidades e famílias revelaram os modos com que este corpo experiência seu cotidiano, fortalecendo as tecnologias dos afetos e construindo novas texturas de si.

Considerações Finais

Percebemos que estes corpos procuram estar vivos não somente tomando cuidados preventivos, mas tentando mexer em suas subjetividades e em seus cotidianos para entender-se em meio ao contexto atual e procurar se fortalecer tecendo novas texturas. “Lá vem o meu parente” significa que cada palavra dita como narrativa no Projeto fez e está fazendo com que nos reconheçamos parentes, pessoas iguais em suas singularidades e que merecem cuidados. Merecemos ser ouvidos e perceber nossos corpos tecendo novos aprendizados para nos manter emocionalmente e sensitivamente cada vez mais saudáveis.

As texturas das nossas experiências tanto na preocupação de estar preparando uma urdidura para as Rodas quando nas conversas ou tramas dos encontros desta mesma Roda são agora compreendidas como corpo-tecnologia de enfrentamento ao coronavírus atual – um vírus da família vírus (CoV) que já causou 141.741 casos (registrados)

de óbitos até o dia 27/09/2020 desde março do mesmo ano. Em um país que se encontra com mais de cinco meses sem Ministro da Saúde, o que pensar do cuidado partindo do poder público se não um descaso? Diante de tal fato e fenômeno de saúde pública voltamos nosso olhar para o cuidado a partir de quem se cuida e cuida do outro, de maneira a pensar as suas subjetividades nesse jogo social que nos relega à própria sorte.

Deste modo, o corpo tecnologia e textura afrodescendente é um corpo que escuta e que fala com intuito de mostrar-se vivo; cuidando de si, bem como, da outra pessoa, de maneira subjetiva na abertura ao diálogo. E, sobretudo com identificações que nos fortalecem a dizer: “nos somos parentes, podemos nos ajudar conversando”.

Agradecimentos:

Agradecemos ao Programa Institucional de Bolsa de Extensão – PIBEX/UFPI e à Coordenadoria de Programas, Projetos e Eventos Científicos e Tecnológicos - CPPEC/PREXC.

Agradecemos imensamente a todos os praticantes culturais que compartilham conosco do “Projeto COVID-19: narrativas e cuidados das pessoas afrodescendentes em relação à pandemia” nas Rodas de Conversas do Núcleo Roda Griô-GEAfro, às sextas-feiras à partir das oito e meia da manhã.

Referências:

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DANTAS, Vianna Carolina; MATTOS, Hebe; ABREU, Martha. (Orgs). **O negro no Brasil**: Trajetórias e lutas em dez aulas de história. Rio de Janeiro, RJ: Editora Objetiva, 2012.

SIQUEIRA, Thulho Cesar Santos de. **A experiência ritualística da cena**: O teatro como educação sensível no ensino médio. 2019. 263f. Tese (doutorado em Educação). Natal: Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/27376>. Acesso em: 10 set. 2020.



ENCONTROS, AFETAÇÕES E CUIDADOS EM RODA⁴

Simoní Portela Leal
Francisco Ruan da Silva
Francilene Brito da Silva

Introdução

Paramos. Ou seria melhor dizer que fomos parados? Ou ainda que: nos pararam para cuidarmos/amarmos? Por dias ficamos extasiados pelo desconforto das (in)certezas diante de um vírus. Como algo tão pequeno nos fez imergir em uma imensidão de silêncios/vazios? A temporalidade ganha outro ritmo. O isolamento nos leva a perceber lugares perdidos dentro do nosso cotidiano e da nossa vida “normal”. Aliás, as palavras “nova” e “normal” são tão recorrentes nesse momento/contexto, mas os usos dessas nomenclaturas nesse trabalho são uma proposta de questionar um *ethos* social inebriado e construído a partir de uma cristalização/naturalização de uma *uno*-versalidade.

Fomos educados a ler a nossa história com os olhos do outro? Fomos responsabiliza-los por nossas limitações? Com o vírus, foi diferente? Tem sido o culpado por toda a crise sanitária que estávamos/estamos vivenciando? Em o “Monólogo do vírus” (2020), texto 05 publicado pela *n-1 edições*, o vírus responde com uma provocação: “sou apenas a outra face da Morte que reina”. Essa nossa interpretação não é

⁴ Parte deste texto foi retomada e usada na Introdução deste E-book.

apenas uma forma de isentar-se da culpa pelo caos, ou pelo menos dividir responsabilidades, mas de nos levar a (re)pensarmos sobre nossas ações enquanto humanos, pois o vírus não tem “outro cúmplice que não a própria organização social, a loucura da grande escala da sua economia, o fanatismo do sistema”. Ainda afirma que veio para expor a “aberração da normalidade”.

Assim, partimos também da *cosmopercepção* de Ailton Krenak (2020) para questionarmos se esse “novo” nos levará mesmo a uma nova humanidade e/ou se conseguiremos quebrar a lógica da abstração civilizatória e reconhecermos a pluralidade da *cosmovivência*. Ao mesmo tempo em que Krenak (2020) faz um chamamento para “não voltarmos à normalidade”, também nos convida ao *regresso*, convite reforçado por Paulina Chiziane (2020) e Paulo Freire (2011) ao proporem um trajeto para além da racionalidade homogeneizante. Estes autores pensam os (*re*)encontros como possibilidades de um sentir-se ontológico, com “retornos” aos seus ou às suas raízes, em busca de uma existência/enunciação emancipadora, com afetações, presente em um mundo **outro**: com **cuidado**, com o qual as pessoas afrodescendentes são reconhecidas como sujeitos e enunciadores ao narrar-se.

Método – os diálogos como escolhas para disparar narrativas com afetações

As Rodas de Conversa com apresentações dialogadas de forma remota em plataforma digital foram a saída para (re)encontrarmo-nos. Desenvolvemos a cada semana anterior ao encontro da Roda, um guia de apresentação e distribuimos para os E-mails dos partícipes inscritos no Projeto: mais de 70 pessoas (afrodescendentes brasileiras). Este

guia funciona apenas como disparador das histórias que ouvimos como narrativas de cuidados durante a pandemia do novo coronavírus de 2020. Durante o debate e a discussão são imprescindíveis as narrativas de quem se sentir à vontade para falar sobre sua experiência naquele dia de participação. Os diálogos podem vir a partir das seguintes distribuições ou modalidades: Diálogos - apresentação de experiências ou de texto(s) e produções de autores partícipes; Diálogos em Seminários – apresentação de projetos de pesquisadoras/es, em especial, pós-graduandas/os e outros; Diálogos com Saberes Outros – apresentação de experiências individuais ou comunitárias diversas de pessoas integrantes ou não integrantes do Núcleo de Pesquisa Roda Griô-GEAfro: Gênero, Educação e Afrodescendência.

A equipe Responsável disponibiliza textos, vídeos, músicas e ou podcast de forma on-line para os praticantes culturais envolvidos no projeto. Então, a partir de suas curiosidades e de como essas curiosidades aguçaram suas lembranças vamos construindo os encontros ou as Rodas de Conversas. A equipe que organiza também se encontra para fortalecer seus estudos e suas reflexões

Relato de Experiência - reencontros com nossas forças vitais

A oralidade ou a narrativa das pessoas participantes do Projeto também é tomada como **cuidado**. A escuta se torna metodologia de existir e cuidar diante das limitações de contato físico e comunicacionais. E é a partir dessa metodologia/objetivo que este projeto se inseri, um chamamento de (re)pensarmos, (re)organizar as novas atividades da Roda Griô, partilhas e vivências das questões educacionais, de gênero e afrodescendência.

O primeiro (re)encontro foi carregado de afeto/afetações, sensibilidades afloradas pela possibilidades de aconchego mesmo diante do contexto. As narrativas nesse encontro se voltaram para descrever os cuidados de si, ao mesmo tempo em que fomos envolvidos em uma teia de narrativas de vivências/experiências de como lidar com o contexto formando uma rede de cuidados. Experiências/vivências que se imbricaram em (re)encontros de si e com os nossos. A volta para casa, para perto dos pares e para o corpo que somos, nos fez perceber o quão é caro pertencer a si mesmo, como somos fragmentados ou alienados do lócus/corpos que nos constituiu em busca do *ser-que-não-pode-ser*.

Enquanto os relatos/vivências foram sendo descritos pelos partícipes desse (re)encontro, a memória também começava a fazer retornos, principalmente do dia 10 de março de 2020 quando voltamos para casa com a bagagem cheia de dúvidas/inquietações. Nesse trajeto, ficávamos imaginando a angústia de Conceição Evaristo em “Olhos d’água” (2016) ao se questionar “de que cor eram os olhos da sua mãe”, um conto carregado de emoção e indignação nos levou a conscientizarmos dos caminhos e objetivos em busca desse *ser-que-não-pode-ser* e que nos levou para longe dos nossos. Objetificados, não nos damos conta dos detalhes que nos constituiu enquanto força vital. A partir dessa Roda voltamos a essa consciência.

Assim, seguindo o exercício/angústia de Evaristo vamos tentando/fazendo *retornos* de experiências e sensações dos detalhes, como por exemplo, dos risos e afetações enquanto tomávamos café juntas/os a tardezinha, momento em que tecíamos os relatos de um dia de trabalho e compartilhávamos memórias de outros tempos e

outras/os sujeitas/os. Dos cheiros que compunham as nossas manhãs antes de sairmos aligeiradas/os para irmos para escola e trabalho e de acordar com cantos e encantos da simplicidade de uma vida cidadã interiorana.

Antes era comum reclamar que 24 horas diárias não eram suficientes, na vida da cidade grande, em tempos/hoje pandêmicos percebemos que 24 horas são mais do que suficientes. A quebra de rotina te deixa por um tempo perdido, a insegurança te faz repensar novos comportamentos e afetações. Manhãs mais longas e muito tempo ociosos e a sensação de estar o tempo todo só. Pensando neste atual isolamento social obrigatório é que nos perguntamos: Como estão sendo esses cuidados que temos que ter conosco e com o próximo? Quais narrativas podem ser observadas e compartilhar a ponto de nos afetar como pesquisadores? Podemos contribuir para nossa melhor vivência familiar e social em tempos/hoje de isolamento social?

Cuidar/cuidado varia entre as culturas e está fortemente vinculado à estrutura social da mesma (LEININGER, 1984a). A ideia de cuidar/cuidado da autora está ligada à disponibilidade e assistência que prestamos ao próximo. A maneira de/que cuidar/cuidamos dos nossos está diretamente ligada ainda com o período da escravidão dos povos africanos, que tiveram que adaptar suas formas de cuidar/cuidados e afetos, causados por atrocidades cometidas por homens brancos durante o período de escravização ocidental-eurocêntrica. Os escravizados tinham que reprimir sentimentos para continuar firmes nos seus trabalhos prestados os senhores do engenho, mesmo com a abolição essa repressão de sentimentos está presente em toda a extensão do nosso país, Brasil, onde sentimos esse impacto no ato de amar como afirma bell hooks em Vivendo de amor (2010, p.

02), quando diz que somos incapazes de amar o próximo sem antes ter nosso amor íntimo. A palavra íntimo é a substituição da palavra próprio. Esta é muitas vezes usada para descrever o amor que você precisa ter por você mesmo, sim, também é sobre esse mesmo amor que estou falando, mas ainda sentimos que a palavra íntimo nos atravessa mais, pois vem de intimidade, de se conhecer internamente é desenvolver um amor puro por nós mesmos. Com isso podemos amar outras pessoas e ajuda-las a se amar e permear cuidados tecendo uma grande rede de apoio.

O cuidador está diretamente ligado ao ato de amar. No projeto, “*Covid-19: Narrativas e cuidados de pessoas afrodescendentes em relação à pandemia*”, percebemos no decorrer dos encontros que práticas de exercícios físicos, relaxamentos, cuidados com a natureza e animais estão presentes nas narrativas dos participantes. A dedicação de tempo para ouvir narrativas e as informações partilhadas nos encontros serve como maneiras de cuidar/cuidados.

Discussão

Em um espaço/contexto que se abre diante de afetações na escolha entre a economia ou a vida, estamos diante da encruzilhada que estruturamos nossa existência. Não podemos escolher diante da necropolítica estabelecida entre o retorno às atividades “normais” ou ficar em casa. Os que podem/decidem viver terão que criar “novos”/velhos hábitos, para isso, recorrer a *costumes/culturas* (a relação com o corpo e com a natureza), tidas por um *privilégio epistêmico* (GROUSFOGEL, 2016) como “saberes tradicionais” desconsiderados diante da “valoração de conhecimentos”

cientificistas, que é irrelevante se não for uma ciência engajada na vida.

Considerações Finais

Assim, seguimos nossos encontros praticando cuidados e gerando amor, bell hooks diz que o amor cura, e a recuperação está no ato de amar. Talvez o amor não seja a cura ou vacina para o vírus *Covid-19*, mas pode ser a cura para dias e momentos ruins, a solidão e até mesmo a falta de esperança.

No decorrer das fases da pandemia percebemos que “velhas” práticas voltam ser exercidas de uma “nova” forma em casa, o conhecido Home office, por exemplo. No desejo de ter um pouco da rotina que tínhamos antes da Pandemia, os retornos são gradativamente e logo nos sobrecarregamos de aulas, trabalhos, reuniões afunilando o muito tempo ocioso que no início da pandemia gerava um incômodo e que agora gera uma grande sobrecarga.

Ainda sim, submergidos em uma grande escala de afazeres, notamos que o vírus que nos forçou a parar, fez com que o mundo (re)pensasse suas formas de cuidar/cuidados. Ainda que tenhamos que lidar com a quantidade de energia e dados estatísticos ruins, a pandemia está nos dando uma oportunidade de reconhecer e descobrir o *amor-cuidar-cuidados-curas*. E, apontando para as nossas descobertas sobre antigas práticas de bem-viver.

Agradecimentos

Agradecemos ao Programa Institucional de Bolsa de Extensão – PIBEX/UFPI e à Coordenadoria de Programas, Projetos e Eventos Científicos e Tecnológicos - CPPEC/PREXC.

Agradecemos imensamente a todos os praticantes culturais que compartilham conosco do “Projeto *COVID-19*: narrativas e cuidados das pessoas afrodescendentes em relação à pandemia” nas Rodas de Conversas do Núcleo Roda Griô-GEAfro, às sextas-feiras à partir das oito e meia da manhã.

Referências:

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistémico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, jan/abr 2016.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Cia das Letras, 2020.

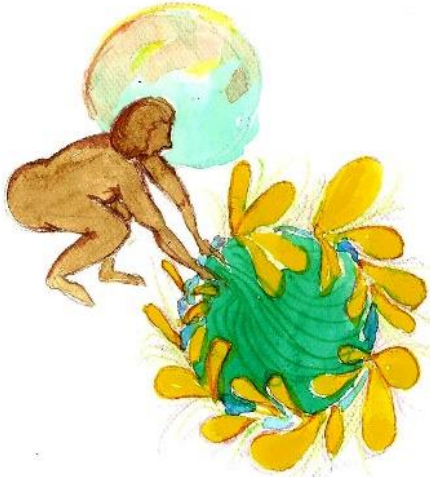
LEININGER, M. **Cuidar a essência da enfermagem e da saúde**. Thorofare, Charles B. Slack, 1984. cap. 1. p.3-15.

HOOKS, bell. **Intelectuais Negras**. Revista Estudos Feministas, V.3, nº 2, 1995, p. 454-478. _____. **Vivendo de amor**. In: Geledes,

2010, s/p. Disponível em: <http://arquivo.geledes.org.br/areas-de-atuacao/questoes-de-genero/180-artigos-degenero/4799-vivendo-de-amor>. Acesso: Setembro de 2020.



CONCLUSÃO



AGRADECER

Francilene Brito da Silva

O projeto de extensão “Projeto COVID-19: Narrativas e cuidados das pessoas afrodescendentes em relação à pandemia” é o resultado de uma experiência iniciada no dia 10 de abril de 2020 quando o Núcleo de Estudos e Pesquisas Roda Griô – GEAfro: Gênero, Educação e Afrodescendência da Universidade Federal do Piauí começou a realizar videoconferência, via internet em plataformas digitais, como atividade remota dos estudantes e da comunidade que já participava do Núcleo em períodos anteriores à Pandemia da *Corona Virus Disease*, ou COVID-19. Nessas videoconferências, cada participante tinha alguma narrativa para ser socializada como cuidado e nova experiência sobre o contexto pandêmico e seus desdobramentos.

Nascia aí um canal de compartilhamento de dores, medos, incertezas e muito esperar (no sentido de fazer algo para não apenas esperar). Então, em julho de 2020 começamos uma jornada de discussão sobre nosso bem-viver e os aspectos dos cuidados que essas narrativas fortaleciam em cada praticante cultural a partir de temas escolhidos por cada pessoa inscrita e não inscrita neste projeto de extensão. Portanto, este projeto foi uma tentativa de ampliar essas experiências, já que uma das maneiras de se trabalhar a vulnerabilidade da população afrodescendente é justamente a formação de comunidades que criam redes de colaboração/confiança, bem como, de interação, informação e conhecimento mais seguros diante dos desafios atuais.

Durante todo o período de julho a dezembro de 2020, a nossa ação foi colaborar com o trabalho de setores de atendimento da universidade no atendimento à comunidade estudantil, mas também não estudantil, com relação à saúde mental e emocional de uma população que já é majoritária no Estado do Piauí: as pessoas afrodescendentes: mulheres e homens jovens, adultos, idosos, sem discriminação de gênero e de formação educacional, desempregados ou em subempregos. E, é essa população que mais sofre na atual Pandemia.

No dia 30 de janeiro de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) decidiu e declarou ao mundo que a doença causada pelo novo coronavírus, chamada popularmente por COVID-19 constituía então uma nova emergência mundial de saúde pública de âmbito internacional. O “mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional foi acionado.

Em 11 de março de 2020, o novo coronavírus, SARS-CoV2, causado pela doença COVID-19, foi caracterizado pela OMS como uma

pandemia.” (OPAS Brasil, 2020). Segundo a OMS: “Foram confirmados no mundo 5.593.631 casos de COVID-19 (104.505 novos em relação ao dia anterior) e 353.334 mortes (4.221 novas em relação ao dia anterior) até 28 de maio de 2020” (OPAS, 2020). Hoje, dia 08 de janeiro de 2021, já somamos 85.929.428 casos confirmados e 1.876.100 mortos.

Diante destes dados, poderíamos nos perguntar: O que vamos agradecer?

E, como se não bastasse o enfrentamento diário da população, ainda lutamos contra as Fake News como por exemplo: vacina da gripe aumenta risco de contaminação do vírus, café previne o coronavírus e beber água cura a pessoa infectada como informa o Ministério da Saúde do Brasil (2020); por isso a formação de grupos como Roda Griô virtuais no compartilhamento seguro e como rede de promoção de narrativas de cuidado da população afrodescendentes foram tão importantes nesse momento. Ainda como se não bastasse, declarações de autoridades científicas internacionais pedindo que vacinas fossem testadas em pessoas de África sem nenhuma responsabilidade humanamente decente. No dia 06 de abril de 2020, às 13h54, foi publicada uma matéria no site “Isto É Dinheiro” (GIRO, 2020) em que o diretor geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, condenava “comentários racistas” de pesquisadores que recentemente se referiram à África como ‘um campo de testes’ para uma potencial vacina contra a COVID-19, denunciando ‘o legado de uma mentalidade colonial’. Esse tipo de mentalidade e imaginário de colonialidade (QUIJANO, 2005; MIGNOLO, 2003) é a mesma que nos legou uma história em que os afrodescendentes brasileiros continuam sofrendo com as desigualdades de raça, de gênero, de

classe, de território, os quais anunciam e enunciam desequilíbrios sociais.

Foi neste cenário que tentamos nos apoiar e tecer uma rede de conhecimentos sobre nós mesmas/es/os. As citadas e interseccionais desigualdades, nesta pandemia, se evidenciaram de modo exponencial, as situações que localizam aquela população (em seus modos precarizados de existências) só se agravaram. Tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil as pessoas afrodescendentes, em seus diferentes nichos sociais, estão apresentando uma maior vulnerabilidade no que diz respeito ao novo coronavírus em comparação às pessoas eurodescendentes (ROCHA, 2020). Então, nos perguntamos novamente: Por que agradecer?

Agradecemos porque os esforços de muitas/cientistas fizeram surgir a vacina; porque aprendemos a ser mais solidários conosco mesmas/es/os e com as pessoas que precisam de nós; pelas novas maneiras/novas pedagogias de decolonizar e ter como possibilidades outras visões/sentidos sobre ser afrodescendente em toda parte do mundo (BOAKARI et al, 2018). Além disso, agradecemos porque estamos aprendendo a discutir nossas próprias narrativas sobre nossos cuidados, um legado que deixaremos para o futuro; porque podemos tornar possível novas experiências como práticas sociais e educativas, para estarmos vivos e com saúde física, mental, epistêmica, emocional, dentre tantas outras maneiras de estarmos bem no mundo (BOMFIM, 2013; MACHADO & SILVA, 2019). Também agradecemos o compartilhamento de tantos saberes que aqui foram registrados e celebrados em cada encontro do Projeto. Nele, descobrimos que não basta estar vivas/es/os, é preciso criar laços de confiança e afetos para estarmos pessoas sãs.

Descobrimos que pequenas ações, no cotidiano, se tornam práticas de bem-viver quando nós, sujeitos afrodescendentes no cuidado de si e dos outros, aprendemos a importância de não se deixar abater pelos racismos existentes e sorrateiros nas instituições e em diferentes lugares que tentamos habitar. Estas práticas, que ainda iremos continuar descobrir daqui em diante, serão as próprias intervenções provocadas pelos diálogos que tecemos nessa pequena comunidade de diálogos que foi a Roda às sextas-feiras no ano de 2020.

Descobrimos que não há fórmulas mágicas para detectá-las e aplicá-las. Pois, somente através das partilhas em grupo, nesse coletivo, é que iremos vivenciar, de acordo com o conhecimento que cada pessoa for adquirindo umas com as outras através de uma “escuta sensível”.

Nós agradecemos enfim por ter criado uma ambiência no espaço-tempo virtual, pois, não usamos simplesmente a plataforma (Goog Meet) para dialogar, o que fizemos foi humanizar a tecnologia com os nossos afetos, falas, autobiografias, histórias locais e tentativas de insistir ter vida digna.

Com este projeto, discutimos as velhas formas de racismos sobre nós: mulheres, lgbtq+, homens, idosos, crianças, pessoas com necessidades especiais, estudantes ou não, pesquisadores ou não – todos/es/as afrodescendentes, ou seja, brasileiros/es/as, que trazem em seus corpos a cor da pele como marcador que denuncia os mecanismos da morte e das discriminações. Estas pessoas fazem parte de um novo grupo de risco, para além do já discriminado, um grupo de contágio pelo novo Coronavírus. Mas, sobretudo, somos agradecidas/es/os por sermos **afrodescendentes**.

Referências:

ALMICO, Rita de Cássia da Silva; GOODWIN JR, James William; SARAIVA, Luiz Fernando. (Orgs.). **Na saúde e na doença: história, crises e epidemias: reflexões da história econômica na época da covid-19**. São Paulo: Hucitec, 2020. Disponível em: <https://www.joserobertoafonso.com.br/na-saude-e-na-doenca-almico-et-al/>. Acesso em: 22 mai. 2020.

BOAKARI, Francis Musa et al. (Orgs.). **Descolonialidade e Cosmovisões: pesquisas sobre gênero, educação e afrodescendência**. Teresina: EDUFPI, 2018. Disponível em: https://www.ufpi.br/arquivos_download/arquivos/EDUFPI/E-BOOK_2018_18_set_201820180918153950.pdf. Acesso em: 06 mai. 2020.

BOMFIM, Maria do Carmo Alves do; BOAKARI, Francis Musa & NEVES, João Evangelista de Araújo. **Educação, Diversidades e Políticas de Inclusão**. (Orgs.). Teresina: EDUFPI, 2013. (Volume 1).

CIDADE VERDE. No Piauí, 80% dos piauienses se consideram pardos ou pretos; é o 3º Estado do Nordeste. 13 nov. 2020. Disponível em: <https://cidadeverde.com/noticias/312176/no-piaui-80-dos-piauienses-se-consideram-pardos-ou-pretos-e-o-3-estado-do-nordeste>. Acesso em: 29 mai. 2020.

GIRO. **OMS critica racismo de cientistas que querem que África seja ‘terreno de testes’ para vacina contra coronavírus**. In: AFP,

ISTO É DINHEIRO. 06 abr. 2020 - 13h54. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/oms-critica-racismo-de-cientistas-que-querem-que-africa-seja-terreno-de-testes-para-vacina-contracoronavirus/>. Acesso em: 28 mai. 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MACHADO, Raimunda Nonata da Silva & SILVA, Sirlene Mota Pinheiro da. **Vozes Epistêmicas & Saberes Plurais: Gênero, Afrodescendência e Sexualidade na Educação**. São Luís: EDUFMA, 2019.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias Locais/Projetos Globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Tradução: Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Coronavírus (COVID-19)**. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/component/tags/tag/novo-coronavirus-fake-news>. Acesso em: 28 mai. 2020.

OPAS – ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE NO BRASIL. **Folha informativa – COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus)**. Atualizada em 28 de maio de 2020. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875. Acesso em: 28 mai. 2020.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. **A Colonialidade do saber,**

eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), 2005. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2014.

ROCHA, Camilo. **O impacto do racismo estrutural nas mortes por covid-19**. In: NEXO. 15 de abr de 2020 (atualizado 17/04/2020 às 13h45). Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/04/15/O-impacto-do-racismo-estrutural-nas-mortes-por-covid-19>. Acesso em: 28 mai. 2020.

